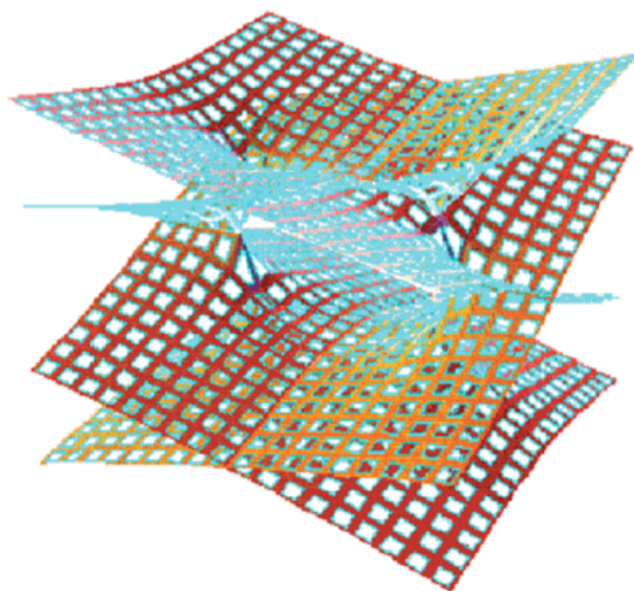


WUNSCH

Número 23
março 2023

CONTRIBUIÇÕES DOS CARTÉIS EFÊMEROS
DO CIG 2021-2022

O PASSE A ANALISTA
VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA
30 de junho de 2022, Buenos Aires



EDITORIAL

O número 23 da *Wunsch* aparece ao término do trabalho do CIG 2021-2022. Vocês encontrarão aqui, como de costume, as contribuições do Encontro Internacional da Escola de junho de 2022, em Buenos Aires. Porém, para as contribuições dos membros do CIG que abrem este volume, nós escolhemos um formato inédito.

Durante dois anos este CIG levou suas reflexões sobre o passe em plenárias - entre dezessete, portanto - a partir de pequenos textos escritos sucessivamente por cada um de seus membros. Sem dúvida, é a esse formato respeitoso com todas as vozes que nós devemos a atmosfera de curiosidade alegre e amigável que prevaleceu durante este CIG, para a satisfação de todos, me parece. No entanto, para passar ao escrito - neste número de *Wunsch* - nós escolhemos o inverso. Elaborações de cada um, certamente, mas em quatro cartéis efêmeros, constituídos por sorteio e que escolheram seus respectivos temas e modalidades de trabalho.

Lendo estes textos, vocês não poderão deixar de notar, creio, o quanto nós seguimos os passos que deu Lacan nos textos e proposições que ele dedicou ao passe. Seria preciso dizer “seu passe”, já que foi ele que isolou o momento clínico e a estrutura de sua virada em cada análise, que inventou o dispositivo para avaliá-lo, e que lhe consagrou diversos comentários. Ao longo dos anos, todos esses avanços foram lidos, estudados, explicitados e se tornaram, no mínimo, familiares para nós, o que nos coloca em uma posição muito diferente daquela dos primeiros júris do passe na Escola freudiana de Paris. Eles só o conheciam pelo texto “Proposição sobre o psicanalista de Escola” e nada mais. Hoje em dia nós dispomos não apenas dos comentários de Lacan de diversos momentos, mas também de dois textos: A proposição de 1967 e o Prefácio à edição inglesa do Seminário XI, de 1976. Esta última, de dez anos depois, já não diz mais a mesma coisa, nem do inconsciente, nem da análise finita. A questão a partir disso é saber até onde nós tiramos consequências desse texto. Ele foi lido, comentado, mas o que foi feito dele nas próprias análises e no dispositivo onde elas são avaliadas quanto à passagem a analista?

Relendo-o hoje, uma vez mais, me parece que ele aporta consequências muito “práticas” para cada psicanálise e para o dispositivo. Dizemos, é claro, de acordo com os termos, orientação para o real fora do sentido, mas como se prova isso? A expressão é, ainda por cima, enganosa, já que ela faz pensar que o real é um ponto de parada onde daria para se deter.

Nada a ver com o que Lacan descreve nesse texto. O fora do sentido dos signos que cifra o inconsciente - seja nas formações episódicas ou na “*fixion*” do sintoma - “o que se sabe, consigo”, desvaloriza a articulação do meio-dito da verdade, mas não se pode nem o transmitir, nem se instalar aí, já que, ao examiná-lo, se sai dele. Nenhuma amizade que se sustente. Fica então apenas uma ponderação, uma alternância entre o inconsciente transferencial e o inconsciente real, essas duas *diz-mensões* irredutíveis, transcendentais a toda vontade e cuja irredutibilidade experimentada repetidamente pode... satisfazer. Satisfação paradoxal, sem dúvida. Não é um luto, mas o contrário, tampouco é um clarão essa satisfação, e ela tem efeitos: fim da “miragem” da verdade, diz o texto. O que quer dizer, no plano

prático, a queda da libido associativa, ou seja, a desvalorização em ato do relato analisante e - destaque isso - inclusive dos sonhos. Supondo alcançado este fim que toma nota do inconciliável das duas *diç-mensões*, de sua solidariedade e seu respectivo impasse, para o dispositivo se coloca a questão de saber como a hystorização do percurso pelo passante pode não desmentir isso que foi alcançado. Talvez seja preciso uma hystorização menos tagarela, de todo modo, menos tagarela que a da análise, uma do tipo da que Lacan parece dar como exemplo quando ele diz que se ele tivesse feito o passe, ele poderia ter dito: eu sou poema, não poeta, mas eu assino. Uma frase que, infelizmente, não é de abertura, mas de fechamento! Teria ele a possibilidade de ser nomeado?

Vemos o quanto ainda há para ser feito para encontrar “seu passe” e isso é empolgante.

Colette Soler, CAOÉ 2021-2022
Esta quinta-feira, 2 de março de 2023

Tradução: Beatriz Chnaiderman

CONTRIBUIÇÕES
DOS CARTÉIS EFÊMEROS
DO CIG 2021-2022

Wunsch n°23

CARTEL 1
PASSE E LALÍNGUA
ANA ALONSO, NICOLAS BENDRIHEN,
BEATRIZ OLIVEIRA, BERNARD TOBOUL

UM FLASH¹

Nicolas Bendriben
Paris, França

« *Le monde attend d'être dit,
Et tu ne viens que pour dire.
Ce qui est dit t'est donné :
Le monde et son mot de passe* »²

François Cheng

É emocionante quando, no fluxo de palavras relatadas pelos passadores, de repente, a corrente parece parar por um momento, suspender-se e depois retomar seu curso, não exatamente como no momento anterior. Uma feliz contingência, onde, por um tempo, se escolhe em poucas palavras o que pode ser o limite de uma história, como um ponto real a partir do qual se dá uma virada. O passador é tocado por ele, pois ele mesmo está nesse momento de virada. No entanto, não é imediatamente que uma tal redução pode impressionar na escuta de um testemunho de passe. Das milhares e milhares de palavras ditas na análise, o passante tem que extrair algumas, para historicizar seu percurso e fazer ouvir o que tem sido para ele a eficácia,

¹ Éclair pode também ser traduzido por raio ou clarão

² Cheng, F. -*Contes toscans*, extrait cité dans *L'Herne, François Cheng*, Paris, L'Herne, 2022, p. 22.

N.T. Não foi encontrada uma tradução estabelecida do poema. Optamos por manter o original e incluir aqui a proposta de tradução realizada gentilmente por Roberto Zular e Tatiana Assadi:

O mundo espera ser dito,

E você não vem senão para dizer

O que é dito é dado a você

O mundo e sua senha (palavra de passagem)

o inesperado, o inédito destes anos de sessões e o ponto a partir do qual ele se autoriza como analista. Extração que implica ter feito o trabalho de se desprender dos ditos, de adesão à história a fim de visar o que não pode ser reduzido à história e que o cartel por sua vez pode ouvir, deduzir, supor, construir... a partir de todos esses ditos. Do lado dos cartéis do passe, notamos uma grande diversidade de passantes com esta questão, com uma narrativa que visa o todo prevalecendo por vezes sobre este trabalho de depurar.

Em Barcelona em 2018, Colette Soler evocou a “performance” do passante, uma performance em dois tempos. “[...] se trata de uma performance de transmissão que, assim como a do chiste, supostamente deveria passar, segundo Lacan, justamente por um efeito produzido sobre o outro, em primeiro lugar sobre a placa sensível dos passadores que fazem passar o efeito [effeĀ], – o effect recebido. [...] No fim das contas, neste dispositivo, vamos apostar, então, naqueles que pensam ter captado algo de sua própria análise – primeira performance – e que conseguem fazer passar – segunda performance.”³

Não é isso que podemos aprender com o testemunho da ocorrência de um *flash*, onde de forma inesperada e absolutamente contingentemente, ocorre para o analisante que ainda não é um passante, em seu tratamento, este momento muito particular que é a virada do passe? Longe de lançar luz sobre tudo, pode, no entanto, revelar-se no espaço de um instante, outra coisa além do que até então era o saber fantasmático que orientava sua vida. Esse surgimento, mesmo que breve e inesperado, pode deter um testemunho e impressionar os passadores o suficiente para torná-los por sua vez, sensíveis ao cartel.

A partir desse *flash*, cabe ao sujeito, então, tirar as consequências, incluindo a dimensão de incompletude que essa travessia revela e toca. Cabe então ao sujeito, lidar com o que surgiu, com o clarão do relâmpago, um clarão de *lalangue*, mas também com o vazio que foi vislumbrado, com o que permanece incurável e irreduzível a qualquer operação analítica. Porque essa travessia é apenas o começo: se o fantasma não está mais no controle, o real, ele resta real, não é tocado por ela e sempre retorna ao mesmo lugar. O que é tocado é o sujeito em sua relação com o real: como ele se orienta a partir de agora? O que ela faz seus passadores e o cartel ouvirem? O que se segue após o relâmpago que fez virada?

A performance então poderia não visar a dizer tudo, mas fazer passar esses poucos fragmentos de *lalangue* surgidas dessa travessia no fluxo de palavras e da história, que a análise recolheu, extraiu, reduziu – para esta segunda performance: que isso passe para aqueles que saberão ouvi-lo, que poderão ser tocados, e apostarão no reconhecimento deste toque real do qual AE pode ser um dos nomes.

Tradução: Elynes Barros Lima

³ Soler, C. “O que não se garante”, *Wunsch n.19*, EPFCL, 2019, p. 43.

A TRAVESSIA¹

Ana Alonso
Madrid, Espanha

*Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas que já
têm a forma de nosso corpo e
esquecer os nossos caminhos, que
nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia: e, se não ousarmos
fazê-la, teremos ficado, para sempre,
à margem de nós mesmos*

*Tempo de Travessia –
Atribuído a Fernando Pessoa²*

Talvez haja algo de intransmissível na psicanálise. Assim conclui Lacan em 1978³, quando afirma ter tentado obter alguns testemunhos sobre o modo como se torna psicanalista. Pois há no procedimento do passe uma tentativa de transmissão da experiência que produziu a metamorfose do sujeito, a passagem de analisante a analista. O passante quer mostrar, dar conta de algo que aconteceu com ele, que aprendeu, e aí a língua mostra algo que não é o sentido e que é algo que toca, saber encarnado em língua que aponta para um saber sobre o real, como foi indicado em seu texto pela colega Beatriz Oliveira⁴.

Mas nos cartéis, como podemos, com a linguagem, dar conta do real? Talvez aí, apenas a estrutura da linguagem não seja suficiente, já que o *falasser* não se reduz apenas à linguagem e assim me pergunto pelo estilo do passante em seu testemunho.

“Qual é esse aspecto da função do estilo? Tem uma função de transmissão. Lacan enfatizou, em um discurso o estilo está mais do lado da maneira. Não é apenas uma questão estética, mas um fator causal que tem efeitos”.⁵

O quê e como isso passa?

Nesse ponto de virada, pode ocorrer o ato e a emergência de um desejo que não pode ser formulado. Então, o que passa não é o saber, mas o desejo que surgiu ali uma vez que o horror de saber foi atravessado.

Assim como o chiste que diz algo fora de sentido, que ressoa nos outros produzindo um efeito cômico, ao qual os passadores são sensíveis e deixam passar até o cartel, chiste que quando tentamos dar conta ou explicar perde o efeito de produzir o riso, porque como o estilo é irreproduzível. Estilo que não vem do Outro, é o que não se pode imitar, o mais característico de um *falasser*.

¹ Texto realizado no cartel efêmero formado com Nicolás Bendrihen, Beatriz Oliveira e Bernard Toboul sobre “Passe e língua”.

² Atribuído a Fernando Pessoa, embora na Internet apareça também como autor Fernando Teixeira.

³ Lacan, J. “Conclusões do IX Congresso da Escola Freudiana de Paris”, 1978.

⁴ Oliveira, B. “O que se lê no cartel do passe?”, neste mesmo número de *Wunsch*.

⁵ A partir de C. Soler. “Estilos de passes”, *Wunsch* n° 10, EPFCL, 2011.

No passe, o passante leva o testemunho de sua experiência com seu estilo, embora não possa dar conta disso, é antes o estilo o que atesta. Assim, o estilo pode se traduzir no modo de dizer do passante, índice da relação com o real, junto com a ética do sujeito.

Retomo uma pergunta, a partir de um parágrafo do trabalho do meu colega Nicolas Bendrihen:

“Cabe então ao sujeito, lidar com o que surgiu, com o clarão do relâmpago, um flash de lalange, mas também com o vazio que foi vislumbrado com o que permanece incurável e irreduzível. Porque essa travessia é apenas o começo: se a fantasia não está mais no controle, o real segue sendo real, e sempre retorna ao mesmo lugar. O que é tocado é o sujeito em sua relação com o real: como ele se orienta a partir de agora?”⁶

Real, como assinala meu colega Bernard Toboul em seu trabalho:

“Real que é não todo e uma direção do tratamento, a ser entendida como direção ao real, se torna disruptiva e o ato analítico prepara a prática para a aproximação ao não todo”.⁷

Há, então, um "estar advertido" do inesperado que pode acontecer num ir e vir próprio do fazer em psicanálise e da vida. Há também um seguir orientado pelo desejo. E, como aponta Lacan na Nota Italiana⁸, uma mudança de afeto que vai do horror ao entusiasmo.

No Aturdido⁹ Lacan indica que para o sujeito, a partir do encontro com as três dimensões do impossível que vem desbravando no tratamento, resta como possibilidade saber se fazer uma conduta. Conduta que remete a uma ética que indica a posição do sujeito diante do real, para não recuar diante do real.

Conduta que, como o estilo, vai se conectar com o *sinthoma*, estilo que faz o *falasser* ao enodar lalíngua com o imaginário e o real. Assim diz Colette Soler: “é o maior índice da maneira como um ser é afetado pelo inconsciente lalíngua”¹⁰.

Tradução: Beatriz Oliveira

O QUE SE LÊ NO CARTEL DO PASSE?

Beatriz Oliveira
São Paulo, Brasil

Desde o início do trabalho neste CIG, me pergunto a respeito de como é possível transmitir algo do momento de passe a analista. No trabalho que apresentei na Jornada de Escola do CIG, que se encontra neste número de *Wunsch*, sobre “Uma escuta menos alfabesta”, falo a respeito da importância de que os membros do cartel do passe sejam sensíveis aos efeitos do dizer do passador, mais além dos ditos do passante: “Se esse saber no Real, fora do sentido, efeito de lalíngua que demonstra o impossível de fazer relação só poderia ser transmitido de forma contingente, há que se estar com a escuta aberta para ler aquilo que sustenta os enunciados do passante, há que saber ler de maneira menos *alfabestificada*”¹¹. Retomo naquele momento este neologismo de Lacan referindo-se aos efeitos da norma da língua sobre o silenciamento de *lalíngua* para o ser falante.

⁶ Bendrihen, N. Um *flash*. Nesse mesmo número de *Wunsch*.

⁷ Toboul, B. O *flash*, o real, o não-todo. Nesse mesmo número de *Wunsch*.

⁸ Lacan, J. Nota Italiana, 1973. *Outros escritos*.

⁹ Lacan, J. O Aturdido, 1972. *Outros escritos*.

¹⁰ Soler, C. Estilos de Passe. *Wunsch* n. 10, *op. cit.*

¹¹ Lacan, J. *Posfácio* ao Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2003.

Nesse sentido, saber ler de uma maneira menos “*alfabetificada*” além de permitir abrir os ouvidos à escuta das contingências de *lalíngua*, também implica não repetir o alfabeto do que nos ensinam em nossas paróquias e poder aprender as novas línguas que cada experiência nos cartéis do passe nos apresenta. Assim, acho importante estarmos advertidos de nossos próprios catecismos: me parece que nisso possa residir o frescor e abertura que o dispositivo do passe tem a oferecer à Escola.

Queria trazer como questão¹² a respeito de como é possível um Cartel “ler” aquilo que se escreve pelos ditos de um passante, testemunhados, recortados, transmitidos pelo passador. Nos cartéis em que pude participar, ficou muito claro que há um trabalho ativo na redução daquilo que se escuta nos testemunhos aos seus pontos principais, buscando cernir a lógica de cada caso, na expectativa de encontrar ali o que se pôde escrever sobre a passagem a analista. Que um passante diga que terminou sua análise e venha testemunhar de como se virou para “sair de sua neurose”, como dirá Lacan em 78, não é suficiente para que seja possível a um Cartel extrair o momento de passagem de analisante a analista. Isso não quer dizer que esta passagem não tenha acontecido, mas sim que não foi transmitida.

Há várias razões para que essa passagem não tenha sido transmitida: seja porque o passante de fato não a atravessou; ou porque o passador não pôde exercer a função tal como se esperava; ou porque o cartel não foi sensível ao que se testemunhou. O que me parece interessante dessa montagem do dispositivo é justamente o fato de nem sempre conseguirmos dar as razões do porquê algo não “passou”. Diante deste cenário, se torna compreensível que sejam poucos os passes onde há nomeação: são muitos obstáculos em jogo para que esse momento de passagem se transmita.

Mas há situações em que a passagem a analista se transmite e os cartéis podem assim nomear um AE. Nesse ponto reside então o que queria trazer como contribuição e um passo a mais em relação ao texto anterior já apresentado.

No sem XX, Lacan dirá:

Aquilo que fala só tem a ver com a solidão, no que diz respeito à relação que só posso definir dizendo, como fiz, que ela não se pode escrever. Essa solidão, ela, de ruptura do saber, não somente ela se pode escrever, mas ela é mesmo o que se escreve por excelência, pois ela é o que, de uma ruptura do ser, deixa rastro¹³ (LACAN, 1972, p. 163).

Entendo que Lacan está propondo que o fato de “não haver relação sexual” é o que “não para de não se escrever”, o impossível, o Real. Assim, não é o Real o que se escreve em uma análise, mas sua ex-sistência se prova pelo que se escreve. Em outras palavras: essa ruptura do saber, aqui nomeada como solidão, pode se escrever contingencialmente e demonstrar a ex-sistência do Real.

Eu escrevi para a Jornada de Escola do CIG, em BsAs que “a aposta de Lacan ao final de uma análise é de uma outra relação com o saber inconsciente, saber sem sujeito, um saber sobre o impossível. Não será então o ato predicável, mas sim seus efeitos; “*um saber que só se revela como legível*”¹⁴, um saber no Real. O que nos leva a pensar que uma das consequências do ato de passe a analista é justamente um outro saber, não mais suposto no Outro, mas “*que deve levar em conta o saber no Real*”¹⁵”.

Assim, podemos pensar que esse saber só se torna legível a partir do momento em que contingencialmente se escreve o que não cessava de não se escrever, provando a ex-sistência

¹² Agradeço a discussão no cartel com Ana Alonso, Bernard Toboul e Nicolas Bendrihen.

¹³ Tradução: no francês se lê, RASTRO.

¹⁴ Lacan, J. (1969) O Ato Psicanalítico. In: *Outros escritos*, p.372

¹⁵ Lacan, J. (1973) Nota Italiana. In: *Outros escritos*, p. 312

do Real. Nesse sentido, teremos notícias do ato de passagem a analista por suas consequências: uma nova relação com o saber, Real.

Tomo como exemplo um recorte do testemunho de Anastasia Tzavidopoulou (AE nomeada neste CIG). Ela dirá em um de seus testemunhos¹⁶ “as palavras se transformam, seguimos seu fio sem saber exatamente para onde nos levarão”. Lacan dirá que elas nos fazem deslizar e se pergunta se o efeito de sentido no seu Real se aguenta bem com o uso das palavras... (Lição 11/02/75- RSI). “A língua brinca conosco, ela nos captura, nos torna cativos (de cativo), nos cativa (afetados), nos prega peças e desvios”. Em seu testemunho, o vestígio de um descolamento e um des-locamento: o encontro com a “solidão do estreitamento das palavras”. Descolamento do suposto saber do analista e deslocamento ao que se sabe inconsciente.

“A impossível busca da palavra no dicionário, tornou-se palavra estrangeira, mas sem pertencer a uma língua; por estar muito próxima do Outro, remete a uma experiência da língua onde “algo, [cito Lacan ...]”¹⁷, resta indeciso entre o fonema, a palavra, a frase, mesmo todo o pensamento” e impele no só-depois, a uma outra língua, língua também estrangeira, a do inconsciente e de sua lógica encontrada na análise.”

Gosto da expressão que Anastasia apresentou: “solidão do estreitamento das palavras” e a referência a essa “língua estrangeira, do inconsciente”, absolutamente singular. Ao longo de uma análise fragmentos de saber se precipitam, pedaços de real que têm um efeito feminizante, não todo, diante do qual, algo dessa língua estrangeira se escreve. É só a partir daí que uma marca se faz, algo singular que permite encontrar uma saída para a inex-sistência. Uma solidão que se transmite.

Nos textos de meus colegas Nicolas Bendrihen e Bernard Toboul, encontro duas passagens que vão de encontro a isso que “passa”:

Nicolas dirá: *“A performance (do passador) então não poderia visar a dizer tudo, mas a passar esses poucos fragmentos de língua que emergem dessa travessia no fluxo das palavras e da história, que a análise recolheu, extraiu, reduziu – para esta segunda performance: deixe-a passar para os poucos que poderão ouvi-lo, que poderão ser tocados por ele, e apostarão em reconhecer esse toque real do qual AE pode ser um dos nomes.”¹⁸*

Em seu texto, Nicolas fala de um “toque Real”, ou um momento contingente a partir do qual há uma mudança radical do sujeito em relação ao Real, quando o fantasma não está mais no comando, estabelecendo um antes e um depois. Como bem destaca Bernard em seu texto: *“O analista, no rastro do flash, pode acessar uma receptividade que é o segredo do poeta. O ato é seguido por, digamos, uma passividade superior (ou do terceiro tipo para fazer spinoziano), que é a condição de uma aproximação não-toda do real. // Nessa condição, algum pedaço do real é cernido. Nada além de pedaços do real, porque o real se esclarece como não todo”¹⁹.*

Assim, me parece que o que o Cartel do passe lê são estes fragmentos de saber sobre o Real que surgem desde esse ponto de ruptura e solidão que se fazem presentes nos testemunhos. A possibilidade de leitura do cartel é o que dirá, a posteriori, se ali algo se escreveu: um analista.

¹⁶ Tzavidopoulou, A. *Captivités. Wunsch 22*. Texto apresentado na Jornada Europeia de Escola – julho 2021.

¹⁷ Lacan, J. (1972-1973). *O seminário, livro 20, mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 154.

¹⁸ *La performance alors pourrait ne pas viser au tout-dire, mais à faire passer ces quelques bribes de langage surgies de cette traversée dans le flot des mots et de l'histoire, que l'analyse a recueillies, extraites, réduites – pour cette deuxième performance : que cela passe aux quelques-uns qui sauront l'entendre, qui pourront en être touchés, et feront le pari de reconnaître cette touche réelle dont AE peut être un des noms.*

¹⁹ *L'analyste, dans la trace de l'éclair, peut accéder à une réceptivité qui est un secret de poète. À l'acte succède, disons, une passivité supérieure (ou du troisième genre pour faire spinozien), qui est la condition d'un abord pas tout du réel. // À cette condition, quelque bout de réel se cerne. Rien que bouts de réel, car se désembrume le réel comme pas tout.*

O FLASH¹, O REAL, O NÃO TODO

Bernard Toboul
Paris, França

Nosso cartel trabalhou a partir do texto de Beatriz Oliveira, apresentado em Buenos Aires, e do testemunho do passe de Nicolas Bendrihen, que ele nos reproduziu. Eu farei duas séries de apontamentos sobre o texto de Nicolas Bendrihen, levando em conta a apresentação de Beatriz Oliveira.

1 - “A ocorrência de um *flash*”

A instância da letra fala da fâsca da metáfora. A primeira teoria lacaniana da metáfora vê nela a produção de um (+) de significação. A segunda teoria da metáfora, na terceira resposta de *Radiofonia*, utiliza novamente uma referência à eletricidade: a metáfora faz “disrupção”. A disrupção é um fenômeno físico que produz um choque elétrico. Lacan insiste nisso, a metáfora não é tanto produção de significação, e sim “uma pedra no lago do significante”.

Quanto ao *flash*, é um termo que, segundo Lacan, se aplica ao momento do passe - que também é disruptivo, como a explosão de riso que pontua o chiste. E Lacan associa o momento do passe ao jogo de palavras e ao lapso: é “o esp d’um laps”². O *Witz*, em *O avesso da psicanálise*, retomando o Seminário V, denota “sideração e luz”.

O “acontecimento de um *flash*”, do qual testemunha Nicolas Bendrihen, é dessa ordem.

2 - “Quais saídas após o *flash*?”

É o que se pergunta Nicolas. Grande questão, já que, a quem ocorre o *flash*, o risco é ficar eletrocutado - para seguir na imagem. Então, é preciso um dizer que faça saída; isso se chama passe. E assim entramos no tal “procedimento do passe”.

Mas atenção a essa atenção. Lacan adverte. Ao “*esp d’um laps*”, “basta que se preste atenção nele para que dele se saia”. Oras, saímos dele - do inconsciente - pela performance. Já não é o ato, é o fazer. Somos feitos, como o indica o nominalismo de Austin: a gente (se) faz (todas as) coisas com palavras.

Os psicanalistas sabem que performance implica gozo, até mesmo se reduz a isso. Deslocamento da satisfação. Lacan pontua: “o público se arranja com isso”.

Então, é preciso levar a sério o que responde Nicolas Bendrihen: “o que é tocado é o sujeito em sua relação com o real”. Fórmula que pede alguns complementos.

Mais do que “relação”, nós preferimos “abertura”. Estudando poesia - estou pensando em Hölderlin - nota-se que essa abertura é de fato uma receptividade. O analista, no rastro de um *flash*, pode acessar uma receptividade que é um segredo dos poetas. Ao ato sucede, digamos, uma passividade superior (ou do terceiro tipo, para os espinosanos), que é a condição de uma aproximação não toda do real.

Com essa condição, qualquer pedaço de real é cernido. Nada além de pedaços de real, já que se esclarece o real como não todo.

Lacan, em sua *Conferência de Caracas*: “O real que eu abordo na minha prática”, e adiante, “ele só pode ser admitido como não todo”. E já em 15 de abril de 1975, em *RSI*: “Isso leva a essa ideia que eu me aventurei a formular de que o real é não todo”.

¹ *Éclair*, que está sendo traduzido como *flash*, também significa raio ou relâmpago.

² Tradução de “l’esp d’un laps”, onde se lê “espaço de um laps”.

Wunsch n°23

Uma direção do tratamento, a ser entendida como direção ao real, se torna, portanto, disruptiva e o ato analítico prepara a prática para a aproximação do não todo.

Tradução: Beatriz Chnaiderman

CARTEL 2

DEMANDA, SURPRESA, LAÇO

CATHY BARNIER, CHRISTOPHE CHARLES,
MIKEL PLAZAOLA, TRINIDAD SANCHEZ-BIEZMA

A SURPRESA: SEMPRE OUTRA

Cathy Barnier
Paris, França

É a partir desses três significantes que nosso cartel, se apoiando sobre diferentes passes ouvidos, levou sua reflexão para articulá-los entre eles.

Demanda: há claro aquelas do analisante, depois aquela que sustenta seu dizer, aquela que terá motivado sua demanda de análise e sustentado a transferência até sua queda, à sua «demanda de passe», fórmula que nós utilizamos para dizer demanda de se submeter a um dispositivo para depositar/oferecer um testemunho oral do que reconheceu na sua análise de sua divisão, das condições particulares nas quais se produziu para ele a queda do sujeito suposto saber, e que seja verificado ou melhor, vislumbrado em que base ele fundamenta seu desejo de ser analista.

Por ocasião de nossas trocas no cartel, concordamos sobre o fato de que o que era esperado no passe pelo passante, a modalidade de sua demanda, coloria seu testemunho de certa maneira e, conseqüentemente, influenciava a decisão do cartel. Que se trate de uma demanda de reconhecimento, de uma «validação» de seu tratamento, ou da expectativa de que o cartel o completaria sua decisão, ou, ao contrário, a oferta de uma falta, de uma não-toda a partir do qual o passante tentou testemunhar à e para Escola. Os passadores, «placas sensíveis», num caso como no outro, ecoam isto e o prestam em seus testemunhos.

Depois que a demanda do analisante foi purificada na análise e que um ponto de parada a tenha feito cair, um certo tempo parece ser necessário para saber o que fazer com essa destituição, como se fosse necessário repassar pela falha para que um empurrão para dizer se imponha: alguma coisa do real surpreende, perturba novamente e, na pressa, uma demanda de passe vem aí responder.

Isto também pode ser, depois de ouvir um A.E. recentemente nomeada. Dependendo do caso, isto pode ser visto como um sinal de um saber mantido no outro ou, ao contrário, como o fato de que nos interstícios da fala do A.E. algo do real tocou o passante, fez eco para sua própria experiência, permitindo-lhe, assim, retomá-la. É também o que se passa, e pode acontecer no cartel entre seus diferentes membros, revelando a “fraternidade discreta” que os une.

Notamos com frequência, nos casos em que houve nomeação, uma sobriedade do testemunho, indo direto aos pontos essenciais, poupando assim os passadores e o cartel da narrativa de toda uma vida. Deve-se observar que os cartéis do passe são compostos por membros que falam idiomas diferentes, e o idioma do passante e/ou de um dos passadores pode ser diferente daqueles falados pelos membros do cartel. Alguém é então solicitado a traduzir. Fiquei surpresa, e outros comigo, ao notar durante um testemunho de um passe que

deu origem a uma nomeação que, embora eu não falasse a língua dos passadores, algo passava, para além da tradução, quase permitindo de a antecipar.

Em *RSI* Lacan diz que a nomeação é algo que podemos estar certos de que faz um buraco. A nomeação de A.E. seria assim duas letras para designar o que terá sido cuspidor deste buraco, duas letras para inscrever na Escola uma incompletude, seja ela uma disjunção no conhecimento, vislumbrada no testemunho, ou a maneira particular de um sujeito de se sustentar, em pleno conhecimento dos fatos, de sua divisão subjetiva, ou ainda um silêncio que fecha o testemunho como um sinal de nada mais a dizer. Podemos dizer que esse novo modo de nomeação a subverte de qualquer forma, fazendo menos a designação de um sujeito como analista, como é o caso para AME, do que a surpresa que o produziu, o “Trouvaille” de onde ele se origina? “Trouvaille” do qual Lacan nos diz no Seminário XI que está sempre acompanhado de uma perda e que faz ato.

Isto é o que motivaria esta forma paradoxal que o cartel tem de querer entender, de estar na expectativa de uma “surpresa” quando todos sabem bem que é fugindo de toda expectativa que ela pode ocorrer! A menos que o consideremos como “anamórfico”, ou seja, revelando-se de alguma forma graças a um movimento - este não previsível - que um ou cada membro do cartel terá sido capaz de fazer, com o ônus de estar sobre ele, se estiver sozinho, de levar os outros a fazê-lo. Para que isso aconteça, o passante deve ter sido capaz de incluir em seu testemunho a sua própria surpresa!

Portanto, podemos dizer que esta “surpresa” seria o que especifica a demanda/expectativa do cartel via passadores do passante. Mas o risco é, então, que esta esperada surpresa seja ela mesma presa nas redes da doxa, enquanto que o que a especifica é se apresentar como aquilo que a escapa. Em sua discussão após o testemunho, é importante que o cartel não tapar o buraco com sua elaboração, mas que ele circunscreva suas bordas.

Tradução: Luciana Guarreschi

DA SURPRESA AO LAÇO

Christophe Charles
Pertuis, França

“É só isso, não é muito, mas é assim!”.

É com essa constatação lapidar que um passador termina seu testemunho. Ele está afetado e diz isso ao cartel que o escuta.

Pode acontecer que um encontro inesperado cause (feliz) surpresa.

Nem sempre. Daí, nos decepcionamos. A surpresa nem sempre é feliz.

Passante, passador, membros do cartel, cada um está no direito de esperar que alguma coisa aconteça no dispositivo do passe.

O quê? Não sabemos de início, esperamos, e, às vezes, surpresa! Eis aí.

Não apanhamos isso, somos na verdade pegos por isso.

Encontro inédito, portanto, que vem chacoalhar o curso tranquilo do testemunho.

Ao longo de todo o processo de testemunho do passe, passante ou passador podem ser ultra/passados (*dé/passé*) por um sonho ou um ato falho que não estava previsto no programa. Manifestação do inconsciente que desperta desconforto - bem vindo, uma vez que se trata de um testemunho de passe!

Esse feliz encontro pode também ocorrer no momento em que os membros do cartel elaboram a partir do que escutaram dos dois passadores... surgimento de um inédito que, tal como o *flash* do instante de ver, curto-circuita o (bom) entendimento do tempo para compreender e precipita para o momento de concluir o conjunto de tudo o que se pôde dizer e elaborar durante o testemunho...

Da surpresa ao laço

Por que esse título?

Ele é produto de uma experiência de cartel onde um efeito de surpresa apanhou o conjunto dos membros a partir de um significante (não tão) qualquer e permitiu esclarecer, a partir da demanda inicial de análise do passante, as condições do fim do tratamento e de sua demanda de passe.

Efeito de surpresa, portanto que, “faz barulho” e afeta cada membro do cartel.

Como prestar contas disso?

Sur¹/presa ao escrever em duas palavras para acentuar o efeito do surgimento do “*esp de um laps*” que “já não tem nenhum impacto de sentido”.²

Se a captura é rápida e inesperada, ela sur/pre(e)nde (*sur/prend*), entre os ditos dos testemunhos, um significante sem sentido, índice de real e isso afeta, toca, portanto, o real.

Se o efeito de surpresa ocorre nesse tempo de elaboração, tempo para compreender, onde são convocados experiência, saber teórico, doxa e pré/conceitos, o inesperado pode dissipar a névoa e o “passo a passo” prudente, para desvelar uma lógica da estrutura, um “é isso!”, assinalando a urgência do momento de concluir, liberando os prisioneiros do cartel da alienação significante.

Do in-entendido ao inesperado então!

Como se fosse um golpe (*coup de bâton*), é um despertar que extrai os membros do cartel do torpor do sentido.

O que é que os (re)despertou?

Algo que não é da ordem do saber e do reconhecimento, do “bom-entendimento”, mas algo que tange à estrutura, ou seja, ao real.

O cartel então se tornou “sensível”, sensível a essa marca do real que o passador pôde “sensivelmente” transmitir, à sua própria revelia, mas não sem um dizer que ultrapassa seu próprio entendimento, não sem efeitos de afetos dos quais ele testemunha, não sem a famosa “ingenuidade”, da qual fala Lacan, que não é do registro de um saber, mas de uma experiência pela qual ele é afetado.

A surpresa que surge é “o efeito produzido sobre o espírito de uma viva emoção que provoca algo de inesperado”.³

Isso a que chamamos “testemunho” deve poder ir mais além dos dados objetivos de um tratamento e o rastreamento, no entanto necessário, dos pontos decisivos do processo que se operou para o passante e reportar a maneira com que o sujeito se fez “uma conduta” a partir de um incurável... mas isso não se pode dizer verdadeiramente... Os ditos fracassam em dizer a verdadeira experiência.

¹ *Sur prise*, escrito desse modo, significa “capturado”.

² Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário XI”. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 567.

³ Rey, A. *Dictionnaire historique de la langue française*, Le Robert.

Se não há outra solução que não passar isso pelas palavras para dar testemunho, como reportar o que aconteceu?

O que chega a seu destino é da ordem de um dizer (e não dos ditos do testemunho do passante retomados pelos passadores), é um dizer que “acerta na mosca”, do qual o cartel deve medir os efeitos a partir de uma lógica mais-além da compreensão.

O afeto que apanhou os membros do cartel seria um índice de que, para cada um, algo de seu próprio alvo foi tocado na parte mais “central” de seu gozo? Um afeto particular que permitiria re/conhecer-se a partir de uma certa fraternidade no que concerne à maneira com que cada um é afetado pela estrutura?

Se cada um pode tentar dizer algo disso, é sempre um “isso não” que se diz, e a experiência se origina de um impossível de dizer.

Lacan fala em “irmãos de discurso” para reportar que o que nos é comum é a castração e que nós todos somos, de maneira particular, afetados pelo real.

No entanto, isso basta para fazer laço?

Ser irmão não garante a paz... e pode levar a guerras fratricidas e nem todos os cartéis fazem laço, nem suscitam entusiasmo...!

Um cartel pode combinar⁴ os esparsos, permitir um laço discreto de fraternidade? E, se sim, a partir do quê?

O que é certo é que isso não se decreta e que há a dimensão da contingência.

Mais além do interesse epistêmico, podemos pensar que um laço de outra natureza possa se fazer, que toque particularmente cada Um em sua relação com o gozo e que possa fazer uma experiência “comum” a partir do que pôde ser tocado em um testemunho de passe, havendo nomeação ou não?

Lacan fala da “fraternidade discreta” em 1948 para concluir seu artigo sobre a agressividade em psicanálise⁵.

Discreta, pois ela não se proclama, ela é mais um “colocar em ressonância” um indizível, com o qual cada um tem que lidar, portanto, efeito do real.

Esse “colocar em ressonância” pode entrar em “simpatia”⁶ com a do outro.

Simpatia no sentido musical do termo, onde uma corda que vibra entra em “simpatia” com uma outra corda, fazendo-a, por sua vez, vibrar.

Eu levantaria então a ideia de que o que permite que “isso passe” é a possibilidade de que essa ressonância do passante possa se colocar em vibração (simpatia) com as diferentes cordas “sensíveis” dos passadores e de cada membro do cartel, os quais são, eles mesmos, afetados pelo real.

Um “colocar em vibração” das cordas de cada um a partir da vibração da do passante. Colocar em simpatia, no sentido musical do termo, portanto.

Não sem um dizer (de ressonância) do passante.

Tradução: Beatriz Chnaiderman

⁴ Em francês: *associer*, que além de significar “combinar”, se lê (a)sair.

⁵ Lacan, J. “A agressividade em psicanálise”, *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998, p. 104.

⁶ Simpatia: Termo musical. Estado respectivo de dois corpos sonoros, onde um entra em vibração assim que o outro é abalado. O fenômeno das vibrações por influência ou por simpatia se produz assim que, estando dois corpos vibrantes colocados a uma distância conveniente, apenas um deles entra em ação. O movimento vibratório deste se propaga e se comunica ao outro. (Nota do autor)

MINHAS REFLEXÕES PARA O CARTEL

Mikel Plazaola
São Sebastião, Espanha

Duas ocorrências nos passes escutados e nos debates do CIG e uma experiência vivida com surpresa e novidade em um dos cartéis me levam a pensar¹ a surpresa como um elemento a levar em conta na experiência dos cartéis do passe.

Uma das definições de surpresa é: *Alteração emocional causada por algo imprevisto ou inesperado.*

Dois vetores da questão:

A- *Surpresa versus conhecido*

Já se há descrito muitas vezes a função de placa sensível do passador, que às vezes sem ter conhecimento explícito disso, pode transmitir ao cartel do passe algo pelo que foi “tocado” no testemunho do passante.

Penso a “surpresa” como um acontecimento similar que pode intervir também em alguns ou em todos os membros do cartel que escutam o passador.

Pode-se matizar que *no mínimo* não todas as surpresas são similares no que podem trazer de novidade. Uma decepção ou uma banalidade podem ser surpreendentes; ainda que, no caso da decepção, não por isso perde seu valor esclarecedor.

Interessa focar a surpresa enquanto efeito imprevisto e não calculado em um campo de conhecimento e de saber. Um efeito em uma disposição de uma atenção flutuante, como em Freud “cada caso deve ser escutado como um caso novo” ou Lacan quando vai um pouco mais além e responde “o analista em análise deve saber esquecer tudo o que sabe”.

Formulações similares para uma escuta em um cartel, ainda que não se esteja em posição de analista.

Uma das primeiras pontuações feitas no primeiro debate do CIG 2020-2022 foi a interrogação sobre as referências (não necessariamente sabidas) nas quais cada membro de um cartel se situa na escuta dos relatos dos passadores.

Não creio que haja escuta sem referências. O importante é estar advertido delas, da mesma maneira não creio ser possível “esquecer tudo o que se sabe” por menos que se saiba. Mas, também aí, estar advertido é uma certa garantia.

Entendo estar advertido, como um outro matiz do que diz Lacan no *RSI*, ao tratar de “...facilitar, para o analista, o próprio discurso que o suporta...é indispensável que o analista seja ao menos dois: o analista para ter efeitos (e/ê)² o analista que, tais efeitos, os teoriza.”³

É dois, quando está advertido e, portanto, com uma certa atenção, ainda que flutuante, do que pode operar nele e do que dele pode operar na escuta.

¹ Agradeço aos colegas do cartel em que trabalhamos estes temas, para elaborar em particular o presente trabalho, por meio de um debate que permitiu um esclarecimento e uma reorientação em alguns pontos um tanto duvidosos ou mesmo obscuros: Trinidad Sanchez-Biezma, Cathy Barnier, Cristoph Charles.

² Segundo a transcrição: “é” ou “e” homofônicos em francês.

³ Lacan, J. *RSI* Ed. Não comercial do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, 2022, pp. 29-30.

Nesse sentido, o valor da surpresa é verificar em quem a experimenta, o novo em relação ao já conhecido. Algo abre caminho entre as referências próprias, com as que se escuta um testemunho. Ou seja, um acontecimento.

Se além disso é desarmônico com as referências do ouvinte, não só é uma questão de algo novo, diferente; possibilita também a interrogação da própria experiência, por exemplo, da própria análise, do final, de como se chegou a esse ponto...ao verificar como outro o fez por outro caminho, outro percurso, outro final, outras consequências, outro relato. Evidência da singularidade e do um a um.

A surpresa pode trazer novidade em relação ao conhecimento, mas também em relação à sucessão lógica (algo surge lá onde não se esperava, mas em outro momento, embora já fosse conhecido).

Por exemplo, quando a condição de nomeação é que o AE esteja “entre os que podem dar testemunho dos problemas cruciais nos pontos nodais em que se acham eles no tocante à análise...”⁴ entendemos aqui que, em seu testemunho, o AE pode trazer algo novo a respeito do já conhecido até este momento, um elo a mais na cadeia epistêmica do discurso da Escola. É evidente que os testemunhos dos AE produzem opiniões, referências e permitem avançar a teoria.

Aí não necessariamente é pela surpresa, há uma elaboração progressiva, mas com novos elementos.

Nesta elaboração a surpresa não é, sem dúvida, o único elemento, mas tem seu valor. Nas palavras de Lacan, parafraseando T. Reik: “...a surpresa, aquilo pelo que o sujeito se sente ultrapassado, pelo que ele acaba achando ao mesmo tempo mais e menos do que esperava – mas que, de todo modo, é, em relação ao que ele esperava, de um valor único.”⁵

B- *Surpresa e temporalidade*

Há uma dupla elaboração sobre esta questão em Lacan; por um lado uma reação ao novo e, por outro, um reencontro.

Se entendida como reação ao novo inesperado, creio que se pode equiparar a surpresa ao instante de ver na temporalidade lógica do sujeito: instante fugaz em que se percebe algo, algo que toca suficientemente para conduzir a tempo de compreender, de elaboração portanto...até que essa elaboração seja suficiente e possa então concluir.

Mas, por outro lado, Lacan assinala que o encontro da surpresa é um reencontro, além disso está sempre pronto a escapular de novo, instaurando assim a dimensão da perda.⁶

Contudo, por mais que a surpresa seja um “reencontro”, ou seja, um voltar a encontrar, não se trata somente do desconhecido, há um outro elemento, o momento, o quando...o que lhe outorga seu valor, assim em 1965 Lacan dirá: “...o que é o inesperado senão o que se revela como sendo já esperado, mas apenas quando acontece? O inesperado, de fato, atravessa o campo do esperado. Em torno desse jogo da espera, e fazendo face à angústia, como o próprio Freud, nos textos fundamentais sobre o tema, o formulou em torno desse campo.”⁷

Assim podemos entender que o cartel está à espera, tem algumas referências, mas é em algum instante, às vezes efêmero, que a surpresa pode ter todo o valor de um descobrimento ou desvelamento. É o instante de ver (escutar), em que algo impacta e faz o cartel registrar do que e como foram tocados... por um real.

Provavelmente, não tanto para o passador, mas para o cartel do passe, esse instante de ver requer um tempo para se dar conta, para poder concluir seu juízo. É semelhante a esse

⁴ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 249.

⁵ Lacan, J. *O Seminário, livro XI Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 32.

⁶ *Ibidem*.

⁷ Lacan, J. *O Seminário, livro XII Problemas cruciais para a psicanálise*. Inédito. Aula de 17 de março de 1965.

segundo analista que pensa sobre os efeitos percebidos tanto no passador como nos membros do cartel.

O novo, o surpreendente, será compartilhado, interrogado, desmontado para que possa dar conta de si mesmo e de seu juízo.

Dizer surpresa não se refere somente ao entusiasta “Eureka!”, com afetos nítidos e evidentes (alegria, susto, temor...), também estão aí os pequenos descobrimentos que têm seu efeito no *après-coup* de uma articulação, ou de um percurso, ou a conclusão que traz algo imprevisível. Por isso, não se pensa como um efeito ou afeto que seja condição de um saber novo, de uma garantia definitiva, com o que perderia seu valor intrínseco, mas talvez como um elemento de interesse a ter em conta quando se produz...

Hondarribia, 29 de janeiro de 2023

Tradução: Luis Guilherme Mola

O CARTEL DO PASSE ENCONTRA-ENCONTRO

Trinidad Sanchez-Biezma
Madrid, Espanha

“Ocorre que nos cartéis do passe se ri. Acontece que um riso acabe surpreendendo, seja aos passadores e os membros do cartel no decorrer dos testemunhos, seja aos membros do cartel durante seus intercâmbios posteriores...Este riso surpreende, imprevisível para passante bem como inesperado para o cartel, esta coisa séria, de repente alegre. Este riso...nos indica que estamos na presença de algo “da própria colheita do passante.”¹

Sol Aparicio

Desde “Função e campo da palavra” (1953), Lacan aborda a questão da satisfação segundo uma estrutura homogênea com o que escreve na Proposição de 1967. Em ambos os momentos a satisfação, no meu entendimento, é solidária da estrutura do fim, mas também é solidária em relação aos outros, em uma comunidade. É uma concepção de final na qual a satisfação do analisante não está dissociada da satisfação do grupo: *a satisfação do sujeito encontra como realizar-se na satisfação de cada um; ou seja, de todos aqueles a quem se associa na realização de uma obra humana*. Depois, em *...ou pior* (1971-1972), *a análise inverte o preceito de: bem nascer e deixar dizer, a tal ponto que o bem dizer satisfaz, uma vez que não há nada além do não suficiente que responda ao mais-para-dizer*.

A satisfação é um afeto do fim. Se tomamos o passe e sua conclusão por um nomeamento, é necessário que o cartel possa atestar que esta, a satisfação do final, corresponda à satisfação da produção de um real inédito; um afeto novo que seja a tradução de uma nova posição na vida. Nesse seminário diz precisamente em que se afirma a satisfação; um ato que satisfaça a

¹ Aparicio, S. De su propia cosecha. *Wunsch* n. 7, 2007.

dependência de um dizer, e que enlaça, no meu entender: satisfação em relação a um dizer que satisfaça.

Uma citação final em “Da psicanálise em suas relações com a realidade” nos remete a... *O dito espirituoso satisfaz-nos por se unir ao engano em seu lugar. Ao sermos acionados pelo dizer, o riso eclode por termos poupadado um caminho...*²

Isto nos leva a situar a satisfação no cartel do passe no fato de receber um testemunho no qual algo do que se ouve é inaudito, excede ao compreensível, produzindo um efeito inesquecível. O inesperado vem dos passadores; transportam uma escuta que, ao ser passada para o cartel, o constitui enquanto tal. É justamente nesse momento que o cartel se constitui. Constituído por um testemunho e não instituído pela instituição.³ O cartel captura uma ocorrência do não-todo, de algo impensável que surpreende e que enlaça, que faz vínculo com outros. Se algo desse inaudito extraído do escutado convence o cartel, sabemos que seu convencimento não é produto do verdadeiro, mas sim do real.

Quando isto ocorre, há surpresa por um dizer que se separa da história e abre caminho. Não se pode chegar a dizer o real como real, trata-se aqui de elucubrações de língua. Trata-se desses significantes furos de significação e de sentido, enigmáticos para o próprio sujeito em um primeiro momento. Significantes que conseguem transmitir o que teria sido sua verdade mentirosa.

O riso sanciona o ganho de saber que se impõe...e que “*abre uma porta mais além da qual já não há nada que encontrar*”, a mesma que se empurra na saída de uma análise, mas muito tempo depois de a porta de entrada tenha sido aberta sobre a espera das revelações esperadas.⁵

A satisfação, portanto, não deriva da nomeação; emana mais da legibilidade das conclusões dos testemunhos. Mas não da satisfação alcançada pelo sujeito no final e que ressoa sobre o fundo da insatisfação neurótica, mas também da ideia de que no procedimento do passe – concebido como *hystorisation* – torna-se crucial obter a satisfação dos colegas, que, no meu entender, que a carta registrada chegue a seu destino.

Tradução: Luis Guilherme C. Mola

² Lacan, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*, p. 356.

³ Fingermann, D. *A (de)formação do analista*. São Paulo: Escuta, 2016.

⁴ Lacan, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*, p. 356.

⁵ Soler, C. “As satisfações de passes”, *Wunsch* 8, EPFCL, março 2010.

CARTEL 3

A INTERPRÉTAÇÃO DO CARTEL

JULIETA DE BATTISTA, MARIE-JOSE LATOUR,
FERNANDO MARTÍNEZ, MANEL REBOLLO (+1)

INTRODUÇÃO

À medida que termina este mandato no Colégio Internacional da Garantia (CIG), no qual tivemos a oportunidade de participar de vários cartéis do passe, alguns de nós, inclusive, em vários casos de nomeações à Analista de Escola (AE), é o momento de tentar extrair o que aprendemos.

Aos dois anos de trabalho e intercâmbios com todos os nossos colegas do CIG, acrescentemos a escuta dos passadores, os testemunhos dos AEs, os Encontros da Escola (Europeia, em Roma; e Internacional, em Buenos Aires). Tudo isso constituiu uma experiência epistêmica altamente enriquecedora.

Este documento é a decantação do trabalho realizado pelo cartel “A interpretação do cartel”, constituído exclusivamente para nossa *Wunsch*, como uma reflexão sobre o trabalho realizado durante este período.

No início do trabalho sobre neste cartel, partimos de uma constatação compartilhada: toda interpretação é uma leitura. Resta explicar a relevância desses termos para o que está em jogo no passe. Cada um elabora aqui de acordo com a singularidade de sua experiência.

A INTERPRETAÇÃO DO CARTEL E A CONTINGÊNCIA

Marie-José Latour
Tarbes, França

1.

O título que demos ao nosso cartel “A interpretação do cartel” sublinha a ambiguidade em jogo sempre que há, pelo menos em francês, o uso da preposição “de” ou do artigo definido “do”. Desde que consideremos que a interpretação é uma questão de leitura, esse equívoco está em jogo em cada cartel e talvez ainda mais no Cartel do Passe.

Uma pequena unidade disparatada (com elementos diversos, como idioma diferente, continente diferente, engajamento na Escola diferente, etc.) é, portanto, o dispositivo escolhido por nossa Escola para escutar os dois passadores que devem fazer passar o que ouviram do passante. Cabe a este último produzir, por meio dessa artimanha, alguma luz sobre a passagem à analista!

2.

A interpretação do cartel, genitivo objetivo, é a leitura que os cartelizantes farão do próprio dispositivo. Esse dispositivo, proposto por Lacan, põe em jogo um laço particular entre 3 ou 4 + 1. Escrever assim apresenta desde o início, pela própria grafia, uma soma que não faz uma totalidade. Ao que tudo indica, já existe aí uma leitura do cartel enquanto dispositivo. Que os membros do cartel compartilhem essa leitura do dispositivo no qual se engajam talvez não seja uma evidência imediata. Compartilhar esse ponto de vista não é uma questão de contingência? *A interpretação do cartel, genitivo subjetivo*, é a interpretação que o cartel fará dos testemunhos dos passadores e que levará a uma decisão relativa à nomeação. Sujeitar [*faire relever*] a decisão do Cartel do Passe a uma interpretação é a hipótese que tentaremos estabelecer. No momento particular em que o cartel se unifica para pronunciar sua decisão, isso também não é uma questão de contingência?

A dimensão equívoca indica que não se pode escolher entre genitivos. Há, portanto, a necessidade de se colocar sobre esta linha de cume [*ligne de crête*¹] desconfortável para tentar capturar, ou mesmo capturar no voo, o clarão de um acontecimento. Santa aposta!

3.

Na “Abertura da seção clínica”² Lacan lembra como o que há de ariscado na prática clínica pode ser limitado pela clínica, ou seja, pela formatação de um saber novo que será depositado a partir da prática. Há no dispositivo do passe uma certa parcela de risco e há o que pudemos constatar há alguns anos e que poderíamos chamar de “clínica do passe” e que nos orientou em nossas discussões do CIG.

¹ *Ligne de crête*:

1. (geografia) Uma linha formada pelos cumes das montanhas ou encostas de um país. Ex: “Meu caminho sempre segue a linha do cume, disse Uraz” (Joseph Kessel, *Les cavaliers*, Gallimard, 1967).

2. (figurativamente) Uma fronteira entre dois estados em que é difícil ficar sem bascular para um lado. Ex: “Ele o imaginou imóvel em uma linha de cume, hesitando em que direção tomar” (Michel Houellebecq, *La carte et le territoire*, 2010, J'ai lu, pg. 334.).

Fonte: https://fr.wiktionary.org/wiki/ligne_de_cr%C3%AAte#%C3%89tymologie

² Lacan, J. “Ouverture de la section clinique” [Abertura da seção clínica]. Publicado em *Ornicar?* n° 9, Paris, Navarin, 1977, pp 7-14. Disponível para consulta em português em: <http://www.traco-freudiano.org/tra-lacan/abertura-secao-clinica/abertura-clinica.pdf>

Volto ao ponto que estou tentando circunscrever. O deciframento jamais chega ao fim do rastro [*tracé*] que resta de quem ligou a linguagem com sua ressonância no corpo, a leitura analítica mobiliza a lacuna que a leitura-decifração tende a cobrir. A renovação deste enigma, do qual nenhuma decifração poderia dar a palavra, não está igualmente em jogo no passe?

4.

Há aquele momento em que os planetas parecem se alinhar e os cinco integrantes do cartel chegam a um acordo, em uma evidência sempre surpreendente. O cartel só precisa tomar conhecimento [*Le cartel n'a plus qu'à prendre acte*].

Quando é por uma nomeação, está no entusiasmo e isso prescinde de explicações. No momento de sair da sala da National Gallery de Londres, depois de terem olhado para o famoso quadro dos *Embaixadores*, os cinco voltaram-se ao mesmo tempo, com o mesmo movimento, para perceber, graças a esta torção no retorno, o que até então não era legível e ainda estava lá³.

Quando o cartel é unânime pela não nomeação, essa constatação também pareceria poder prescindir de explicação.

Quando não há unanimidade no cartel, cada um se sente obrigado a se explicar aos demais.

A nossa CIG instituiu uma discussão após cada passe onde se trata de estabelecer as razões que presidiram a decisão do cartel, o que obviamente não a coloca em questão, mas a torna legível.

Aqui está o cartel chamado a “declarar suas razões”. Como declarar suas razões para cinco? Cada um retoma sua leitura, seu modo de leitura, podendo então surgir argumentos aparentemente contraditórios para servir à mesma decisão.

5.

Então tem o tempo onde isso passa e o tempo onde há de se dizer o porquê.

Esta é uma dificuldade que o discurso analítico deveria nos permitir explicar e reduzir.

Se o passe é esse dispositivo que permite estabelecer a lógica de uma cura até a passagem à analista, isso não passará por alguma coisa que cessa de não se escrever?

Esta é a definição que Lacan nos deu da contingência⁴. Ao contrário do acaso, a contingência deve ser estabelecida. Não faz parte do trabalho do cartel tomar a medida do dizer que deixou esse rastro inédito?

Lacan estabeleceu uma estrutura de interpretação: entre enigma e citação. Ler nas entrelinhas, *intelligere*, não é acrescentar mais nada ao que é dito, mas sim levar em conta a lacuna, o rastro que o "entre" deixou⁵. Dessa novidade do modo de leitura, do qual se fez de partida aluno, Lacan deduziu igualmente um modo de trabalho em uma Escola de psicanálise, um “ler com” cujos efeitos permanecem imprevisíveis. Não é esse o laço particular que igualmente está em jogo em um cartel do passe?

Tarbes, dezembro de 2022

Tradução: Miriam X. Pinho-Fuse

³ Latour, M-J. « Point de vue et ‘pouvoir d’illetecture’ » em *Le Mensuel* de l’EPFCL-France, dezembro 2022, nº 164.

⁴ Ver os *Seminários XX mais ainda* e *XXI os não-tolos erram e Televisão*.

⁵ Cf. o trabalho de Manel Rebollo neste mesmo cartel.

A INTER-PRETAÇÃO DO CARTEL: SEUS INTÉRPRETES

Manel Rebollo
Tarragona, Espanha

Após a experiência no CIG 2020-2022, agora é tempo de depositar neste breve escrito o que pude refletir, junto com meus co-cartelizantes, a partir de minha passagem pelos debates do CIG e dos quatro cartéis do passe nos quais intervimos, em um dos quais, o primeiro, tive a satisfação de assistir a uma nomeação de AE.

Interpretação é um termo abundantemente presente na psicanálise, cuja definição vem a ser precisada por Lacan como “leitura”.

Na interpretação do cartel, é enfatizado o prefixo *inter*, “entre”, porque é uma leitura que se efetua entre os cinco membros do cartel, haja ou não acordo entre eles, mas estará sempre em função dos efeitos que a leitura de cada um produz nas leituras dos demais. Desde o primeiro momento em que os membros do cartel escutam os passadores e colocam suas primeiras questões, sua leitura já não é nunca individual, pois estão, cada um dos cinco, implicados na escuta, e afetados pelos ditos em jogo, enfatizando de distintos modos em cada um e escutando-se com diversos matizes.

Essa escuta se realizou a partir de distintas línguas nos cartéis em que participei: espanhol, francês, italiano e português, o que acrescenta uma nova variável ao escutado: a polissemia interlínguas, para chamá-lo assim. A eventual intervenção por parte de algum membro adicionado ao cartel a título exclusivamente de tradutor adiciona uma nova ênfase ao “inter” do intérprete.

O termo “intérprete”, de origem latina, encontra seu significado mais antigo no âmbito comercial. Tratava-se daqueles que negociavam os preços (*inter-pretium*), o maior ou menor valor (*pretiosus*), entre distintos comerciantes que falavam distintas línguas de distintas moedas.

Os cartéis nos quais participei escutaram, em cada ocasião, dois passadores, testemunhos de um mesmo passante, consecutivamente, sem mais tempo entre eles.

Com frequência, a escuta do segundo passador recolocou a exatidão do que foi relatado pelo primeiro (era algo sonhado, interpretado, ocorrido na realidade?), influenciando, então, nas diversas leituras. Algumas vezes, um dos passadores assumiu um excessivo protagonismo, trazendo sua própria interpretação do que foi escutado, tomando a seu cargo a responsabilidade de “defender” seu testemunho, ou ainda mostrando seu “horror” diante do escutado, e outras singularidades que excedem sua função de “fazer passar”, função que implica certo apagamento, para que o que passe seja o testemunho do passante.

O passador “intérprete”, em suas diversas formas, dificulta o trabalho de interpretação do cartel, já que funciona como muro que impede a “passagem” do testemunho do AE, seu acesso ao cartel.

O passante é “aquele que passa”, se somos rigorosos com a conjugação do verbo: participio presente, e o passador, “aquele que faz passar”. Quando os protagonismos antes mencionados tornam tão presente o passador, esse ruído obstaculiza escutar o passe. E foi o que ocorreu em alguns casos. Também quero esclarecer que o fato de que haja dois passadores permitiu, em outras ocasiões, que o ruído de um deles ficasse isolado pela clareza do testemunho do outro.

No trabalho posterior do cartel, onde se põem em jogo as distintas impressões da escuta e os dados da mesma, é quando entendo que se elabora a inter-pretação mais além da avaliação, que pode dar o preço que o cartel outorga ao passante: nomeação de AE ou não nomeação.

No primeiro dos cartéis em que participei, a preciosidade da nomeação se destilava no trabalho do cartel a partir das perguntas que nos colocávamos e que punham todo o protagonismo no passante, fazendo-nos esquecer dos passadores. Posso dizer que o “menos-um” desse cartel foi o passante, cujo testemunho operou como “causa” de nosso trabalho entusiasta, que se coroou com um “sim” unânime de satisfação no momento em que o “mais-um” nos perguntou se havia nomeação.

O cartel que procedeu a essa nomeação quis seguir bastante tempo com a elaboração desse passe, mesmo depois da elaboração no seio do CIG.

Após a nomeação, havia que dar conta, no CIG, dos argumentos que nos levaram à nomeação. Não foi fácil dar conta de nossa inter-pretação: do que havia passado. Seguimos trabalhando essas questões no cartel e, em um segundo momento, foi mais fácil dar conta, ainda que com dificuldades, de nossa nomeação, apesar de estarem os cinco plenamente convencidos de havia havido passe.

O que quero enfatizar aqui é que o AE foi o motor desse trabalho de cartel pós-passe, deixando os passadores apagados, tal como entendo que deve ser. O entusiasmo prosseguiu nesse trabalho e produziu certos efeitos afetivos e afetuosos entre os cartelizantes, nos quais se materializava a “bondade” de nossa decisão.

É esse efeito de “cartelização” do passante-AE, que eu defino como “o que carteliza”, a “causa” do cartel, o que não se produziu nos outros 3 cartéis em que participei.

Em um deles, foram os preconceitos dos passadores que fizeram obstáculo à escuta do passante, o qual, diferentemente do caso anterior, ficou desfocado, apagado pela presença dos passadores. Aqui, não houve cartelização: o cartel não seguiu e sua elaboração no CIG foi breve, e foi também de acordo fácil e bem transmissível a falta de nomeação. Apenas recordo quem eram os componentes do cartel.

Esses dois cartéis do passe trabalharam online, via Zoom, em todas as suas sessões.

Um terceiro passe teve encontro presencial com seu primeiro passador, e via Zoom com o segundo. Nesse caso, assistimos à fascinação que o passante causou no primeiro passador, enquanto o segundo passador pôde transmitir perfeitamente o efeito de seu desvelamento de tal fascinação, que permitia dar conta melhor do “real” em jogo nesse não-passe.

No quarto passe, no qual funcionei como mais um, e que foi totalmente presencial, houve um primeiro passador que deu conta de seu esforço para transmitir o escutado, com certa dose de interpretação por sua parte, mas que não impediu a escuta do testemunho, e um segundo passador que apresentou novamente uma elaboração própria do passe que foi uma tela que ocultava o passante, o qual reconhecemos melhor no trabalho de transmissão de seu primeiro passador.

Não houve, tampouco, nesses dois cartéis, efeito de “cartelização”: o passante teve sua presença no trabalho, se o vislumbrava, muito mais do que no segundo passe, mas não foi causa de entusiasmo no trabalho do cartel, embora tenha havido acordo entre seus cinco componentes a respeito da leitura desse passe.

Em ambos os casos, o trabalho posterior de elaboração no CIG foi bastante fácil, nesse caso também presencial, mesmo com as matizações nem sempre concordantes entre os distintos intérpretes, mas era evidente para todos que não havia nomeação e que a análise não havia terminado.

As diferenças de matizes entre os distintos cartelizantes não foram obstáculo para uma leitura muito concordante nos quatro passes mencionados, nos quais pudemos trabalhar na elaboração sem dificuldades, mas nos três últimos não houve “cartelização”, e por outro lado,

sim, ela aconteceu no primeiro caso, embora tenha sido muito mais complicada a elaboração perante o CIG, mesmo com a convicção dos cinco de que havia havido passe.

Entendo, com isso, que é mais difícil dar conta do que “passa” do que daquilo que “não passa” em um cartel do passe, e talvez devamos nos interrogar sobre isso em nossa Escola.

Tarragona, janeiro de 2023.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

O PASSE-QUE-SE-ESCUITA: UM LIMITE À INTERPRETAÇÃO DO CARTEL

Fernando Martínez
Puerto Madryn, Argentina

No início do trabalho deste cartel, partimos de uma afirmação simples: toda interpretação é uma leitura. Por isso o cartel do passe poderia passar muito tempo interpretando, lendo e decifrando pistas no material transmitido pelos passadores para poder localizar indícios tais como: queda da transferência, atravessamento da fantasia, falha do SsS (sujeito suposto saber) etc, todos os condimentos que nossa doxa pode nos indicar como úteis para localizar o trabalho epistêmico, a elaboração, o ensino etc., mas são insuficientes para formalizar sobre o momento específico do passe a analista.

As leituras interpretativas do cartel não bastam, muito menos quando os testemunhos de algum passador são depurados pelo crivo da doxa vigente, produzindo um fechamento à possibilidade de que *algo passe*. São os casos em que o passador cumpre mais com a função de secretário do passante, sustentado na leitura da biografia, tentando buscar os pontos relevantes que se ajustam à doxa e sua teoria, do que entregue à experiência de que *algo passe*.

O dispositivo do passe não escapa às impurezas dos efeitos do discurso e ao uso da linguagem: estandarização dos ditos, idealização do saber, imaginarização da experiência, etc. Ainda assim, trata-se de um dispositivo chave para uma Escola em constante revisão da doxa que a sustenta.

A idealização do dispositivo constitui limite para as possibilidades do passe

Vemos então que a circulação das teorias e das ideias produzem certa idealização, certa condição de leitura, efeito inevitável do uso do discurso e que vai muitas vezes contra a experiência do passe propriamente dita.

É necessário então distinguir a condição interpretativa que introduz a doxa em todos os atores do dispositivo, inserção inevitável de seu uso no discurso; para diferenciá-la dos momentos do passe efetivamente.

Temos então: por um lado, a dinâmica do dispositivo mais ou menos *contaminado* pela doxa e, por outro, o passe a analista efetivamente, o *passe-que-se-escuta* e depois se lê.

A Escola oferece o dispositivo, isso gera as condições necessárias para que *isso* se apresente, claro que nem sempre acontece, mas a cada tentativa grande parte da Escola se revitaliza com a episteme resultante sobre o trabalho e a movimentação que o dispositivo produz. Trata-se da eficácia do dispositivo a qual se decanta a partir da experiência de todos os seus atores.

Uma Escola que efetivamente pratica o passe como a nossa pode garantir, ao menos, que está viva a partir das contribuições ao saber em suas tentativas de nomeação.

Saber e marca

...essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe a seus congêneres “saber” encontrá-la.

J. Lacan, Nota Italiana⁶

Saber achar a marca não é o mesmo que falar dela; o achado é algo que surpreende. Da mesma maneira, quando se descobre uma marca arqueológica, primeiro está o impacto do encontro. Ela é reconhecida desde que a marca interpele o sujeito que a encontra, então vem uma primeira leitura que inaugura a tentativa de dizer dela: que pertence a tal época, que se refere a um humano, etc. etc. É o que se *leescribe*⁷ sobre a marca.

Acontece algo parecido no reconhecimento do passe a analista: algo aparece como uma marca que ressoa nos integrantes do cartel; em minha experiência *isso* que ressoa através dos passadores nos integrantes do cartel do passe remete, faz eco, evoca a marca da análise de cada um, aquilo que um analista deu como resto dessa operação. Cabe esclarecer, não se trata de uma evocação identificatória, mas de uma ressonância da singularidade absoluta que se escuta no dizer que passa através dos ditos do passador.

O *passe-que-se-escuta* é o momento da (a)parição da marca, momento de emparelhamento entre a marca e a im-possibilidade da palavra: o desejo do analista é um desejo inédito enquanto não publicado, que não veio à luz, não é um desejo *ex-nihilo*. Afinal, não tentamos com o passe investigar como esse desejo se *leescribe* para o sujeito que, destituído em ato, resulta analista?

Em um cartel no qual pudemos escutar o passe a analista, primeiro algo ressoa mais além das palavras entre os ditos dos passadores e produz um efeito mobilizador nos integrantes do cartel. Atrevo-me a assinalar que se trata desse momento de impacto do encontro com a marca e que pertence a certo resplendor do objeto *a* em sua vertente causa do desejo. Nesses efeitos sobre cada um dos integrantes do cartel, pode inferir-se um encontro certo com um saber que *passa* só nesse momento, nesse instante, no qual se pode *reconhecer a marca* para então nomear essa descoberta: AE.

O *passe-que-se-escuta* é a experiência de transmissão do saber em ato, *isso passa* através do passador quando este o é efetivamente. Depois dessa experiência o cartel procurará fazer uma leitura sobre a mesma para transmitir justificadamente ao restante do CIG sua decisão: este segundo momento, já ficcionalizado pela palavra, reformulará ou confirmará a episteme que acrescentará ou questionará a doxa, a qual, por sua vez, relançará a busca do saber mais uma vez.

A interpretação do cartel é sempre a posteriori como toda leitura, tanto que esta fica em suspenso no momento em que efetivamente se escuta o passe a analista, dado que os integrantes do cartel estão concernidos ao que *passa* ali. Dito de outro modo: não há leitura interpretativa no instante do encontro casual com a marca, só impacto. Depois buscar-se-á formalizar sobre este, mas isto já pertence a um segundo momento, o momento interpretativo do cartel. Portanto, o encontro casual com a marca é um instante de suspensão de toda interpretação, detida por tal experiência.

Se “houve passe”, como se diz cotidianamente em nossa comunidade, isto é: se houve encontro com a marca na transmissão dos passadores, notamos maior dificuldade na tentativa de sua formalização, apesar do encontro certo com esse momento de passe. Diferentemente dos cartéis dos quais participei e “não houve passe”, quer dizer, onde não se produziu esse encontro, estes cartéis encontraram menor dificuldade na leitura e formalização

⁶ Lacan, J. Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1981. p. 313.

⁷ Condensação de “*lee*” e “*escribe*” (lê e escreve) em espanhol que equivoca com “*le escribe*”.

do caso. Não acredito que este fenômeno seja por acaso, dado que os testemunhos dos passadores e sua escuta estavam próximos da pura leitura interpretativa e pouco aberta à contingência e sabemos que poderíamos interpretar indefinidamente; nesse sentido, pareceria “mais simples” continuar lendo os fenômenos.

Ao contrário, no cartel no qual pudemos nomear o limite estava dado de saída, nesse instante do encontro com o dizer que passa, como se não se pudesse ir muito além do que havia aparecido. Algo se oferece ali para uma interpretação sobre um ponto específico: a transformação de um desejo que tínhamos escutado ali e que é muito mais difícil de formalizar. Considero que essa dificuldade se deve a sua existência; advém e surpreende porque não pertence plenamente ao campo do sentido, da leitura interpretativa, pelo contrário, quebra com a tendência ao sentido generalizado.

A título de conclusão transitória então, o *passe-que-se-escuta* é em si mesmo um limite ao sentido interpretativo, compartilha esse feito com o ato falho. Advém e quebra com a tendência ao sentido.

Assim como a experiência analítica não é o que podemos dizer e escrever sobre ela, a experiência do passe tampouco o é. Pelo menos, não toda. Resta de pé a oferta do dispositivo para aqueles que desejam submergir nesta experiência de transmissão, oferecendo seu testemunho para relançar, mais uma vez, a aposta em nosso trabalho em comum: a busca, na singularidade do caso, do surgimento do desejo do analista.

Patagonia, janeiro 2023

Tradução: Beatriz Oliveira

ELOGIO À SOMBRA

Julieta L. De Battista
Buenos Aires, Argentina

Neste cartel, continuamos a trabalhar o que nos questiona a respeito da passagem de analisante a analista, pelo viés do que chamamos de “A interpretação do cartel”, tentando avançar na elaboração dos problemas que consideramos cruciais para a psicanálise, como o da emergência contingente do desejo do analista. No rastro dessa origem, impôs-se a tese “O desejo é sua interpretação”. Um passo adiante e surgiu a questão de saber se a constatação do desejo do analista nos testemunhos se depreende então de uma interpretação convergente dos membros do cartel. Muito já se falou sobre a polifonia reinante nos cartéis do passe (formação analítica, línguas, diversidade das zonas: do minimalismo europeu à efusividade sul-americana etc.). Cada membro do cartel fornece a leitura que pode fazer a partir do ponto a que sua própria análise chegou, sua relação com a doutrina e sua posição diante da doxa e dos efeitos de grupo da comunidade em que trabalha. Não é exagero dizer, mais uma vez, como é conveniente manter a maior diferença possível (entre os passadores sorteados, entre aqueles que compõem o cartel, entre as zonas e os dispositivos etc.). Esse princípio da diferença máxima poderia ser um orientador para o funcionamento, ou pelo menos auspicioso, para intimidar um pouco os efeitos de grupo, forçosamente inelimináveis.

Particpei do trabalho de seis cartéis do passe: apenas em um encontrei a convicção de ter constatado algo do desejo do analista. Foi uma constatação¹, não o resultado do trabalho de elaboração do cartel. Isso veio depois. Constatar um desejo é comprovar em presença sua potência de causa. Naquela ocasião, que levou a uma nomeação, lembrei-me da analogia que Lacan menciona em suas conferências em Sainte Anne, em 1972. Ele renova a pergunta sobre como um analisante pode querer se tornar um analista depois de saber como sua análise terminou, e diz: “É impensável, eles chegam a isso como as bolinhas de certos jogos, que vocês conhecem bem, que acabam caindo na máquina. Chegam a isso sem ter a menor ideia do que acontece com eles. Finalmente, uma vez que eles estão lá, lá estão eles e há, nesse momento, apesar de tudo, algo que se desperta. É por essa razão que propus seu estudo.”² Em seguida, evoca o funcionamento do que entendo ser um *flipper* ou *pinball*. Certamente já viram esse artefato: o turbilhão analítico é comparado ao louco ir e vir da bolinha na máquina, até que de repente a bola sai, cai, final do jogo, uma melodia acorda com essa queda. É um efeito de corte e de despertar. Nada antecipado, anunciado ou mágico. Essa saída é surpreendente, é como um golpe. É impossível esmiuçar o caminho exato que levou aquela bolinha até a saída. No entanto, duas coisas são claras: que a queda final é o resultado desse turbilhão anterior e que a saída é definitiva.

Nesse testemunho em particular, a modalidade de saída produziu em mim um efeito cômico bastante contagiante. Depois de muitas voltas, essa passante se viu saindo surpreendentemente por onde havia entrado, de outra forma. Pude ler uma sequência nesse trajeto analítico em que momentos cruciais dessa análise puderam ser pontuados: a entrada por um sintoma inicial de transbordamento urgente e exaustivo para estar a serviço dos outros - deixando o corpo privado -, o trabalho analítico desmontando o suporte em uma fantasia que amalgamava o desejo infantil de contar como salvadora para o Outro, *ser-vício*, tapando sua falta e, no final, a satisfação de uma transformação e uma separação que não só produziram efeitos no corpo e na sua posição na vida, como também a levaram a consentir em receber casos de urgência, sem tamponá-la e sem o *vício* de pretender salvar o Outro, estando sempre a seu serviço: poder silenciar e deixar falar livremente. O contraste dessa saída com um longo trajeto analítico marcado pela tragédia e pela dor foi eloquente. O momento eletivo do passe foi legível nas consequências de seus atos. Essa constatação do desejo do analista foi acompanhada de uma possível leitura das razões pelas quais essa passante agora queria ocupar o lugar de analista.

Mas isso não é frequente. Na maioria dos testemunhos que escutei, o material não era tão legível e as razões para se tornar um analista “brilhavam por sua ausência”. Seja porque, em algum ponto, as interpretações dos passadores notoriamente prevaleceram, ou porque mesmo entre os membros do cartel não conseguimos chegar a acordos básicos³. Na maioria das vezes, simplesmente não apareciam nos testemunhos aquelas outras razões pelas quais alguém poderia querer ocupar o lugar de analista depois de saber como foi seu fim.

¹ Utilizo esse termo no sentido que Lacan lhe dá em 1975: “Não cremos no objeto, mas constatamos o desejo e, dessa constatação do desejo, induzimos a causa como objetivada”. Lacan, J. (1975-1976). *O Seminário Livro XXIII. O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 37.

² Lacan, J. (1972). *Estou falando com as paredes: Conversas na capela de Sainte Anne*. Rio de Janeiro: Zahar.

³ Em algumas ocasiões era até difícil chegar a um consenso sobre até que ponto manter a discricão na argumentação para “não cair em obscenidades”, também debatemos sobre como “cuidar do passante” do que, para alguns de nós, não era nada mais do que chamar as coisas pelos seus nomes. Esse tem sido um ponto de discussão. Na minha opinião, o passante assume seus próprios riscos no que ele transmite sobre o historicização de sua análise. Entendo que não é papel do cartel amortecer, supostamente, esses riscos, não muito além do que as trocas com colegas sobre um material exigem. Para fazer uma omelete, você tem que quebrar os ovos; e para falar sobre um testemunho de passe, seria preciso estar disposto a falar sobre os desejos infantis mais comuns: incesto e assassinato, sexualidade e morte. Não é muito mais do que o texto cotidiano de nossa prática.

É uma questão cuja flagrante ausência nos depoimentos é marcante. Especialmente se lembrarmos que Lacan, em 1978, já havia detectado essa ausência nos testemunhos que foram apresentados na Escola Freudiana de Paris⁴. Vinte anos depois, em 1999, em um relatório sobre um cartel do passe europeu da Escola da Causa Freudiana, chegou-se a uma conclusão semelhante⁵. Mais vinte anos se passaram, desta vez na Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano, e eu não poderia dizer que essa tendência foi revertida.

Essa pergunta de Lacan sobre as razões, que aparece em seu seminário sobre o ato e permanece, continua nas sombras, e não precisamente por falta de insistência no assunto. Há algo nessa pergunta que a torna refratária a se tornar parte da doxa. Também não há resposta para isso na doutrina. Obviamente não pode ser respondido pelo mero desejo de querer "ser" psicanalista, por alguma versão idealizada ou pelo prestígio social que seria profissionalmente concedido, nem se esgota na mera obtenção de dinheiro. São outras razões, que devem escapar à autopromoção e aos benefícios pessoais. Não se extraem da doutrina e seria vão que se repetissem sempre as mesmas. Por outro lado, essas razões devem poder ser decantadas pela "hystorização" dessa análise. Não é por acaso, portanto, que essa pergunta permaneça sem respostas.

A insistência desta pergunta sobre as razões, que é notória pela sua ausência nos testemunhos, levou-me a questionar-me neste trabalho do CIG sobre os destinos do luto no final de uma análise. O que se descobre no final é o destino de dejetos ao qual é reduzido quem fez essa travessia: saber-se dejetos. Por que alguém escolheria algo assim como um estilo de vida? Está claro para mim que isso vai na contramão da autopromoção pessoal e Lacan parece alertar sobre isso na "Nota aos italianos", quando recomenda retomar seus amados estudos aqueles que só obtêm como fruto de sua análise as "realizações mais efetivas e as realidades mais atraentes".⁶ Ele parece enfatizá-lo também em 1967: "o analista que está por vir se consagra ao *agalma* da essência do desejo, disposto a pagar por isso, reduzindo, ele e seu nome, a um significante qualquer".⁷ Leio nessas citações uma possível evocação daquele luto do final, que talvez fosse a dobradiça entre saber-se dejetos e saber ser dejetos: uma disposição peculiar a pagar por ocupar esse lugar "reduzindo a si mesmo e seu nome", uma disponibilidade de perder o que pode ter de mais precioso, para poder entrar no jogo transferencial. Outra operação que uma análise pode produzir, embora não necessariamente.

A transferência se resolve em um furo, diz Lacan, mas a paz não vem imediatamente. Há perdas. É o momento de um luto. Um luto fundamental, conclusivo, terminal, que não terá o recurso de mobilizar todo o aparato simbólico para a sua resolução, pois é precisamente isso que se esgotou na via analisante até chegar ao ponto de já não querer confirmar essa opção. Ponto final da tarefa analisante, a análise acabou. Tampouco terá o apoio de qualquer valor ritual⁸, nem se resolverá apenas pela identificação ao analista, uma vez que ali se joga a partida da separação.

⁴ "Eu quis ter testemunhos disso, naturalmente, não consegui nenhum, nenhum testemunho de como isso foi produzido. Este passe é um fracasso completo". Lacan, J. (1978). Conclusões. Journées L'expérience de la passe. *Lettres de l'EFPN*. nº 23, p. 180 e 181.

⁵ "O cartel teve que avaliar o testemunho dos candidatos não só em relação com o final da análise, mas em relação à passagem de analisante a analista; sobre isso, alguns depoimentos não foram convincentes. A maioria dos passantes fornece poucas informações sobre essa conjuntura e sobre as elaborações que dizem respeito ao desejo do analista. Ou elas não aparecem articuladas e produzidas pelas mudanças subjetivas que ocorrem na experiência analítica que chegou ao seu fim". Lúcia D'Angelo (1999). Relatório do cartel do passe (E2) da EEP. Disponível em www.wapol.org

⁶ Lacan, J. (1973). Nota Italiana. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 314.

⁷ Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. pág. 259.

⁸ Talvez a demanda de passe às vezes seja inserida nessa sequência.

Como se alcança a resolução desse luto diante do furo que se abre no real pela captação do inessencial do SsS (Sujeito suposto saber)?

Em 1959, Lacan trabalhou as relações do desejo com o luto e falou de lutos satisfeitos⁹ e lutos não satisfeitos¹⁰. Os primeiros exigem certo sacrifício, certa renúncia a si mesmo, a isso que tinha um valor fálico para alguém e que se tornara a causa do desejo. A análise é, sem dúvida e por um período importante, algo em que um sujeito investe tempo, dinheiro e libido, para chegar a um fim no qual o que se obtém é saber que esse analista, que por muitos anos carregou o *agalma* da interpretação e suportou a transferência, já não serve para nada. Um furo e um luto fundamental se abrem ali, pois esse luto pelo valor fálico que a análise teve toca as exigências narcísicas desse sujeito, luto dos privilégios narcísicos que se acreditava ter na análise, na qual um analista estava à nossa disposição, ouvindo tudo o que passava por nossas cabeças e dando grande importância ao que, no discurso comum, não tem. Por que alguém iria querer prescindir de contar com um analista para que poder continuar falando dessa maneira? Algo disso se sacrifica no final, reduz-se, para ser elevado, eventualmente, à função de causa. Dessa perda pode emergir uma potência que se sabe impotente. O furo pode se converter “*trou tourbillonnant*” [furo turbilhonante]. Isso está muito distante de qualquer possível idealização do analista: “Não há nenhum objeto que valha mais do que outro - esse é o luto em torno do qual o desejo do analista está centrado”¹¹. Resta, então, a pergunta de até que ponto um analista se atreve a questionar um ser, correndo o risco do fim, o de desaparecer.¹²

Daí me pergunto se não seria apropriado concluir com algum elogio à sombra¹³, em vez de insistir em algum ideal de iluminação em relação ao passe, ou na possibilidade de estabelecer uma “clínica do passe”.¹⁴ Freud reservou “esse lugar nas sombras” para a origem do desejo. Talvez o passe não seja algo tão esclarecedor, ou relampejante, ou epifânico. Talvez seja suficiente encontrar algumas razões transmissíveis para se entusiasmar com saber ser dejetado, já tendo sabido inexoravelmente disso.

Buenos Aires, janeiro de 2023.

Tradução: Leonardo Pimentel

⁹ “O trabalho de luto é apresentado, em princípio, como uma satisfação dada ao que é produzido como desordem em razão da insuficiência de todos os elementos significantes para fazer frente ao buraco criado na existência. Há a colocação total em jogo de todo o sistema significante em torno do menor luto”. Lacan, J. (1958-1959). *O Seminário. Livro VI O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro, Zahar.

¹⁰ *Idem*. Aquele de Hamlet é justamente um luto não satisfeito.

¹¹ Lacan, J. (1960-1961). *O Seminário. Livro VIII. A Transferência*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., p. 381.

¹² *Idem*., pág. 381.

¹³ Junichiro Tanizaki desenvolve considerações interessantes sobre o elogio da sombra no Oriente. Ele compara, por exemplo, o tratamento que recebem os banhos (onde deixamos cair os dejetos) no Ocidente e no Oriente: altamente iluminado e com pretensões de limpeza absoluta no primeiro, não tão visíveis e especialmente na escuridão para o segundo. Eis alguns trechos que achei estimulantes: “Nós, orientais, tentamos nos adaptar aos limites que nos são impostos, sempre nos conformamos à nossa condição atual; não experimentamos, portanto, qualquer repulsa em relação à escuridão; resignamo-nos a isso como algo inevitável: que a luz seja pobre, assim seja! De fato, afundamos com deleite nas trevas e as consideramos de uma beleza muito particular. Por outro lado, os ocidentais, sempre à procura do progresso, estão constantemente agitados em busca de uma condição melhor do que a atual. Eles estão sempre à procura de mais clareza e conseguiram passar da vela para a lâmpada a óleo, do petróleo para a luz a gás, do gás para a luz elétrica, até acabarem com a menor resquícia, com o último refúgio da sombra”. Tanizaki, J. (1933). *Em louvor à sombra*. Buenos Aires: Siruela, 1994, p. 69.

¹⁴ Ver neste mesmo volume a minha contribuição sobre isto: *Mind the gap* (Cuidado com o vão), o que se reconhece do passe.

CARTEL 4

DES-FOSSILIZAR LALÍNGUA DO PASSE?

SIDI ASKOFARÉ, SANDRA BERTA, MARIA DE LOS ÁNGELES GOMEZ ESCUDERO,
SOPHIE ROLLAND-MANAS, COLETTE SOLER

DES-FOSSILIZAR LALÍNGUA DO PASSE?

Colette Soler
Paris, França

Dos meus dois anos de experiência no CIG, fiquei com uma pergunta inquietante: qual é a *lalíngua* do dispositivo do passe? Não falo dos cinco idiomas de nossa comunidade das quais verificamos por experiência que graças às traduções não fazem obstáculos. Estou falando da língua fundamental com a qual tentamos pensar nossa experiência e nossas decisões. Operação extremamente necessária para fazer Escola. Não se trata das decisões dos cartéis do passe quanto às nomeações, nem do que eles apreendem no caso a caso dos passes escutados quanto a haver ou não nomeação. Não tenho dúvidas, aliás, de que cada membro de um cartel se orienta pela ideia que tem, mais ou menos clara, mais ou menos implícita, acerca do que é uma psicanálise, em função disso que foi a sua própria análise e o ponto ao qual chegou. É até um problema caracterizado por um círculo vicioso essa subordinação do julgamento à experiência adquirida, mas não há como na psicanálise recorrer a uma autoridade mais exterior do que a daqueles que se dizem psicanalistas.

Somente a experiência, e não só a de uma psicanálise, desafia a transmissão sem os ditos que fazem aparecer o seu ordenamento. Como diz Annie Ernaux, Prêmio Nobel de Literatura de 2022, em uma citação retomada por Jean-Pierre Drapier em seu Prelúdio para a 3ª Convenção Europeia que ocorrerá em julho próximo: “Se não as escrevo, as coisas não seguiram até ao seu fim, foram apenas vividas”¹. “Apenas vividas”! Lembro-me da linha de fratura que, na Escola Freudiana de Paris, na década de 1970, assistiu precisamente o embate entre os proponentes do “vivido” brandindo a lira dos afetos contra seu pior pesadelo [*leur bête noire*], os teóricos da pena [*les théoriciens de la plume*] e sua indiferença supostamente fria. Este duelo teve suas figuras paradigmáticas. Contudo, essa configuração não mais existe, os tempos mudaram, e a aspiração comum entre nós vai mais para o “discurso sábio” [*discours savant*], posto em lacaniano.

Durante dois anos, nosso CIG nos debates entre os dezessete membros, questionou o que havia orientado a decisão dos cartéis do passe acerca de cada um dos passes escutados.

¹ No original: «Si je ne les écris pas, les choses ne sont pas allées jusqu'à leur terme, elles ont été seulement vécues» (Ernaux, A. *Le jeune homme*. Paris: Gallimard, 2022). A versão em português da frase foi extraída do texto “O amor da escrita segundo Annie Ernaux” por João Lopes publicado em 06/10/2022 e disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/o-amor-da-escrita-segundo-annie-ernaux-15229704.html>

O livro foi recém publicado em português sob o título: Ernaux, A. *O jovem*. Tradução Marília Garcia. São Paulo: Fósforo Editora, 2022.

Oportunidade de compreender em que língua nós pensamos nossa experiência. Esse “nós” é certamente um por um dos dezessete, mas isso não impede o “nós”. Além disso, não se trata apenas dos cartéis, mas da língua com que os próprios passantes histericizam suas análises, tentam dar-lhe conta, apreender seu traçado, seu desfecho final e saldo, e ainda da língua dos passadores na sua transmissão.

As palavras que usamos para dizer vêm sempre de uma língua anterior e, para nós da psicanálise, é aquela que Lacan produziu apoiando-se, ao menos em parte, na de Freud. A língua forjada por Lacan para elevar a psicanálise à inteligibilidade, a primeira a renovar de alto a baixo a de Freud desconcerta, aproxima as sentenças às surpresas as mais memoráveis, os aforismos, as afirmações zombeteiras, os matemas de usos múltiplos, os equívocos e os conceitos, etc., mas ela tem essa característica de nunca ter parado, até ele ter parado. Era isso que ele queria, eu acho. Uma língua em movimento que deixou na esteira de sua gestação o impressionante estoque do que ele mesmo nomeia de “fósseis bonitos” [*jolis fossiles*]². Ele visava aí o uso que seus contemporâneos faziam dela e nós também. Foram frequentemente notados nos dispositivos do passe, seus deslocamentos de acentos e podíamos declinar do vocabulário, ao fio do tempo, a travessia, o clarão, a redução do fim, o luto, a letra, o poema, a satisfação, o desejo do analista certamente, e tantos outros - o que, no entanto, poderia se dizer de outra forma.

Não se trata exatamente da doxa. Evidentemente, ela existe. Mas, basicamente, não surpreende que os falantes se apalavrem [*s'apparolent*] à doxa dominante do grupo em que vivem, eles estão imersos nisso. Porém, a obscenidade do grupo não é a da língua, ela apenas a isso se soma. Quanto à língua, ao contrário do grupo ainda congelado em forte inércia, em seu estado natural, ela não se aguenta.

Seu uso produz uma renovação constante. No estudo das chamadas línguas vivas, surge a questão sobre o que faz unidade para cada uma, apesar das variações de tempo e lugar³. Por que, por exemplo, o francês de um Rabelais, mais conhecido ao longo do século XVI, é legível para nós hoje apenas se traduzido, ainda que se trate do francês. A mesma pergunta para a pronúncia, como uma pronúncia específica, por exemplo a do Canadá, se cristaliza? É fato que cada língua evolui, e sem mestre – não obstante as tentativas dos nazistas de dobrar *lalingua* a seus fins, e não obstante ainda os atuais defensores da escrita inclusiva em sua tentativa de uma operação homóloga. Ela evolui por uso, pela mesma via por onde é adquirida, o uso oral. Curiosamente, o uso da língua, longe de presidir à entropia como é habitual em outros usos, preside a uma criatividade incessante e, aliás, na maior parte das vezes sem autores — embora não sem agentes, e estes se constituem de todos os usuários desta língua. Nada a ver com o grau de cultura, são tanto os usos ditos populares quanto os dos mais sofisticados escritores ou poetas que fazem parte dessas reconfigurações, como se a cada momento a *acoisa gozo* [*l'achose jouissance*] se encontrasse em excesso ou em descompasso com a língua recebida, a ponto de ter que expelir ali o novo, fazer novas palavras, novas expressões que se depositam conforme as peripécias existenciais. Vemos aqui, aliás, a

² Lacan, J. (1974-1975). *Seminaire 22*, RSI Lição 15 abril, 1975: « l'inconscient, c'est le Réel... je mesure mes termes, si je dis c'est le Réel en tant qu'il est troué, je m'avance. Je m'avance un petit peu plus que j'en ai le droit, puisqu'il n'y a que moi encore qui le dis, bien tôt tout le monde le répètera, et à force qu'il pleuve dessus, ça finira par faire un très *joli fossile* ».

Em versão para o português: “O inconsciente é o Real... eu meço meus termos. Se eu disser é o Real enquanto está furado, eu me adianto. Eu me adianto um pouquinho mais do que tenho direito, haja vista que somente eu o digo... que o digo até o momento. Logo todos o repetirão, e de tanto chover em cima, acabará dando um *fóssil muito bonito*”. [Lacan, J. (1974-1975). *Seminário 22*, RSI Lição de 15 de abril de 1975. Tradução de Luc Matheron. Edição não comercial do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2022, p. 254].

³ Ver a esse respeito os trabalhos de Bernard Cerquignani, linguista que escutamos na EPFCL-França.

ambiguidade da nossa academia, uma espécie de polícia branda da língua que acolhe as inovações ao mesmo tempo que fixa os limites que as congelam e que os dicionários irão inscrever.

Curiosamente, para as línguas analíticas é o contrário. Aconteceu com a de Lacan entre os lacanianos o mesmo que aconteceu com a de Freud na IPA, seu uso a mortifica progressivamente. Fósseis, este ensinamento depositou uma pá ao longo dos anos, conforme a época e as pessoas e podemos variar infinitamente o osso para mastigar que cada um pode escolher como que pronto para pensar. Assim vai a *lalíngua* fundamental do grupo. Com isso, nem estamos falando lacaniano, mas sim de dialetos que se cristalizam de acordo com a época e os grupos. Eu poupo os exemplos por consideração, especialmente porque isso, às vezes, não impede o trabalho de elucidação que pode reanimar o fóssil, pelo menos por um tempo, assim como alguns achados preciosos, mas a grande carruagem é imóvel.

Então a verdadeira questão é: onde está o dano, e para quem, para além dos efeitos de repetição e de esterilidade, para além do fato de que os psicanalistas de hoje, embora mais tagarelas do que os de 1970 de que falava Lacan, permanecem como eles “carentes de inventiva” [*en mal d'invention*]⁴. Não seria isso um contra-efeito da Escola que está se enunciando?

Para apreendê-lo, detenho-me um pouco na função da língua no discurso. A oposição, até mesmo contradição, entre os efeitos criativos do uso das línguas vernaculares e os efeitos entrópicos da língua clínica na psicanálise é impressionante. Qualquer língua viva certamente caminha para a língua morta, pois todos os deleites verbais dos falantes que ali se depositam esfriam assim que entram no dicionário. É por isso que Lacan disse que uma língua dita viva porque é falada - a língua no sentido de idioma - é, no entanto, uma língua morta. Então podemos dizer: “Diga-me a língua que você fala e eu lhe direi...”. Ou, por que não, “diga-me qual a fala de Escola da qual você goza e eu lhe direi o que você faz”. É que para cada falante - além do mais, sempre tomados em um discurso - o que importa é a língua que ele escolhe. Falar é escolher sua língua no grande estoque da *lalíngua* maternal. Ou, de outro modo, é a língua que cada um fala que aloja, acolhe e sustenta, os impulsos do desejo, as vibrações da *acoisa* e o ânimo vital em jogo em sua relação com a psicanálise. Neste ponto, nada é mais prejudicial do que querer se fazer ouvir a ponto de escolher a língua mais comum à grande maioria. De que gozam os passantes, os passadores, os cartéis na língua comum dos fósseis que se dirigem ao comum do grupo? Certamente não da coisa analítica, e neste caso, não faz sentido dizer como se faz: transmitir!

Parece que o efeito de transmissão que circula de um para outro não passa apenas pela sintaxe discursiva e seus argumentos, mas pela obscenidade da língua, pelo contágio de gozo. O termo obscenidade certamente soa negativo, ele se afasta um pouco, mas indica qual é o elemento motor da língua e seus efeitos de corpo que localizamos no termo desejo ou gozo. Isso é verdade até mesmo para o amor sexual e a reprodução, que exigem nada menos do que “o gozo de falar”, então como não poderia ser o caso da psicanálise?

Essa linguagem fossilizada tem uma função: ela faz semblante de saber, permite colocar o saber que ela comporta no lugar do semblante. Ela não é então, a pálida reverência da língua morta à língua viva de Lacan? Uma forma de amor transferencial embalsamado. Sublinho a ironia, pois ele vem sempre acompanhado da grande palavra de ordem da célebre “queda do suposto saber”, que não nos falta no passe, em vista de toda nomeação de AE, seja para oferecer quando se é passante, seja para exigir quando se está em um cartel.

⁴ “Longe, em todo caso, de me comprometer com esse roça-roça literário pelo qual se denota o psicanalista carente de inventiva, denuncio nisso a tentativa infalível de demonstrar a desigualdade de sua prática para justificativa do menor prejuízo literário”. [Lacan, J. (1971). “Lituraterra”. In: *Outros escritos* (pp. 15-25). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 16].

A língua congelada é provavelmente o recurso do que Lacan nomeia “os psicanalistas carentes de inventiva”⁵. Não há razão para atormentá-los e sim muitos motivos para seguir o efeito que essa língua morta exerce: é a virada do discurso analítico rumo àquilo em que as línguas mortas de saberes adquiridos comandam, o universitário que Lacan achou adequado em seu *Posfácio*, para marcar mais uma vez a “incompatibilidade”⁶ com o da psicanálise. E, de fato, como esperar que sejam realizadas como queremos as singularidades sem pares com a diferença absoluta de seu passe de fim em uma língua passada ao semblante de saber que as exclui? Se o “penso, logo se goza” assim como o falar, não há como não implicar *lalíngua* com a qual escolhemos falar e pensar no efeito de transmissão ou de não-transmissão.

Tradução: Miriam X. Pinho-Fuse

RÉPLICA A “DES-FOSSILIZAR *LALÍNGUA* DO PASSE?” DE COLETTE SOLER

Sidi Askefaré
Toulouse, França

Ao final dos trabalhos de nosso CIG e de nosso cartel formado em Buenos Aires, Colette Soler nos presenteou com um texto estimulante, ao qual ela deu um título, cujo ponto de interrogação não apaga seu lado ligeiramente polêmico: “Des-fossilizar *lalíngua* do passe?”

Que réplica pode ser dada a uma tal contribuição que não só recapitula uma grande parte da nossa experiência dos últimos dois anos, mas também diagnostica o estado do passe na nossa Escola e os obstáculos relativos aos efeitos de grupo e abre as perspectivas que os necessários contrafeitos da Escola exigem?

Se eu retivesse apenas um ponto para presente réplica, seria o indexado pela pergunta de onde deriva o título dado a esta contribuição decisiva: “Qual é a *lalíngua* do dispositivo do passe?”.

O passe, o caçula dos dispositivos da psicanálise - inventado para selecionar os analistas a partir do inconsciente e para capturar, se possível, o “desejo do analista” - o passe, portanto, partilha com a cura e a supervisão, o fato irreduzível de pertencer ao campo da linguagem e da função da fala.

Não é, portanto, incongruente questionar este passe, a partir da *lalíngua*, uma noção que chegou tarde no ensino de Lacan, assim como são frações tão essenciais como o nó borromeano ou o *falasser*.

Na verdade, mais do que qualquer dos outros dois dispositivos que o precedem, o passe - e especialmente o passe como dispositivo de uma Escola internacional como a nossa, que é plurilinguística desde o início - se desdobra, complica e sofisticada, por assim dizer, aquele do qual a cura e o supervisão oferecem apenas o epítome: isto é, a complexa articulação da

⁵ Idem.

⁶ Lacan, J. (1973). “Posfácio ao *Seminário 11*”. In *Outros escritos* (pp. 503-507). Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 504.

lalíngua do passante, da língua, e até mesmo, às vezes, das línguas da sua análise, das línguas dos passadores e, *em suma* [*in fine*] das línguas dos cartéis.

Entretanto, como Colette Soler sabiamente observou, não há nada em nossa experiência comum em nosso CIG que sugira que a diversidade dos idiomas de nossa comunidade de Escola constitui em si um obstáculo intransponível à transmissão de testemunhos e, portanto, ao trabalho dos cartéis. Em resumo, o problema não é de tradução, quaisquer que sejam as perdas que esta operação sempre e necessariamente envolve. Talvez até mesmo o rigor e os esforços de precisão que a tradução exige a tornem mais confiável do que o aparente entendimento comum e compartilhado dentro de um cartel monolíngue.

Além da linguagem comum - neste caso, impossível - o que resta senão a doutrina comum e as noções e conceitos raros nos quais essa doutrina é articulada?

E se este for o caso, podemos considerar esta linguagem conceitual - o léxico e a sintaxe de nosso saber referencial - como a “lalíngua do passe?” A questão se coloca, não seria senão por causa do que este termo *lalíngua* traz consigo em termos de referências ao corpo, gozo e efeitos enigmáticos.

Mas isso não é o mais importante. O importante, me parece, está no fato de que o passe está situado na junção do singular e do institucional, da historisterização (*hystorisation*) de uma experiência singular e da elaboração de uma comunidade de experiências. Daí a prova que consiste, idealmente, em fazer com que a *lalíngua* singular do passante passe para o discurso da comunidade. Mas como fazer passar esta historisterização (*hystorisation*) singular do passante a uma comunidade que só fala e pensa na língua-instituição? E a adoção desta língua-instituição para dar testemunho de uma experiência singular tecida a partir da lalíngua não contraria “O que se sabe, consigo” do Prefácio à edição inglesa do Seminário XI⁷?

Talvez tudo o que resta ao passante é seguir o caminho traçado pelo escritor: “Minha história está na história dos outros, e ainda assim devo contá-la, para que exista e seja acrescentada aos outros *com sua diferença*”⁸. Isto não pode ser feito nem na única *lalíngua* que condena à incomunicação absoluta, nem na língua-instituição que reabsorve o dizer singular no discurso comum ou mesmo universalizante. Poderia ser este o limite, o fracasso, o fracasso do passe, que é também sua chance, a de sempre ter que ser recommençado?

Tradução: Luciana Guarreschi

RÉPLICA A “DES-FOSSILIZAR LALÍNGUA DO PASSE?”

DE COLETTE SOLER

Maria de los Ángeles Gómez
Porto Rico

Ao término de nossa passagem pelo CIG, nós, os membros, reunidos na Argentina (pela primeira vez de modo presencial), decidimos que era importante recolher e transmitir algo de

⁷ Lacan, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2003, p. 567.

⁸ Annie Ernaux, *L'atelier noir*, Paris, Gallimard, 2022, p. 167.

nossa experiência. Tratava-se de uma proposta de trabalho em cartéis efêmeros, que trabalhariam cada um seguindo seus próprios interesses e modalidades e cujo produto faria parte do próximo número de *Wunsch*. Cada cartel, formado ao acaso, teria a oportunidade de trabalhar alguma pergunta ou inquietação que tivessem surgido durante o tempo de passagem pelo CIG. No caso do nosso cartel, tratava-se de uma pergunta que resume muitas das inquietações e questionamentos que surgiram ao longo de nossos dois anos de trabalho. Uma reflexão que remete, no nosso caso, à pergunta por *lalíngua* do dispositivo do passe e os efeitos de sua possível e, frequentemente constatada, fossilização.

Colette Soler escreveu um primeiro texto a partir da pergunta “Des-fossilizar a língua do passe?”, no qual nos convida a refletir sobre a língua com a qual pensamos a experiência do passe e os modos como os referentes de estrutura se entrecruzam e se encaixam ou não com a singularidade de cada caso e de cada passe. Que lugar damos à doxa no dispositivo do passe? Que lugar damos ao discurso sobre o passe e seus efeitos na constituição e cristalização da doxa que supostamente nos serviria de referente? São perguntas cruciais que atravessam nossa Escola desde seu início e remetem, ainda mais para trás, às marcas e tropeços da implementação do dispositivo desde que Lacan o propusera em 1967.

Sabemos que Lacan, com sua proposta, buscava dar certa forma e lugar à experiência da formação, tentando esclarecer uma questão essencial que emerge ao final da análise e que remete à produção do analista e à questão fundamental da garantia em uma Escola de Psicanálise. Surgia com isso sua formulação sobre o “desejo do analista” e a pergunta pela emergência desse desejo. Também se colocava a possibilidade de dar conta disso no dispositivo do passe, o que abria uma aposta teórica, clínica e ética, além de política, que cimbraria as diferentes instituições analíticas nas quais se tentou implementar a experiência do passe.

Parte da dificuldade remete ao enigma que atravessa a formulação de Lacan sobre o desejo do analista. Ele tentou dar conta dessa formulação em diferentes momentos, mas nunca conseguiu desanuviar teórica e clinicamente as múltiplas implicações de sua proposta. Lacan a inscrevia, por exemplo, no sentido da possibilidade de assumir uma função, que foi designada com um x em certo ponto de seu ensino. Aproximava-se também em seu escrito “Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista”, quando propunha que “é o desejo do analista que, em última instância, opera na psicanálise”⁹. Seria então o eixo sobre o qual se articula todo o dispositivo da cura, assinalando-se sobretudo o alcance de sua função de operador, mas pouco sobre sua emergência, senão enquanto produto da análise levada a suas últimas consequências. Mas é um produto que não vem à tona, e sim que se perfila, às vezes, no claro escuro disso que Lacan chamava “essa sombra espessa que recobre a junção em que o psicanalista passa a psicanalista”¹⁰. Uma sombra suposta ser dissipada e que permitiria cernir algo desse passe que dá passagem à emergência de um desejo inédito, desejo sem referentes nem amarres prévios. Desanuviar algo dessa sombra é sem dúvida trabalho do analisante, mas qual é o trabalho de dissipação que compete à Escola? Mais ainda, seria possível cerni-lo com as coordenadas conceituais que utilizamos para abordar a clínica?

A fenda que fica na transmissão da experiência singular do passante, a comunidade tentou remendar-se de múltiplas maneiras e, com isso, se fortaleceu pela via do discurso e dos conceitos, alguns deles elevados à categoria de preceitos. A proposta de Lacan sobre *lalíngua*

⁹ Lacan, J. (1964/1998) Do *Trieb* de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 868.

¹⁰ Lacan, J. (1967/2003) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 258.

permite fazer algo diferente com essa dificuldade que a fenda da transmissão coloca, pois, aberta ao equívoco e ao sem sentido, “*lalíngua* designa os aspectos da linguagem que, jogando com a ambiguidade e com a homofonia, geram uma espécie de gozo”¹¹.

O dispositivo criado por Lacan é uma aposta de que certa conjugação possa acontecer a partir de uma estrutura que sempre se põe à prova tanto em sua força quanto em sua fragilidade. Trata-se de um esforço de entrelaçar algo da dimensão singular da experiência com a Escola, ainda que saibamos que não há nem manual nem medida comum, nem língua institucional para recolher tudo o que de “*lalíngua*” singular do passante ressoa no espaço comum do dispositivo. Então, como pergunta Colette Soler, “como esperar que sejam realizadas como queremos as singularidades sem pares com a diferença absoluta de seu passe de fim em uma língua passada ao semblante de saber que as exclui?”¹²

Dado que o saber é um eixo crucial e complexo da experiência, caberia lembrar algo que extravasa e remete àquilo que Lacan, na Proposição, chamou de *l’aperçu*, que se coloca no campo visual desde onde se poderia vislumbrar a fulguração do relâmpago – raiva luminosa, mas silenciosa, dizia Prévét – inerente ao instante do passe. Essa metáfora elétrica nos devolve a pergunta sobre o que se pode transmitir e acolher dessa intensidade singular e fulgurante da *lalíngua* do passante. Como evitar, acompanhando essa metáfora, que a força eletrizante da experiência do passe não se dilua no para-raio da doxa e no afã de dar sentido? Como diz Colette Soler, “o efeito de transmissão (...) não passa somente pela sintaxe discursiva e seus argumentos, mas também pela obscenidade da língua e pelo contágio de gozo”. Como manter no efeito de transmissão aquilo que o sustenta como pulsação vital da Escola, evitando as derivas ao discurso universitário ou àquilo que Freud chamava os terrenos seguros da ciência?

Tradução: Maria Claudia Formigoni

RÉPLICA A “DES-FOSSILIZAR *LALÍNGUA* DO PASSE?” DE COLETTE SOLER

Sophie Rolland-Manas
Narbonne, França

Preâmbulo

Ao chegar ao fim desta nova experiência, para mim, como membro de um CIG, conservo o que foi uma oportunidade e também uma responsabilidade de ouvir os passes nos cartéis em que participei, quer tenha havido ou não uma nomeação. Nesta mesma linha, não me esqueço do caminho de um trabalho epistêmico que se elaborou com a participação de cada um dos membros do CIG. As reuniões mensais, com dezessete pessoas, durante esses dois anos, inscreveram o valor do que pode ser este trabalho em uma Escola do passe do campo lacaniano e enfatizam, se necessário, o [valor] de uma comunidade de experiência. Trabalho em comum, de troca e discussão, mas não sem a singularidade e a diferença que nos fazem ser

¹¹ Lacan, J. (1972-1973/1985) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

¹² Soler, C. “Des-fossilizar *lalíngua* do passe?” neste mesmo número de *Wunsch*.

“dispersos díspares”, mas com a ideia de nos entendermos em uma língua comum. Não aquela que diz respeito ao plurilinguismo, que se resolve por traduções sem grandes problemas. E ainda mais se nos referirmos a J.L. Borges, que nos dizendo que é «O original que se mostra infiel à sua tradução». Mas, em vez disso, nossa língua comum seria aquela que lida com a *lalíngua* do inconsciente e com a qual orientamos nosso trabalho nos dispositivos de Escola para pensar sobre a experiência e o que pode ser transmitido dela.

Assim, é no término deste CIG e com o objetivo de deixar traços de um trabalho, de depositar algumas produções escritas na revista *Wunsch* e, portanto, na Escola, que, durante o Encontro Internacional em Buenos Aires, foram constituídos cartéis efêmeros por sorteio.

Em referência ao trabalho elaborado e às discussões no CIG durante dois anos, as poucas trocas e reflexões entre os cinco membros do cartel efêmero levaram a esta questão: “Desfossilizar *lalíngua* do passe?”. É a partir do que recolhi da leitura do texto de Colette Soler, com a clareza e a densidade epistêmica que ele tem, sem ser menos revigorante, que tentarei abordar esta questão com base na experiência dos cartéis do passe.

De cada passe ouvido e das elaborações que se seguiram, partirei da ideia de que cada um ouve ao ponto em que alcançou em sua própria experiência, Lacan insiste nisso em sua “Proposição...”: “Partimos de que a *raiz* da experiência do campo da psicanálise, colocada em sua *extensão*, única base possível para motivar uma Escola, deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, bem entendido, tomada como *intensão*: única razão justa a se formular da necessidade de uma psicanálise introduzida para operar nesse campo”¹³.

Notamos que, embora a experiência de uma análise finalizada seja uma condição incontornável e necessária para acolher cada transmissão de testemunho de passe, ela não é suficiente. Às vezes, ela pode até «ser um problema», enfatiza Colette Soler, se as decisões tomadas forem baseadas apenas nas aquisições da experiência. De fato, ela só pode desempenhar sua parte em articulação com o trabalho de elaboração do cartel.

Esse tempo de elucidação em conjunto é fundamental. Ele se inscreve em uma relação entre a singularidade da experiência do passante, a lógica do testemunho e aquela dos referentes da estrutura (queda do SsS, terminação do luto, virada de passe, efeitos terapêuticos, identificação ao sintoma...), muitas vezes tingidos da doxa do momento, com o risco que isso comporta, de um deslizamento para a ortodoxia. Este trabalho não pode ser feito sem a articulação com o ensino de Lacan e não sem a ligação à Escola, sempre questionando novamente a relação com a psicanálise. Acredito que continuar pensando no passe, «recolocar o coração no trabalho», provavelmente implica na tentativa de cernir algo de um real em jogo no passe, em cada etapa do dispositivo e, mais amplamente, na Escola.

Talvez digam, e teriam razão, que, embora fundamentais, essas articulações ainda não são suficientes e que não impedem a doxa, sempre presente, nem a “fossilização” de continuar seu trabalho.

Talvez, aliás, poderíamos acomodar *lalíngua* com os “fósseis bonitos”, ao lado de “O inconsciente é o Real [...] por ser furado [...], logo o mundo inteiro o repetirá e, de tanto chover no molhado, acabará dando bonito fóssil”¹⁴. Mas nada impede de nos servirmos desses fósseis, de trabalhar com eles. E isso não é já “des-fossilizar”?

Tratar-se-ia, então, de deslocar, aerar, fazer abertura, deixar passar a originalidade, o novo, e um pouco de invenção no dispositivo do passe?

Interrogar o passe a partir de *lalíngua* pode parecer um paradoxo entre o que ele teria de mais singular, a *lalíngua* própria a cada um, e um dispositivo de Escola, no qual os membros trabalham juntos.

¹³ Lacan, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre a psicanálise da Escola” Primeira versão. Anexos. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, pp. 572-573.

¹⁴ Lacan J. (1974-1975). *O Seminário, livro 22: RSI*, aula do 15 de abril de 1975, inédito.

O paradoxo não é um obstáculo se pensarmos que as elaborações, o trabalho epistêmico, são feitos em conjunto em um lugar no qual a relação de cada um à *lalíngua* difere. Algo, portanto, pode fazer um movimento e agir sobre a língua morta para vivificá-la. Certamente, com *lalíngua*, não se trata da língua privada, não mais do que da “língua de madeira”¹⁵, mas daquela que faz ressoar. Aquela que se escuta a despeito dos significantes.

Em todo caso, ousaria dizer que a experiência no CIG, durante dois anos, evoluiu em um espaço de trabalho no qual *lalíngua* pôde cessar de ser morta. Que *lalíngua* possa reencontrar a vivacidade, é disso que testemunha a satisfação que encontramos em nosso trabalho.

Tradução: Leonardo Pimentel

RESPOSTA AO TEXTO DE COLETTE SOLER

“DES-FOSSILIZAR LALÍNGUA DO PASSE?”

Sandra Berta
São Paulo, Brasil

Des-fossilizar lalíngua do passe? texto preciso – passador da experiência destes dois anos do CIG – que Colette Soler propôs para nosso Cartel efêmero. Lê-lo me deu um efeito de advertência que, mesmo escrita como interrogação, não deixa de sê-lo. Por outro lado, ler as réplicas que os colegas deste cartel aportaram não dissipou dita advertência, só a confirmou.

Esse texto de Colette Soler faz passar uma inquietação que, de algum modo, foi se deslizando ao longo do trabalho realizado e que, certamente, retoma inquietações de Colegiados Internacionais da Garantia que nos antecederam.

A pergunta faz furo com esse efeito de turbilhão que um furo pode produzir se não tendemos a tampá-lo. O problema indicado é uma advertência a partir de uma constatação, a saber: como poderíamos fazer da Escola que Lacan pretendia uma experiência em construção permanente, algo que não seja um fóssil. Uma Escola de analistas poderia fossilizar a pergunta sobre o psicanalista e sobre a psicanálise? Seria uma contradição se não fosse uma constatação em potência.

Advertência para não esquecer que “o grande carro está imóvel” e que é nossa responsabilidade fazê-lo andar, mover-se de algum modo. A proposta foca na chance que *lalíngua* oferece, a qual podemos recolher no dispositivo do passe... se não a fossilizamos.

Lalíngua, acontecimento, equívoco linguageiro que Lacan destacou quando se perguntava pelo saber do psicanalista. Um saber que deve se orientar pelos efeitos de real e do qual esperava outros efeitos que não o saber universitário. Desses efeitos se tornaria possível que a obscenidade da língua se trafique em equívocos singulares de *lalíngua*.

Mas isso não se produz a qualquer momento. Parece que é da demanda fundamental, a qual Lacan chamou “não é isso”, que algo pode reverter-se para que esta obscenidade se transforme no singular. Tempos de luto no final- um dos nossos “referentes de estrutura” sobre o qual temos debatido nestes anos.

¹⁵ Lacan, J. (1974) *A terceira. Inédito*. N.T.: No original, “*langue de bois*”: expressão que se refere a um discurso ambíguo, abstrato, empregado para desviar do assunto.

A obscenidade do que era fundamental, pela língua e pela demanda, pode ser acontecimento? É a isto que Lacan chamou ato psicanalítico?

Nos cartéis estamos “à disposição” desses efeitos de transmutação do obsceno para o singular que diz *d’acoisa* (*l’achose*). Por aí se trafica o singular, às vezes.

São escassas as chances para que isso se produza. Por isso, em nossas discussões constatamos que podíamos argumentar melhor quando não havia nomeação AE. Como se, ao argumentar uma nomeação, se furasse o argumento. O tonel das Danaides ali se mostra. Os “referentes de estrutura” estão ali também um pouco furados pelo “há do novo” em cada singular. Há algo do ato que falha qualquer argumento. Isso afeta qualquer agente desse dispositivo que Lacan chamou “O passe” para sua Escola.

Afinal, talvez esta advertência de hoje não seja dissonante com o que Lacan nos dizia sobre o ato do psicanalista – passagem de psicanalisante a psicanalista. Depois de um Seminário dedicado a isto, ele continuará dizendo que não concluirá seus argumentos sobre dito ato. Disse-o algumas poucas vezes em outros Seminários. Depois voltou com a topologia da palavra para finalmente dedicar-se a diferenciar o dito e o dizer. Precisamente, esse dizer que se infere quando se produz um giro de discurso.

Razão pela qual destaco a diferença entre ser capturado e apalavrado pelo discurso disso que escreve Colette Soler: há uma escolha. E, se lhe acompanho bem, isso depende *d’acoisa* (*l’achose*), causa do desejo do analista.

Que não fiquemos cativos da doxa seria uma das primeiras condições para que a experiência de Escola – e de cada passe – seja *uma* e que, de alguma maneira, essas experiências não se somem. Por ali, algo do risco à futilidade se perde. Por ali também se esperaria não cair no “amor de transferência embalsamado” - advertência forte escrita por Colette Soler neste texto. De fato, entre o singular e a tendência ao universal da doxa, o ato psicanalítico continua a ser seu paradoxo. O leio nas réplicas ao texto de Colette Soler que escreveram os colegas deste cartel.

Os cito:

Sidi Askofaré: “Poderia ser este o limite, o fracasso, a falha do passe, que é também sua oportunidade, a de ter que começar sempre de novo?”

Sophie Rolland Manas: “Algo pode então mover-se e atuar sobre a língua morta para vivificá-la. De fato, com *lalíngua* não se trata de uma língua privada, nem de uma língua de madeira. Mas daquilo que faz ressoar. A que pode se ouvir a pesar dos significantes”.

Maria de los Ángeles Gómez: “O dispositivo criado por Lacan é uma aposta porque uma certa conjugação pode se dar a partir de uma estrutura que sempre se coloca a prova tanto em sua força quanto em sua fragilidade.”

Ao qual posso agregar, parafraseando Lacan: *lalíngua do passe... ou pior*, tratando-se de uma Escola de psicanalistas, tal como a pretendemos. Talvez haja algo do gozo singular, elaborado e extraído por *lalíngua* na experiência de cada análise que possa responder ao risco permanente de fossilizar *lalíngua* do passe.

Afinal, de *lalíngua*, Lacan escreveu: “Se trata da animação no sentido de um remeximento, de uma cócega, de uma coceira, de um furor”¹⁶ O desafio para não petrificar nossa experiência de Escola está posto: que *lalíngua do passe* não perca essa trilha definida por *lalíngua*.

¹⁶ Lacan, J. (1973-1974) *O Seminário, livro 21: Les non-dupes errent*. Aula de 11 de junho de 1974.

VII ENCONTRO INTERNACIONAL
DE ESCOLA

30 de junho de 2022 – Buenos Aires

O PASSE A ANALISTA

ABERTURA

Fernando Martínez
Puerto Madryn, Argentina

“O passe não é o fim” nos recordava nosso colega Patrick Barillot¹ em um trabalho do ano de 2006, assim que havia sido nomeado AE tendo se apresentado ao passe antes do final de sua análise. Dezesesseis anos mais tarde nos encontramos reunidos aqui para poder retomar alguns aspectos desta distinção; sob o título “O passe a analista”, propondo-nos lançar luz sobre este ponto tão difícil de localizar que é o surgimento do desejo de analista, a partir do ato que, por estrutura, fica rapidamente denegado.

O título decanta do trabalho epistêmico do atual CIG em torno das diferenças entre passe, final e advento do desejo de analista para voltar a colocar o último como objetivo fundamental do dispositivo do passe. É constatável em muitos testemunhos recebidos nos cartéis do passe, a busca da confirmação do final de análise e praticamente nula a captação da causa que levou o analisado a querer ocupar o lugar de analista, questão que também já era uma reflexão sobre a doxa no trabalho de Patrick ao qual fazia referência.

Cabe então assinalar mais uma diferença implícita: a análise terminada tampouco é o final de análise.

O primeiro remete à virada de passe de analisante para analisado, ilustrado na clínica pela queda do Sujeito Suposto Saber, que deixa colocada a condição fundamental para o ato, advento do analista; o segundo, por outro lado, remete ao tempo lógico do final de análise, tempo que tem uma duração que lhe é própria e muitas vezes incalculável visto que pode estar acabado antes do ponto final, como testemunham vários dos trabalhos dos AE desde os inícios de nossa Escola.

No texto de convocação deste encontro Colette Soler o assinalava com estas palavras:

“Se se avalia bem que este analista pode produzir-se antes do término da análise, então poderemos focar menos naquilo que falta no testemunho do passante do que naquilo que basta para atestar do analisado. Ficarão então contudo a verdadeira questão: o analisado não é ainda mais que um analista em potência e que terá que optar por saber se, psicanalista quer ser em ato”.

Programamos para hoje diferentes mesas apostando navegar por estas distinções: escutaremos nossos AE, colocaremos em debate o trabalho deste CIG, alguns colegas ilustrarão sobre seus inícios na função de analista e culminaremos com uma mesa política sobre a utilidade social do analista. Tudo isso com o propósito de colocar em relevo e bordear a pergunta introduzida por Lacan sobre a causa do surgimento desse desejo inédito que é o do analista. Causa que ainda em nossos dias se mantém com sombras espessas, mas que, entretanto, nos dispõe ao trabalho sobre o impossível.

Aproveitaremos este reencontro neste continente onde tratar de fazer existir o impossível é questão da vida cotidiana. Tentaremos uma vez mais. Não sem antes parafrasear a advertência de Borges ao se dispor a transcrever sua experiência diante do Aleph: “O que meus olhos viram foi simultâneo; o que transcreverei será sucessivo, pois a linguagem o é. Algo, entretanto, registrarei.”²

Em nome de todos nossos colegas da Argentina e dos integrantes do CIG e agradecendo especialmente o trabalho da Comissão Organizadora deste evento que, devido à pandemia,

¹ Barillot, P. O passe não é o fim. *Wunsch* 5, março, 2006.

² Borges, J. L. *O Aleph*. Rio de Janeiro, Ed. Globo, 1986, p. 133.

organizou duas vezes este encontro; bem-vindos ao VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano desejando uma produtiva jornada de trabalho e de debate.

Tradução: Luis Guilherme Coelbo Mola

OS AE NOS FALAM DO PASSE A ANALISTA

PROMOÇÃO DE UMA QUEDA [DÉCHÉANCE]

Anastasia Tzavidopoulou
Paris, França

Se Lacan em sua “Proposição”¹ de 1967 nos remete ao jogo de xadrez, é sem dúvida para sublinhar as aberturas, aberturas do Inconsciente, que condicionam a continuação *lógica* da partida. É uma maneira de nos sinalizar isso que vai muito facilmente por si só, ou seja, o laço, a dialética entre o início e o fim da análise. Entramos pela transferência, saímos pelo passe e devemos apreender algo desse percurso, algo para além dos efeitos terapêuticos. Esta saída implica uma nova entrada.

Ao estudar a proposição sobre o passe, percebemos a virada, a discrepância de Lacan em relação ao dispositivo freudiano. Onde Freud propõe um fim natural da análise que esbarra no impasse da castração, Lacan, com o passe, propõe um fim lógico. Mas essa virada exclui qualquer continuidade com Freud?

Eu me detenho em dois pontos.

O primeiro: Freud² escreve a Binswanger que “não há nada na estrutura do homem que o *predispunha* a lidar com a psicanálise”: não há nenhuma tendência natural do homem para lidar com o Inconsciente, com sua decifração e elaboração. Poderíamos argumentar que, nas entrelinhas dessa observação freudiana apoiada na psicanálise no mundo como “hostil à civilização”³, mas também no próprio ato analítico, dessa observação da natural inaptidão humana para o Inconsciente, a proposição do passe viria a se inscrever como um processo *contranatural* para levar a esse lugar estranho que é o do psicanalista, lugar que não quereríamos por conta disso tudo?

O segundo ponto: Freud⁴ permanece cético em relação ao respeito excessivo pelo Inconsciente misterioso, bem como aos erros e ao deslumbramento que ele pode engendrar. Não se deslumbrar com o Inconsciente, mas aproveitar algo dele é a aposta de quem atravessa o dispositivo do passe: não se deslumbrar com o Inconsciente, o que significa designar a lógica

¹ Lacan, J. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista de Escola”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 252.

² Freud, S.; Binswanger, L. Lettre du 28 mai 1911, *Correspondance: 1908-1938*, Paris, Calmann-Lévy, 1995, p. 134. No original citado pela autora: « il n'est rien dans la structure de l'homme qui le *prédispose* à s'occuper de psychanalyse ».

³ Freud, S. (1925). “As resistências à Psicanálise”. In *Obras completas*, volume 16, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 263. Na versão francesa citada pela autora consta: “ennemi de la civilisation” (Freud, S. « Résistances à la psychanalyse », *Résultats, Idées, Problèmes, II*, 1921-1938, Paris, PUF, 1985.

⁴ Freud, S. (1923). “Observações sobre a teoria e a prática da Interpretação dos sonhos”. In *Obras completas*, volume 16, São Paulo, Companhia das Letras, 2011.

da cura que não é a lógica de sua narrativa, e transmitir uma parte à comunidade analítica. Esta é toda a dificuldade, porque somos confrontados com o Inconsciente como hipótese, como dedução. Somos confrontados com a afirmação de Lacan⁵ “o inconsciente é”, ponto. E ao mesmo tempo somos convidados a formalizar algo de sua lógica singular, a lógica de uma hipótese e não a de uma noção, dito de outra maneira, somos convidados a dar vida a esse “ponto” do “inconsciente é”, ponto. Essa formulação de Lacan vem na sequência de sua leitura da posição freudiana, Freud não sabe o que é o Inconsciente, mas ele aí trabalha e é trabalhado. No dispositivo do passe somos chamados a dizer não o que é o Inconsciente, mas o que ele é para cada um.

É, portanto, em Freud que Lacan se apoia para extrair da experiência o que se distingue da cura e que vai além do impasse freudiano, e para propor como questão central do fim da análise o passe do analisante a analista no cerne de uma Escola psicanalítica. Poder-se-ia ouvir, portanto, que essa proposta de Lacan, proposta de alcance político novo no qual o lugar do saber em uma Escola deve ser reexaminado, chega no limite do campo freudiano, no limite do Inconsciente enunciado como uma hipótese, assim como da pergunta “que quer o analista?”, questão colocada por Freud⁶, mas também aquela, sempre posta desde: “o que é um psicanalista?”.

“No começo da psicanálise está a transferência”⁷, encontramos essa conhecida expressão no texto de 1967. Claro, podemos entendê-la como uma transferência de todos os psicanalistas à Freud. Mas trata-se também do pivô do ato analítico em torno do qual o Inconsciente, saber suposto, deve se revelar sob a forma de um saber que não se sabe. Essa referência à transferência, ao sujeito suposto saber e ao começo, tem sua importância em um texto que trata do fim. Há um movimento natural no início de uma análise, um endereçamento ao analista, trata-se de um ato de crença. O sujeito-analisante conta com a garantia da presença do analista e graças a essa presença não precisa ser prudente face ao deslumbramento do Inconsciente; pelo contrário, esta é a condição mesma para que ele esteja em casa⁸. A entrada em análise, ou seja, estar sob o efeito da transferência, supõe um “não sei”, “não sei nada”, seguido de um “não sei o que procuro saber, mas gostaria de saber algo sobre isso”.

Daí a pergunta que podemos nos fazer e a faço de forma retórica: o sujeito analisante ao final de seu percurso analítico sairia de “sua casa” pelo passe? Sairia da imprudência do Inconsciente? Sairia do “não sei”, do “não sei o que digo”, sairia de todos os elementos imaginários e simbólicos que vestiram sua história, sua *hystoriole*? Eu diria que sim. Por consequência, um saber. É necessário para que haja psicanalista [*qu’il y ait du psychanalyste*], mas será suficiente?

Volto à metáfora do jogo de xadrez. O analisante, como um peão, avança imprudentemente, mas não sem certa lógica; é a condição necessária da transferência porque o analista está aí para guiar o desejo do sujeito em análise não para ele mesmo, mas para um outro que não ele, é Lacan⁹ quem sublinha isso e acrescenta: “[nós, os analistas] amadurecemos o desejo do

⁵ Lacan, J. (1970). “Radiofonia”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 431.

⁶ Freud, S. (1910). “Cinco lições de psicanálise”. In *Obras completas*, volume 9, São Paulo, Companhia das Letras, 2011, p. 263.

⁷ Lacan, J. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 252.

⁸ Lacan, J. (1964). *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 53.

⁹ Na íntegra: “O problema da análise reside na situação paradoxal em que se encontra o desejo do Outro que o sujeito supõe que lhe demandamos. Com efeito, o desejo do Outro, que é para nós o desejo do sujeito, não

sujeito para outro, não para nós”. O analisante, como um peão, avança para uma “promoção”, trata-se de um termo de xadrez: um peão, tendo chegado ao fim do tabuleiro, na última linha, pode “metamorfosear-se”, pode transformar-se em cavaleiro, em torre, em rainha, até mesmo em bobo da corte; mas jamais em rei. E, na maioria das vezes, o peão se transforma em rainha porque a rainha é a peça mais poderosa, capaz de se mover horizontalmente, verticalmente ou diagonalmente quantas casas desejar. Mas de qual “promoção” se trata em uma análise? A promoção em rainha é a promoção de uma queda [*promotion d'une déchéance*] porque o analisante chegará ao fim do percurso para encarnar o não-saber que a rainha, a mulher carrega, o não-saber do Inconsciente. Esta promoção é necessária para a passagem à analista. Eu me explico.

O analista é o produto desse percurso, de seu próprio percurso, particular, singular, ele é o produto da transferência, o produto “do que acontece ao termo da relação transferencial”¹⁰. O que o passe verifica é o saber ao qual o sujeito analisado teve acesso e esse saber não está totalmente desconectado do “eu não sei” da entrada. Este saber do fim precisamente não se deslumbra com o Inconsciente, mas é o resultado de uma operação lógica. O “não sei” do começo, que implica um saber em si, ordena, sob o signo da transferência e da direção da cura, o saber do fim. É assim que entendo a expressão de Lacan¹¹ “o não sabido se ordena com o quadro do saber”. Dialética, portanto, entre o início e o fim, entre a entrada e a saída.

Chegar ao final significa que o sujeito analisado deixou as plumas, deixou justamente um saber, fruto da associação livre e que produz a significação. O passe produz o analista que, diz Lacan¹², “só detém a significação que gera por reter esse nada”. Um nada de metamorfose, um “nada de saber” que se desprende justamente do “nada”, do “não quero saber nada sobre isso”, um nada agalmático. Passamos, portanto, da questão freudiana “que quer o analista” para a questão lacaniana “que deve saber o analista”.¹³

Ao fim do percurso “haverá psicanalista” [*il y aura du psychanalyste*], diz Lacan¹⁴, produto de sua própria experiência e o artigo “*du*” reflete o particular, o próprio de cada sujeito analisado em sua singularidade. Se, portanto, o particular se reconhece na cura, na decifração do Inconsciente por meios particulares, o singular, extraordinário, porque sem comparação, visa a definir, a nomear o que não é comparável no sujeito analisado e que assim o orienta para acompanhar o singular que ele próprio irá encontrar nas análises que ele acompanhará. Trata-se, portanto, de uma experiência particular no final da análise, de uma experiência que não se adquire pela soma de um+um+um de vários saberes, como em outros campos, mas de uma experiência que obrigará o analista, produto desta experiência, a confrontar-se a cada vez com o Um. É nisso que o analista que passa pelo dispositivo do passe se diferencia daquele que chegou ao fim de sua análise. No dispositivo somos confrontados com o Um da experiência porque somos obrigados a nos deslocar do deslumbramento do Inconsciente, somos obrigados a tomar em nossa conta algo que escapa ao saber do psicanalista. Isso é o que somos chamados a testemunhar e isso nos fatos do que nosso mandato nos leva a produzir.

devemos guiá-lo para o nosso desejo, mas para um outro. Amadurecemos o desejo do sujeito para outro, não para nós. Estamos na posição paradoxal de sermos os casamenteiros do desejo, seus parteiros, aqueles que presidem a seu advento”. [Lacan, J. (1958-1959). *Seminário, livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2016, p. 518].

¹⁰ Lacan, J. (1967). “Proposição de 9 de outubro de 1967”. In *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 257.

¹¹ *Ibid.*, p. 254: “Isso não significa nada em ‘particular’, mas se articula numa cadeia de letras tão rigorosas que, sob a condição de não se errar nenhuma, o não sabido ordena-se como o quadro do saber”.

¹² *Ibid.*, p. 256.

¹³ Lacan, J. (1966). «Variantes do tratamento-padrão». In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 351.

¹⁴ Lacan, J. (1966). «Do sujeito enfim em questão». In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 237.

Retomo para concluir o termo “promoção”, ainda no vocabulário do xadrez, e que faz parte do título. O passe à analista eu o ouço nesse movimento que designa essa estranha promoção. Promoção de um percurso certamente, mas também promoção de uma queda [*déchéance*], sem dúvida de uma perda/queda nobre na medida em que ao final da partida o analista terá a tarefa de honrar a posição feminina no quadro de uma Escola. Honrar a posição feminina significaria honrá-la na encarnação do “um” analista, um entre outros que farão Escola, e honrá-la também no não-saber desse lugar, um não-saber ao qual o sujeito alcançou, graças ao saber que ele adquiriu durante seu percurso particular. O passe a analista seria a prova de um paradoxo. Nós adquirimos um saber, somos supostos a demonstrar à comunidade analítica sua lógica, sua fórmula, mas é o não-saber que sustentará nossa posição de analista em nosso ato e que nos fará recomeçar a cada vez sem escapar *novamente (à nouveau)*¹⁵ para a imprudência do Inconsciente. O passe que produz um analista designa essa prova que empurra o progresso da análise essencialmente no não-saber, nos diz Lacan, e nas “vias de uma douta ignorância”¹⁶. A metamorfose do fim jamais será para o sujeito analisado uma metamorfose majestosa.

Tradução: Miriam X. Pinho-Fuse

¹⁵ Itálicas da autora.

¹⁶ Lacan, J. (1966). Variantes do tratamento-padrão. In *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 364.

O PASSE AO DESEJO DO ANALISTA

Alejandro Rostagnotto
Córdoba, Argentina

O importante é que elas não podem sustentar-se (...) sem um apoio certo no real da experiência analítica.

Assim, é preciso interrogar esse real para saber como ele leva a seu próprio desconhecimento, ou produz sua negação sistemática.

Jacques Lacan, 1967.¹

Introdução

Nesta apresentação pretendo situar algumas coordenadas sobre o desejo do analista e a transmutação que ocorre como condição prévia para o exercício de sua prática. De forma indagadora e não assertórica. A partir da minha experiência de análise, faço algumas pontuações sobre o desejo do analista. Para isso, sirvo-me das perguntas que esta escola me colocou, especificamente no que diz respeito ao fim da análise, à função do testemunho e seu retorno, e ao desejo do analista como suplemento da experiência borromeana do nó subjetivo ocorrida em análise.

Falar ou escrever sobre o desejo do analista, na minha opinião, exige um grau diferente de formalização do que falar do próprio caso, da lógica recolhida, se é que ela se produz, ou de como cada um entendeu o fim e a conclusão do tratamento. Explicar o caso não requer nada mais do que dizê-lo, argumentá-lo, narrá-lo, não sem chegar à clivagem original. Por outro lado, falar sobre o desejo do analista implica formular por que é útil, qual é o fundamento pulsional, erótico, sexual que pode sustentar esse desejo pragmático chamado: desejo do analista.

O fim da análise como travessia e reposicionamento subjetivo é um objetivo que compartilhamos com os não analistas, é um fim esperado para a direção do tratamento, mas, para o analista, é esperado algo a mais, um suplemento que enode essa experiência e que permita esse laço social que chamamos de discurso analítico, no qual pode se tornar legível a experiência mórbida do padecimento subjetivo, do gozo. O passe permite identificar alguns detalhes, alguns vislumbres da enorme constelação da experiência de uma análise, um universo pessoal cheio de anedotas e dobras, jogos de palavras, fracassos, desventuras e algumas pequenas coisas memoráveis, sejam intervenções do analista ou o fato de ter produzido alguns movimentos decisivos nos fundos do inconsciente, em particular a gestão do gozo.

Acredito que os passantes nomeados falamos muito sobre o fim da análise na medida em que verificamos algo novo, algo que não estava no princípio, mas que, no final, surpreendentemente se produz. Trata-se de uma descoberta, um acontecimento. Por esse motivo, terminar uma análise inclui a experiência de uma nova satisfação, um gozo que buscamos espalhar, razão pela qual corremos para contar ao excluído da paróquia ou ao passador esse *Witz*.

¹ Lacan, J. Primeira versão da "Proposição de 9 de outubro de 1967 Sobre o psicanalista da Escola". In: *Outros escritos*, p. 573.

Se entendemos a análise como um único ato composto por diferentes cenas de uma mesma obra e a isso somamos as características do ato, tal como Lacan nos apresenta, entenderemos que, no decorrer do ato, em sua realização, há algo que se opõe ao registro representacional já que representar algo, formalizá-lo, exige uma temporalidade distinta e até mesmo um procedimento diferente de uma mera demonstração argumentativa, sendo mais o caso de uma mostração.

Masochismo fantasístico e desejo de morte

Há muito entendi que minha análise tinha chegado ao seu fim em termos de deciframento do mal-estar, de entender as principais causas da produção ou autoprodução do mal-estar.

O masochismo fantasístico sustentado por um desejo de morte que me horrorizava produziu uma versão do inconsciente como saber não sabido, denegado, centro do esforço de desalojamento de um sentido gozado até as entranhas. Este imaginário corporal também se fazia consistir pelo amor-ódio ao pai, fechando o circuito da significação edípica. Um pai silencioso cujo centro da existência era a ausência de seus entes queridos, mortos (meu avô, por causa de um câncer de pulmão; minha avó, dando à luz meu pai; a irmã mais velha do meu pai, que se dedicou aos seus cuidados, morre de asma), uma mãe que sempre falou com os mortos, conectada com o Além, sempre desconfiou de seu pai, um alcoólatra que via como o próprio diabo e às vezes brigava com ele. Tudo isso em torno de uma narrativa que dizia que, no momento de minha mãe dar à luz, os médicos, frente à gravidade do caso, teriam debatido a quem salvar: salvamos a mãe ou a criança? Um dos dois tinha que morrer. Como se pode deduzir rapidamente, o desejo como desejo do Outro se constitui em torno da fantasia do próprio desaparecimento, em torno da morte que, como amo absoluto que comanda a cena inconsciente, tingiu tanto o amor quanto o ódio, não só de eroto-agressividade, mas de melancolia, de dor pelo fato de existir como um ser desejante.

Foi preciso toda uma primeira análise para reconstruir e depois desmontar em peças o romance familiar e sua significação edípica, essa desmontagem me deixou com peças soltas, fragmentos. A busca pelo sentido do sentido, se almejada, leva à infantilização do sentido e à fadiga, ao desinvestimento da libido. Pior ainda, deixa intacto o osso real que a fantasia camufla e sustenta, colocando-se a serviço da denegação, através do horror de saber.

A segunda análise começa, na primeira entrevista pelo não resolvido, sobretudo pela dificuldade subjetiva de ter diante de meus olhos todos os elementos que compoariam o quebra-cabeça da fantasia fundamental, mas sem poder interpretar o desejo que a sustentava e sem poder identificar a chave trágica do destino assumido no inconsciente. Pela primeira vez em análise, no consultório do analista, aparece de maneira bem evidente para mim um sintoma corporal vinculado ao relato: sensação de tontura diante da vacilação que me acompanhava.

Posteriormente, vários anos para desfazer a análise anterior e me situar de novo em meus projetos de vida de uma forma mais saudável, um analista de outra cidade, a 800 km de distância, me fez viajar e fazer várias sessões, onde cada despedida poderia muito bem ser a última. Não definíamos a sessão seguinte, me dava liberdade, então; não devia nada e ele, nada me obrigava, só era simples assim: pelo desejo do analisante. Um desejo que, ao passar pela estação de metrô de Overos², sempre me roubava um sorriso cúmplice vivaz, maroto, eu sabia que se tratava disso da análise: ouve eros, não apenas pela escuta, mas também pela interpelação direcionada à erótica.

Enquanto isso, e para meu pesar, em um período de tédio e elação maníaca no qual eu não tinha demandado me analisar, uma resposta psicossomática aparece ameaçando minha vida cotidiana e minha existência. Uma afecção na hipófise, detectada por uma enxaqueca que terminou em uma dor de cabeça tão penetrante que eu só imaginava a morte (obviamente).

² NT.: O nome verdadeiro da estação, “Olleros”, foi aqui substituído para manter o jogo homofônico que o autor faz com “ouve eros”, que se capta no espanhol.

Imaginação tão palpável quanto potente que me horrorizou e me fez ver e me questionar por que tanto esforço para desalojar esse desejo, que não era nada mais do que um desejo de morte. Uma intervenção do analista foi crucial "é apenas um desejo". Um desejo entre outros, um que não sou obrigado a realizar, um desejo que não é destino, mas um entre outros. Isso implicou não apenas entender a marca do destino, mas que esse destino é sustentado por uma corrente libidinal, muito ativa por trás dos horrores que a sinistra fantasia produz. Esse fator de desidentificação, por um lado, e de possibilidade de redistribuição da libido com sua erótica, por outro, coincidiu com uma passagem transferencial do sujeito suposto saber (de quem esperava a interpretação que eu já possuía desde o início) à equivocação do sujeito suposto saber. A presença do analista começou a ter dois papéis importantes, uma presença disposta à escuta e uma função de interpelação afável dos juízos íntimos, algo como um objetor a serviço da interrogação e da desobediência (prelúdio a um *dizer não* como posição enunciativa além do enunciado ou dos ditos como *um dizer*, entre outros).

Quanto tempo seguir esperando do analista que interprete, que resolva este caso, que cure? Pois bem, deveria resolvê-lo eu mesmo, não estava sozinho, mas era na solidão do ato que eu deveria me partir, por conta própria, ou, por acaso, tinha transferido ao analista algum bem que, por seu cuidado ou manutenção devia pagar?

O desejo: entre o resto e o fim da análise

Há muito que imaginava que minha análise tinha terminado, na verdade, eu falei isso em análise, com certo temor da despedida, porém a notícia não produziu nenhuma catástrofe, mas uma calma, Que bom!, que me animava a continuar falando. Havia um resto que me mantinha no vínculo analítico em posição de espera, não tinha dificuldades. Tinha deixado de viajar, fazia sessões por telefone, com fones de ouvido e microfone. As microssessões que fazia foram dando à palavra um brilho renovado, poderoso, vivaz, muito próximo ao chiste, à evocação das ressonâncias, às alusões, a dizer com imagens ou alguma pintura, ópera ou escultura que alguma vez me tinha mobilizado profundamente; embora também, às vezes, as sessões sofriam interferências com os ruídos às vezes produzidos pela comunicação telefônica ou com os ruídos que o analista fazia, bastante exacerbados, segundo minha sensibilidade auditiva (em geral, refiro-me a ruídos como sons que escapam às virtudes do fonema).

Na minha última sessão, os ruídos que meu analista fazia ao telefone, quase sobrepostos com um "Espere que já volto", me precipitam a terminar minha análise naquele exato momento. "Bem, adeus" foram suas palavras, eu o fiz esperar para agradecê-lo e dizer algumas palavras de agradecimento e uma frase "Esta é a minha instituição", que me fez pensar que eu não estava apenas me referindo à conjuntura da escola a qual pertença, mas para me instituir ali, *onde isso* tinha sido.

Não obstante o que aconteceu nessa última sessão, foi no encontro com as passadoras, mesmo depois disso, que consigo ver claramente que esses ruídos que precipitaram o final da minha análise evocavam precisamente a cena primária na qual os ruídos do sexo do casal parental deixam sua marca, e como a lembrança encobridora tampava o excesso vivido com prazer flagrante. A lembrança mostra um colchão mijado secando ao sol e muitas janelas entreabertas olhando para mim como testemunhas indiscretas de um gibi que estava começando a se tramar. Este divórcio entre o registro auditivo erotizado desde a satisfação primária e o registro da imagem mostrou, desde o início, uma fratura difícil de abarcar. Como duas partituras escritas em chaves diferentes, a desconstrução da neurose implicou desarmar a trágica chave do sentido sexual inconsciente que tinha a morte como marca de destino. Essa emancipação destaca que ainda permanece (no corpo) outra partitura, escrita com outras chaves. As chaves do gozo erótico, que é necessário saber acusar para que não seja um gozo proibido, ou sempre negativo. O *Trieb* que não cessa de não se inscrever pode ter outro destino além da defesa; é nesse sentido que, em momentos diferentes, insisti em tensionar a

noção de corpo (condição de gozo) e desejo do analista que, como todo desejo, cavalga até a crista da pulsão, o que requer uma dupla autorização de si mesmo: ao sexo, como decisão revisitada, e à prática da análise em um laço social que exige agenciar o objeto analisante, para o qual é necessário ter objetivado o mais íntimo desse objeto, ter feito isso na intimidade própria do analista. Passagem do objeto *a*, como tampão do centro ausente do nó subjetivo, à escrita. Partir do litoral de letras feitas legível pelo discurso analítico já consumado.

Desejo do analista

O desejo do analista não se vale por um intérprete, requer o esfumaçamento do sujeito suposto saber pela via de sua equivocação para postular o saber no lugar da verdade. Acrescenta *suplementarmente* um destino à pulsão, desprendendo-se de seus caminhos mórbidos sintomáticos, acrescenta propositivamente esse desejo de diferença. Um desejo que oscila entre ser um desejo intérprete e um suporte do objeto, mas também um *desejo objetor*, em seu duplo sentido de objetar e de fazer-se objeto, ou melhor, que sabe fazer-se resíduo, *desser*.

Para o caso do analista, acrescentamos ao passe no íntimo (resolvido pela travessia da fantasia) uma disposição corporal capaz de ser um lugar genuíno onde decifrar o padecimento. Um corpo com gavetas, como a Vênus de Milo de Salvador Dalí ou o armário antropomórfico. O corpo do analista, com suas gavetinhas, é um lugar para colocar o objeto, a perda. Com uma mão a escondemos lá e, com outra, tapamos os olhos. Isso está lá esperando nossa jornada, à espera do desocultamento que se produz uma vez que nos desprendemos de seu lastro ou mais-de-gozar, também à espera de poder objetificar que se trata apenas de um semblante (a voz encoberta pelo olhar) que recobre a falta em ser.

A experiência da análise e o passe me levaram a propor o corpo do analista como um *corpo disponível* como instrumento musical onde interpretar a partitura, para que, em seguida, cada um maneje suas próprias cordas. Não só colocamos a serviço do analisante a técnica aprendida para a resolução de um caso, mas *um desejo* que se baseia nas vicissitudes da pulsão e que não responde à história infantil. As marcas da história pessoal matizam o desejo do analista, conferem-lhe um estilo como pinceladas ou bemóis (flats) introduzidos na partitura original que permitem ir montando semitons com as notas já escritas na partitura original do analisante e assim obter ressonâncias que não estavam antes; e que, a partir daí, terão um novo som, um som diferente.

Resolver o não querer saber não é querer saber, mas saber que a denegação e a debilidade mental não são estranhas ao analista, e ser um agente possibilitador do ato analítico implica uma atitude de vigilância frente à tendência ao fechamento do próprio inconsciente.

O desejo do analista pode supor certa afirmação de si como é a do eu (*Ich*) ao finalizar a análise, pode supor ter construído um novo sintoma, porém, seu *ser de desejo* nos faz habitar uma dimensão sem garantias, onde o que acontece sessão após sessão, encontro após encontro, abre as portas ao acontecimento, ao acaso, ao que está fora do programa, ao dismórfico, ao ruído. Não há nem analisante nem analista padrão, por isso que a disposição corporal sincrônica dá lugar a uma presença analítica genuína, saudável, fora de simpatia, antipatia ou apatia. Fazer-se um canal empático onde alojar os *pathos* subjetivo analisante, talvez seja uma versão do desejo do analista mais ou menos atualizada neste caso (propriamente falando, não creio que seja uma generalidade).

Mas este corpo de aluguel (não me refiro a nenhum corpo universal ou abstrato, mas a este que fala neste momento) precisa não apenas da travessia da fantasia e da decifração da cifra de gozo, mas de um *ato de decisão íntimo* que consiste em consentir a deixar de fazer passar o gozo pela fixidez de um circuito pulsional masoquista que intentava consumir toda a libido, por meio do semblante voz, um semblante que operou fazendo da transferência sugestão e um semblante que vociferava a serviço da compulsão repetitiva como uma voz imperativa superegóica.

Algumas consequências do dito

Os ruídos ao telefone do analista e o pedido de espera por ele feito precipitaram o ato final, a cortina é abaixada, não há nada para continuar olhando, o *fascinum* perdeu seu brilho e a demanda não encontra correspondência. Portanto, para o analista, é necessário que o objeto que ele agencia, através do discurso que lhe é afim, esteja fora da dimensão neurótica do objeto que vocífera, encoberto pela demanda. O objeto em questão para o analisante, o objeto a produzir e finalmente precipitar sua separação é uma letra finalmente legível, de tal forma que pode resultar legível ler no corpo o sinal de angústia. É necessário este objeto letra e não o objeto mais-de-gozar, de forma que o sentido que o analisante provoca não siga o circuito pulsional determinado pelo campo de forças do mais-de-gozar. O desejo do analista requer um instrumento corporal cujas cordas possam devolver tanto uma interpretação quanto uma interpelação, ou simples ressonâncias, as quais requerem a caixa acústica do corpo com seu vazio, lugar onde se modulam as vibrações das cordas do nó subjetivo analisante.

Revisitar a cena primária após o percurso realizado mostra que este momento inaugural não foi mais do que uma folha em branco que a condição da neurose preencheu com seus requisitos mortíferos, voltar a este lugar já esvaziado permite colocar as mãos novamente nessa folha em branco sobre a qual derramar a própria ficção, autoficção, ou a autobiografia analisante; uma vez mais uma análise nos mostra seus paradoxos, de uma ficção sem fantasia, de um sintoma sem conflito, de um desejo sem tragédia, do canto da palavra sem o mais-de-gozar do objeto voz, mais ainda de um ... não sem isso.

Tradução: Leonardo Pimentel

CONTRIBUIÇÕES DO CIG

DO PSICANALISTA

Colette Soler
Paris, França

Aqueles dos cartéis do passe, como lhes chamo, que recolhem a fala dos passadores sobre um passante, não podem fazer menos do que se interrogar regularmente sobre o que eles têm para extrair. Que uma voz se erga por contingência, isso nada mudará a perplexidade que lhes é recorrente. Isso é da estrutura, quer dizer, é o destino de todo ouvinte, mesmo do analista, o de ter que escolher o que reter naquilo que se escuta - uma opção portanto - porém redobrada no seu caso, pela expectativa da decisão que precisam tomar, desfazendo-se de tal perplexidade. E não só, mas de vários!

Isso não quer dizer que lhes falte um saber já existente, pois tudo o que sabemos sobre o passe vem de Lacan - ponto a não ser negligenciado quando falamos de produzir o novo. Será necessário que esse novo eventual advenha do saber produzido por Lacan, tanto no que concerne o passe na análise, quanto ao dispositivo que ele inventou para sua verificação. Por conseguinte, no início do nosso VII Encontro de Escola, utilizarei isto para apresentar as minhas observações de abertura.

Desse dispositivo, Lacan nos disse seu objetivo: é o analista que está à prova, ou seja, a mudança que faz de um sujeito analisante um analista, isso que nós chamamos de “passe a analista”.

Ele o disse, desde a “Proposição sobre o psicanalista de Escola”, ~~que~~ isso supõe a análise finita, ou seja, que ela tenha alcançado o seu encerramento - esse é um ponto a ser distinguido da conclusão efetiva de uma análise, mesmo que eles possam por ocasião se sobrepor temporalmente. É como o “fim da história” com o qual Hegel encantou toda uma geração, por volta dos anos 60/70, através de Kojève. Quando a análise advém a esse fim, isso não interrompe as pequenas peripécias humanas - as letargias dos “Domingos da vida”, sobre os quais Lacan fez um bom alarde -, mas põe termo a um processo que possuía um objetivo preciso.

Ora, é ela, essa análise finita, que pode produzir condições de possibilidades do analista. Direi de seu desejo ou de seu ato? Alternativa, mas sem simetria. Eu me detenho aqui por um momento.

Esse “desejo de analista”, do qual Lacan nos deixou a fórmula, apesar de lhe darmos muita importância, ele cai sob a mesma aporia do desejo intransitivo, que é próprio do sujeito dividido, aquela do inenunciável: o que constitui o sujeito, mas não é subjetivável a título de um Eu. Somente no ato analítico passa à efetividade. Na análise em função, ele é o desejo suposto a seu ato, aquele, aliás, que não é mais subjetivável ao título de um Eu como o desejo, mas ele, o ato, ele se constata pelas consequências bem reais nas análises. Em uma análise, conseqüentemente, o desejo de analista em função é atestado e, talvez, posso dizer que ele se

prova pelas análises, pelo fato de que há quem se analise com ele, como diz Lacan. O ato se atesta, portanto, mas ele não pensa nem fala, não é aí que devemos procurá-lo.

Problema para aqueles dos cartéis do passe, pois eles recebem a cada vez, através dos passadores, o testemunho de um particular, histerização da análise diz Lacan, mas essa histerização, bem, ela não faz outra coisa que falar. Como podemos então atestar através da palavra isso que só pode ser atestado em ato? O famoso "ler nas entrelinhas" poderia lhes servir como um recurso que permitirá captar a eventual emergência de um desejo novo, não sustentado pelo fantasma individual do sujeito?

Dizemos passe à analista para chamar novamente a atenção à essa questão. Eu digo chamar novamente porque essa atenção tem sido claramente perdida ao longo dos anos em nosso uso do dispositivo. O interesse tem se voltado mais à saída da análise e menos à questão da virada. O AE, portanto, reconhece-se no final da sua análise, quer dizer, o fim para cada um da sua relação com o seu analista-objeto e pelo saldo sintomático e epistémico que ele lhe deixa. Parece que tanto o trabalho dos CIGs quanto os testemunhos dos próprios passantes têm-se deslocado cada vez mais em direção à essa problemática.

Será que isso se deve ao fato de os passantes serem quase sempre praticantes e, por vezes, de longa data? Talvez, mas inclino-me por uma razão mais analítica para este interesse predominante sobre a saída da fase final da análise. Em primeiro lugar, as próprias dificuldades da separação do objeto e o tempo incalculável que ela requer deve contribuir com isso de maneira expressiva, na minha opinião. Lembro que Lacan sobre isso evocara o "deserto da análise". É a metáfora de um lugar onde já não existe oásis de verdade articulável, e, portanto, não há mais tempo lógico, mas sim o tempo que qualifiquei como "não lógico" e que, então, varia de acordo com a contingência das singularidades. Mas, penso que há mais do que isso e é onde quero chegar.

O nosso título convida-nos a voltar ao que acontece na virada de passe. Não procuramos evitar o "esquecimento do ato", mas sim a salientar a questão incômoda de Lacan: que é que, ao final da investidura transferencial, leva um sujeito a decidir ocupar este lugar que o seu analista ocupou para ele? Com essa pergunta, ele remarcava que a dita virada possui duas dimensões que merecem ser claramente distinguidas. Por um lado, a análise finita produz a "metamorfose", é o seu termo, do analisante em analista, mas isso não é mais do que um analista em potência, como diria Aristóteles. Mais ainda, é necessário que aí se acrescente uma opção do sujeito destituído, uma decisão de não sair do campo do discurso analítico. Isto é o que se produz frequentemente, aliás, e mesmo massivamente, como se fosse um vírus do qual não nos curamos e a respeito do qual Lacan supôs que o dispositivo poderia nos esclarecer, via histerização do passante.

Sobre esse momento clínico do qual ninguém tinha ouvido falar antes, mas cuja existência ninguém contesta, mesmo se ninguém pode dizer nada disso, "sombra opaca" – vocês reconhecem essas expressões –, Lacan pensou que seu dispositivo poderia lançar alguma luz. É que o dispositivo traz consigo mesmo uma hipótese implícita sendo a questão de saber se é verificada. Ele nos indica, em todo caso, por qual via tinha pensado que poderia aportar um testemunho sobre a emergência de um desejo que não se pode formular. Que sejam necessários passadores – passadores, tal como ele os define – aporta uma hipótese. E não é o recurso a ler nas entrelinhas, o qual nunca leva a qualquer segurança. O passador concebido por Lacan não é suposto já ser analista, mas tomado no tempo justamente anterior e, portanto, para ele todo o assunto está ainda em suspensão ou em debate. Eu digo todo o assunto para designar as duas componentes: o fim do processo e a decisão subjetiva. Sobre estes dois pontos, o passador deve mesmo estar no irresoluto. E é precisamente tal irresolução que pode lhe permitir ser especialmente sensível a isso que ainda pede por solução, ou a isso que o passante pode aportar a mais ou de diferente e que fez solução para ele. Dito de outro modo,

Lacan postulou que o ainda não passado a analista se faz necessário para fazer reconhecer o passado a analista. Na falha desse passador aí...

Ora, aqui também não podemos deixar notar que os nossos passadores quase nunca são deste perfil, e, na maior parte das vezes, analistas de longa data. Sejam quais forem as suas boas disposições, elas nunca lhes faltam, como eles poderiam ser placas sensíveis para este momento que, para eles, também já está para trás? Não admira que Lacan tenha concluído que o passe dependia daqueles que nomeavam os passadores, os AMEs, porque sem “placa sensível”, como isso poderia passar? Esse problema dos passadores está sempre lá - talvez insolúvel, porque para o AME, reconhecer o momento do pré-passe ao analista que define o passador, não seria necessário que ele saiba reconhecer aquele do passe do qual só Lacan teve ideia?

Isto também pode explicar que, ao longo do tempo, a atenção tenha-se concentrado na saída de análise, da qual o passante pode atestar diretamente, sem passadores de fato. Isto é tão verdade que a parte essencial das elaborações sobre a saída da análise foi produzida fora do dispositivo, a partir da lógica significativa e discursiva. A nível individual, de fato, não há necessidade de uma placa sensível para formular o que se depreendeu da trajetória de sua análise, bem como de seus efeitos terapêuticos e das aquisições epistêmicas que permitiram que cada um colocasse termo à sua “transferência-para”, segundo a expressão do Prefácio, quer dizer, à sua demanda “de obter”.

Eu estava a perguntar: como é possível passar sem uma placa sensível? Bem, Lacan, que jamais recua diante da conclusão, Lacan concluiu, isso não passa, o fracasso: os testemunhos esperados não vieram e, ele previu, em 1976, que talvez não houvesse outra razão para passar à analista a não ser para ganhar dinheiro. Deve se notar, contudo, que depois dessas duras observações ele não suspendeu o dispositivo, nem mesmo após a dissolução da sua Escola.

Então, no que nos diz respeito, não deveríamos fazer como ele, tirar alguma conclusão do fato de que a hipótese imanente ao dispositivo não se encontra confirmada? O passador, na definição lacaniana, nunca funcionou e isso não é uma questão de jovem ou velho, evidentemente, mas de momento na trajetória. Temos passadores que geralmente já são analistas e, por vezes, desde há muito tempo. A menos que digamos que eles não eram realmente analistas, somos obrigados a concluir que eles encontraram a sua via de passagem, que seu passe à analista teve lugar, embora ainda não tenham saído da análise. Portanto, perguntemo-nos: qual é neste caso a função efetiva da sua interposição entre o passante e o cartel-júri? Para mim, é notável que o Prefácio, com os novos termos que utiliza para descrever a solução de análise e o imbróglio entre a verdade meia-dita e o real fora de sentido do inconsciente sem sujeito, que o Prefácio não faz, portanto, qualquer menção à função terceira do passador e essa poderia ser uma questão programática para nós, a de reformulá-la nestes novos termos. Com a questão adjacente: não seria preciso que aqueles dos cartéis continuem a procurar o momento em que o analista se decide, no duplo sentido, e sem os passadores que seriam necessários para isso, em vez de simplesmente assegurar uma trajetória analítica que tenha ido até ao seu fim?

Tradução: Tatiana Assadi

OBSERVAÇÕES SOBRE A «PASSAGEM A ANALISTA»

Sidi Askofaré
Toulouse, França

Considerando “Análise terminável e interminável” como o texto quase testamentário de Freud sobre o fim e as finalidades da análise, podemos entender tanto em que consiste o legado freudiano para a comunidade psicanalítica quanto o ponto de partida de Lacan para pensar a passagem ao analista.

É que de Freud, restou essencialmente como uma indecidibilidade ou, francamente, uma impossibilidade do fim. Análise infinita ou indefinida. Análise, sempre e incessantemente recomeçada...

Ao que Lacan respondeu, afirmando que não somente a análise tem um fim – e um fim lógico – mas que essa finitude da análise não é sem relação com a “produção” do analista. Produção que não é, e não pode ser confundida com a formação do dito analista.

“Análise com fim, passagem ao analista e formação sem fim”, pode-se dizer, partindo da abordagem lacaniana.

Exceto pelo fato de que essa abordagem é um nó.

Não é, isso que indexa, para nós, esse significante, que se tornou à força, opaco e enigmático, de passe?

Não é isso que esse significante, tornado forçosamente cada vez mais opaco e enigmático, indexa para nós de passe?

De minha parte, eu diria que o passe, como Lacan o introduziu em 1967, não é, estritamente falando, uma tese, muito menos um imperativo ou uma injunção. No máximo, uma hipótese – sem dúvida fundada na experiência de Lacan como analista – e talvez um método, um procedimento, um controle e, na medida do possível, uma garantia. Garantir que há do analista.

Se é ao mesmo tempo que Lacan introduz sua noção de passe e o dispositivo destinado a capturar sua efetivação em um passante, foi sem dúvida às custas de uma contração e de uma superposição: aquela da virada do fim e aquela da emergência do “desejo do analista”, a mesma do ato que o autentica.

A questão, tal como a entendo, a partir do texto de Colette Soler – o mesmo que acabaram de descobrir – é a seguinte: o dispositivo do passe, tal como funcionou e continua a funcionar em nossa Escola, a partir das indicações e de sua formalização por Lacan, permite responder, igual e simultaneamente, sobre os dois pontos que nos interessam: o fim da análise do passante e sua passagem a analista?

Ou, ao contrário, não haveria uma forma de princípio da incerteza, no sentido de Heisenberg, que tornaria impossível de reparar simultaneamente, e com a mesma precisão, a queda do sujeito suposto saber e a passagem a analista?

A partir da experiência de nossa Escola - e sem dúvida do que podemos aprender com outros com quem compartilhamos essa experiência - talvez seja hora de fazer um balanço de nossa experiência, nem que seja para saber, baseado nela, o que convém fazer a partir de agora.

É sem dúvida difícil, para uma comunidade como a nossa, colocar em questão algo tão estruturante para nossa Escola como o passe, e nos termos propostos por Lacan.

O que, não podemos ignorar, a menos que façamos do passe um totem ou um fetiche, é se no seu funcionamento atual nos permite atingir os dois objetivos que evoquei anteriormente, seguindo Colette Soler: autenticar os finais de análise e as passagens a analista através da localização do “desejo do analista”.

Estes dois pontos têm sido frequentemente debatidos no seio do nosso CIG, como suponho nos outros CIG anteriores. De qualquer forma, posso testemunhar pelos três outros dos quais me foi dada a oportunidade de participar.

Uma coisa me parece certa. É tão necessário nos alegrarmos com o interesse pelo passe em nossa Escola – mesmo que este interesse esteja longe de se converter em demandas de passe – quanto sustentar a transferência a este dispositivo – na medida em que se trata de uma transferência à Escola – , quanto poder, se não concordar, pelo menos trocar e aprofundar sobre um certo número de pontos.

Para hoje, escolhemos o tema do passe a analista. A expressão, que eu saiba, não é de Lacan. No entanto, ela aponta para algo que não pode ser ignorado pelo passe e pelo dispositivo concebido para verificá-lo.

Colette Soler nos lembrava: nem Freud, nem os alunos ou discípulos tematizaram ou elaboraram o passe. Se Lacan o fez, resta que, no que ele avançou – seja isso um efeito de leitura ou se trate do ponto em que ele mesmo estava – o passe estava organicamente ligado ao fim de análise e ao se tornar analista.

No entanto, não é necessário ser um grande escritor para perceber que, desde que a psicanálise existe, sempre houve

- Analistas que não terminaram suas análises e, inclusive, no tempo de Freud e dentro do seu círculo de conhecidos mais próximo, havia analistas - que ninguém contesta que funcionavam como analistas - que nunca foram analisados;

- Analistas que terminaram suas análises, em qualquer caso de acordo com os critérios de término da época;

- Analisantes que terminaram sua análise e que nunca quiseram ou, em todo caso, praticaram a psicanálise;

- Eu mal ousaria evocar esses casos complexos em que a análise é propriamente dita interminável - ou sua finitude assintótica -, seja porque a psicanálise se tornou o *sinthoma* desses sujeitos - e um analista sempre sucederá o anterior -, ou porque tal analista foi, para esse sujeito, erigido como um *sinthoma*, portanto, como uma função de amarração de sua estrutura de *falasser*. E, então, a análise vai durar o tempo que este analista viver...

É essa disparidade, entre outras coisas, que faz o valor e o interesse desse tema, mesmo porque nos obriga a pensar de novo o que significa para nós a passagem a analista. Com efeito, a passagem a analista não pode significar - o que será discutido nos Flashes sobre os primeiros passos na prática -, a saber, a passagem para a prática psicanalítica, ao exercício da função de psicanalista.

Se a passagem a analista não é essa passagem, como pode o dispositivo do passe, essencialmente se não exclusivamente centrado sobre a verificação da finitude da análise, nos ajudar a estabelecê-la?

É sem dúvida neste ponto que se coloca a questão, ao meu ver, fundamental: a centralização do passe sobre fim não é um viés interno do próprio dispositivo, e que está relacionado ao fato de que, embora os passadores já estejam praticando a psicanálise, a escolha e a designação dos mesmos é inteiramente determinada pelo ponto em que estão, em seu tratamento, como analisantes? Por conseguinte, o que os torna aptos, mais do que qualquer outro, no recolhimento e transmissão dos testemunhos dos passantes quanto ao fim, ou seja, a queda do sujeito suposto saber, não constitui obstáculo para escutar e transmitir alguma coisa da emergência do desejo do analista e, conseqüentemente, da passagem a analista?

Se essas observações abordam pontos importantes da estrutura da experiência do passe, sem dúvida haveria algumas conseqüências a serem extraídas delas. Começando por interrogar por que, progressivamente, passamos do júri ao Cartel, sem realmente distinguir suas funções. De fato, se o júri pode se pronunciar inquestionavelmente sobre o fim - e por ora, com base nas indicações de Lacan, às vezes erigidas como critérios -, ele está realmente ajustado a localizar o

desejo do analista (no sentido do desejo de saber) que poderia resultar no fim da análise sem ser a consequência necessária?

Tradução: Elynes Barros Lima

MIND THE GAP¹: **O NÃO RECONHECIDO DO PASSE**

Julieta L. De Battista
Buenos Aires, Argentina

Situação atual

Tentarei transmitir algo do que foi elaborado junto aos meus colegas, dissipar um pouco a sombra espessa que parece recair sobre o trabalho do CIG: sair das intuições silenciosas, das evidências inefáveis, das convicções irrefutáveis, buscar razões e argumentos.

Propusemos interrogar novamente o passe a analista a partir de nos perguntar de onde escutávamos, quais eram nossos *a priori*, nossas referências estruturais. Houve ali um tom dominante: certa tendência a enfatizar o final de análise, especialmente a queda do Sujeito suposto ao Saber² ou a captação de sua falha. Perguntamo-nos se esse destaque dado ao final não merecia ser submetido a uma crítica. Assistimos a certo deslizamento do final ao passe, certo desvio ou, talvez, uma concessão que poderia obstaculizar o avanço da elaboração?

O que encontramos na prática atual do passe? Nos deparamos, na maioria das vezes, com a história histericizada dos efeitos transformadores de uma análise na vida de quem se analisou, especialmente os inegáveis (e bem-vindos) efeitos terapêuticos. Algumas vezes, nos encontramos também com alguma versão do final, habitualmente ligada ao ter captado algo da falha na suposição de saber, a certa satisfação nova. Muito pouco, quase nada, encontramos sobre essa “outra razão”³ que pode levar o analisado a querer ocupar o lugar do analista, sobretudo após conhecer, por sua própria análise, que destino teve seu analista ao final.⁴ Isto é, pouco encontramos da mutação que a análise pode produzir no desejo se o transforma em desejo do analista. Não é certo que isso aconteça, nem sequer “quando o ponto final dos finais não é seguido de reticências”.

Começo então por aquilo que considero um deslizamento.

Os pressupostos em questão I: o final não é o passe

1 "Cuidado com o vão". No metrô de Londres, no momento em que vamos entrar no trem, uma voz adverte "Mind the gap", provocando, às vezes, o efeito paradoxal de trazer à mente esse vão entre a plataforma e o trem, o que dificulta justamente dar esse passo sem tropeçar.

2 Daqui para a frente será abreviado por SsS.

3 Lacan, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 568.

4 “[...] o passe é o ponto em que, por se haver dado conta da sua psicanálise, o lugar que o psicanalista ocupará em seu percurso, alguém dá o passo de ocupá-lo. Entendam bem: para operar nele como quem o ocupa, embora, dessa operação não saiba coisa alguma, senão a que, em sua experiência, ela reduziu o ocupante” Lacan, J. (1967a) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 282.

O que estivemos buscando? Talvez alguma garantia estrutural: o começo e o final da análise são os mais exemplares por sua estrutura⁵, Lacan ensinou a reconhecê-los. Que alívio seria para aqueles que estão na enrascada de designar passadores poder reconhecer também a estrutura desse momento preciso de passe! Fato é que não encontramos suficientes testemunhos dessa passagem, desse “momento eletivo” em que o analisante passa a analista⁶. Há uma razão lógica, a leitura do ato é só no *après-coup*, em suas consequências. Ainda assim, também não encontramos nos testemunhos o suficiente para avançar na elaboração das condições possíveis de emergência desse desejo do analista, desse acontecimento. E isso não é eludível.

Sabemos que um analista é um produto de sua tarefa analisante, mas isso não basta. Nem tampouco constatar que o SsS (Sujeito suposto Saber) já não é essencial. O desejo do analista não é mero efeito da tarefa analisante nem do final da análise: não é sem isso, mas isso não basta. Eis aí o *gap*.

Pior ainda: Lacan já havia chegado a uma conclusão similar na Jornada sobre a experiência do passe em 1978. Ali, retoma a mesma pergunta que havia feito em 1967, acerca das razões pelas quais alguém iria querer ocupar o lugar do analista após saber como esse terminou, e concluiu: “Eu quis ter testemunhos disso, naturalmente, não obtive nenhum, nenhum testemunho de como isso se produzia. O passe é um completo fracasso”⁷. Um fracasso que continua nos animando naquilo que se logra ao fracassar. Deixo de lado esse ponto; a diferença entre passe e final de análise já foi trabalhada por Colette e Sidi. Continuo por aquilo que considero uma concessão que proponho interrogar.

Os pressupostos em questão II: Há uma clínica do passe?

Destino este segundo ponto a uma expressão usual em nosso trabalho, a de “passe clínico”, para interrogar o que pressupõe: estamos, talvez, tentados a elaborar uma clínica do passe? Em 1968, Lacan adverte que a grande tentação do analista é a de devir um clínico, ou seja, alguém que “se separa do que vê para adivinhar os pontos-chaves e começar a teclar no caso. Não se trata nem um pouco de diminuir o alcance desse saber fazer. Não se perde nada. Com uma só condição, a de saber que vocês, o que há de mais verdadeiro em vocês, faz parte desse teclado”⁸.

Escutei, muitas vezes, falar de um “passe clínico”. Pergunto-me por suas implicações. Há a clínica do particular, um saber do tipificável. Haveria, por acaso, a do singular de um momento eletivo de passe? Penso que poderia haver uma clínica do final de análise, mas seria conveniente expandir isso às irrepetíveis razões pelas quais “o futuro psicanalista entrega-se ao agalma da essência do desejo, disposto a pagar por ele em se reduzindo, ele e seu nome, ao significante qualquer”⁹? Quais razões haverá para se comprometer com essa consagração e se dispor a esses pagamentos?

Creio conveniente repensar a expressão “passe clínico”, porque supõe que o passe poderia ser reconhecido por sua estrutura ou por sua clínica, e isso implicaria o risco de dissipar seu caráter de momento eletivo. Prefiro pensar o passe em sua liminaridade, nessa zona de passagem em que algo deixa de ser o que era para dar lugar aquilo que potencialmente pode se transformar em outra coisa, sem se reconhecer ainda ou somente reconhecendo-se nessa

5 Lacan, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 251.

6 Lacan, J. (1969) O ato psicanalítico. Resumo do seminário de 1967-1968. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 371.

7 Lacan, J. (1978) Conclusions. Journées L'expérience de la passe. *Lettres de l'EFPP* N° 23, p. 180 e 181.

8 Lacan, J. (1968). «En guise de conclusion» Discours de clôture au Congrès de Strasbourg, le 13 octobre 1968, publié dans *Lettres de l'École Freudienne* 1970 n° 7, p. 166.

9 Lacan, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 259.

estranheza de um “tendo sido aquilo que já não se é”. A liminaridade, esse efeito de umbral, será reconhecível ou estaremos ante o *Unmerkant* do passe, o não reconhecido¹⁰? O *Unmerkant*, reconhecerão aí a escolha de Freud para nomear o insondável do sonho, seu umbigo, que é preciso deixar como um “lugar em sombras”¹¹. O não reconhecido ou, talvez, o impossível de reconhecer, como origem insondável do desejo. O umbigo, o furo, em torno do qual se tece toda a trama. Acaso o trabalho de *hystorização* careceria de tal umbigo? Ficarão marcas da separação do final de análise, cicatrizes do modo como esse analisante “se pariu” [*se parere*] analista ou quiçá convenha deixar esse “lugar em sombras”? Em seu seminário sobre a transferência, Lacan se perguntou sobre qual deveria ser o papel da cicatriz da castração no eros do analista¹². Puxemos então esse fio.

O luto: uma oportunidade para o desejo do analista

Passo então ao terceiro ponto, uma proposta, a de chamar a atenção para um momento preciso do final, que está mais além da análise, talvez uma antessala do possível passe: o luto. Se a pergunta é pela origem de um desejo inédito, não deveríamos nos interessar mais pelas diferentes resoluções desse luto, por elaborar uma possível “seriação de sua variedade”¹³ desses “esparços disparatados”¹⁴?

Voltemos a esse momento do final: a transferência se resolve em um furo¹⁵, no qual o analista por vir não se precipita, pois sabe agora manter-se nessa borda¹⁶. Captar a falha do SsS, abre um furo que já não tem chances de mobilizar um trabalho do simbólico, porque esse foi, em certa medida, esgotado pela tarefa analisante, a ponto de já não ter “mais vontade, no fim, de levantar sua opção”¹⁷.

Que estilos de saída são possíveis para esse luto?

O luto é separação, *se parere*, é a encruzilhada na qual esse, tendo sido analisante, tem a oportunidade ou o potencial de parir-se como analista. Haverá também lutos inacabados, perpetuados, resistidos.

Advir analista é uma das possibilidades de saída, mas não a única. Orienta-me pensar, por exemplo, em termos de qual é o destino da libido investida na análise e que se recupera uma vez produzido o luto pelo final: consagra-se a psicanálise? Talvez a militância? Destina-se a fazer-se um nome? Dedicar-se a receber casos de urgência ou se dedica a outra coisa? A trabalhar para a Escola? Quiçá se peça o passe? Se esse for o caso, conseguirá o passante causar ainda o desejo do passador que está nesse trecho doloroso do final? Acaso o passe não é uma prática que nos permitiria ponderar o potencial causal desse passante, justamente ante um passador que está nesse momento em que o analista como causa de seu desejo analisante começa a se apagar?

10 Ver o esclarecimento sobre a tradução do termo freudiano em Lacan, J. (1975) Réponse à une question de Marcel Ritter.

11 Freud, S. (1904/1996) A interpretação dos sonhos. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. V, Rio de Janeiro: Imago.

12 Lacan, J. (1960-1961/1992) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 109.

13 Lacan, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 261.

14 Lacan, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 569.

15 Lacan, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

16 "Desse ato que se institui em abertura de gozo como masoquista, que deste reproduz o arranjo, o psicanalista corrige a *hybris* com uma segurança, esta: a de que nenhum de seus pares mergulhe nessa abertura e, portanto, a de que ele próprio saberá manter-se na borda" Lacan, J. (1967c) A psicanálise. Razão de um fracasso. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 348.

17 Lacan, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 257.

Concluir

As referências estruturais são muito importantes, a clínica também o é. Mas, no ponto incluível da origem do desejo do analista, não são suficientes. Isso não torna o assunto inefável. Poderá haver constatações desse desejo e condições de suas chances, de sua possibilidade, de sua oportunidade. Em tal *bon heur*¹⁸, o destino desse luto não se afoga na tristeza, e sim reverte-se em algum efeito de alegria que encontramos em nosso trabalho como analistas¹⁹.

Uma alegria abstinente, despojada da mania e da euforia, curada da *hybris*: uma alegria por aquilo que foi atravessado, talvez certo gosto por estar na borda... e não se precipitar.

A análise é uma prática de alto risco: não sabemos com o que vamos nos encontrar a cada vez que alguém começa a falar, nem quais são os horrores que voltaremos a enfrentar. Também não sabemos como vai terminar e, entretanto, ali seguimos. Deveríamos ter razões fortes para embarcar em algo assim, para suportar as consequências de nosso ato inaugural. Um analista está aí à espera, escondido, ante a oportunidade de que ocorra uma serendipítia, esse encontro fortuito, inesperado²⁰. Haverá diferentes razões pelas quais cada um quis voltar a inaugurar com seu ato a tarefa analisante, mesmo tendo assistido ao resultado final.

E as de vocês... quais são suas razões? Deixemos aberta a pergunta.

Como uma *debatista*, convido-os a discussão.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

UMA ESCUTA MENOS ALFABESTA²¹

Beatriz Oliveira
São Paulo, Brasil

“O ato psicanalítico, ninguém sabe, ninguém viu além de nós, ou seja, nunca situado e muito menos questionado, eis que nós o supomos a partir do momento eletivo em que o psicanalisante passa a psicanalista”²²

Escolho essa frase de Lacan de 69, pouco tempo depois de lançar sua proposta do dispositivo do passe pois me pergunto: por que ainda estamos com esse tema sobre o reconhecimento do passe a analista? Nossa Escola tem já 20 anos e o primeiro cartel do passe aconteceu há pelo menos 17 anos, salvo engano meu. Foram muitos testemunhos de passantes e passadores desde então e um número razoável de nomeações. Por que insistimos com essa questão? Digo

¹⁸ Equívoca em francês entre feliz-acaso e felicidade.

¹⁹ Lacan, J. (1967d) Alocução sobre as psicoses da criança. In: Lacan, J. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 367.

²⁰ Uma serendipítia é uma descoberta ou um encontro fortuito e inesperado que se dá quando se está buscando outra coisa. Também pode se referir à habilidade de um sujeito para reconhecer que fez uma descoberta importante, ainda que não tenha relação com aquilo que busca.

²¹ “No *Posfácio ao Seminário 11*, Lacan dirá que na escola maternal, se aprende a ler “*alfabestificando-se*”.

²² Lacan, J. (1969) O Ato Psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 371.

questão porque, apesar do tema desta mesa se apresentar como uma afirmação, sigo me perguntando: quais as condições de possibilidade para este reconhecimento?

Essa é a pergunta que não se cala, que permanece aberta desde que Lacan propôs o passe em sua Escola e se coloca a cada um de seus membros concernidos pelos dispositivos de garantia. Isso não foi diferente no trabalho deste CIG, o qual desde o início se perguntou a respeito de quais são nossos referentes estruturais que estão presentes na lógica de um passe escutado para que pudéssemos estar abertos à singularidade de cada testemunho. Dessas discussões nos perguntamos como reconhecer essa passagem a analista ou, como diz Lacan, esse ato suposto a partir do momento em que o psicanalisante passa a analista?

Essa afirmação “reconhecer o passe a analista” evoca para mim o que Lacan propõe na *Nota Italiana*²³: caberia aos seus “congêneres” saber encontrar a marca de um desejo inédito a qual poderia ser reconhecida pelos passadores. Não são poucos os textos em que Lacan nos dá pistas do que ele recolhe dessa passagem a analista sendo a destituição subjetiva o ponto pivô desse passo analisante.

Assim, há algo a se reconhecer, uma marca, um traço que distingue aquele que se fez “rebotinho da dita humanidade”. Nesse mesmo texto, Lacan dirá que saber ser um rebotinho é consequência de ter circunscrito a causa do horror de saber que não há relação sexual, furo com o qual, ao longo da experiência psicanalítica, o sujeito resistiu em se deparar. Lacan dirá que só existe analista se esse desejo de saber lhe advier, um desejo inédito, não mais encoberto pelo amor à verdade.

A dificuldade está em cernir como cada sujeito chegou a isso, como podemos colher a lógica do ato de passe a analista em cada testemunho?

Para trabalhar sobre esta questão, queria trazer uma passagem do Resumo do seminário do ato no qual Lacan escreve: “(...) o ato em si não pode funcionar como predicado. E, para imputá-lo ao sujeito que ele determina, convém reformular com novos termos toda a *inventio medii*: é nisso que se pode colocar à prova o objeto a”.²⁴

Como acompanhar isso que Lacan propõe, qual seja, reformular com novos termos a *inventio medii*? O termo médio, no silogismo aristotélico é justamente aquele que falta para que se chegue à conclusão, a função do termo médio é ligar os dois extremos - maior e menor - das proposições. “A arte demonstrativa do silogismo estará em saber encontrar o “termo médio”, sem o qual não há ligação nem demonstração possível”.²⁵

Afirmar que o ato não pode ser predicado implica que só poderá ser demonstrado a partir deste termo médio que não aparece ao longo desta dedução, posto que, isso de que o analista se faz é o objeto a. Entendo assim o que Lacan mais à frente dirá a respeito deste termo médio: o que falta à relação sexual. Podemos pensar então que, o que permitiria uma conclusão que levaria ao ato de passagem a analista seria justamente o que falta, o objeto a do qual o analista se faz. Ora, se o que levaria a um ato é justamente o objeto que causou o sujeito em sua travessia analítica, podemos dizer que esse passe a analista, esse ato dependeria de uma dedução que se faz a partir de um vazio. Então como colocá-lo à prova?

No Seminário XX, ao retomar o sofisma dos prisioneiros, Lacan recolocará a função do pequeno “a” como aquilo que intervém no nível do que cada um dos sujeitos sustenta para chegarem a uma conclusão: “(...) não o fato de ser um entre outros, mas de ser, em relação aos outros dois, aquele que está em jogo no pensamento deles, ou seja, muito precisamente, cada um só intervém, nesse trío, justamente enquanto esse objeto pequeno *a* que ele é, aos olhos do outro.”²⁶

²³ Lacan, J. (1973) Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 311.

²⁴ Lacan, J. (1969) O Ato Psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 374.

²⁵ Chauí, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*, volume 1. 2.ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 264.

²⁶ Lacan, J. *Encore* (1972-1973). Escola Letra Freudiana. Rio de Janeiro, 2010. Edição não comercial, p. 121.

Acho bem interessante pensar no sofisma dos prisioneiros como um raciocínio que depende de se colocar à prova para poder acompanhar sua conclusão. Ou seja, não se chega a uma conclusão se não se colocar nessa experiência, sem passar por ela. Assim, poderíamos pensar que essa prova do ato, longe de ser conclusiva a partir das proposições do analisante, de seus ditos, os quais talvez estariam mais próximos ao amor à verdade, decorreria do modo de resolução tal como Lacan propõe em seu sofisma, qual seja, de que a conclusão se extrai a partir de não saber sobre o objeto “a”. Esse lugar do não saber poderia apontar justamente para o termo médio que falta à conclusão no silogismo?

O que está em jogo naquilo que levaria o analisante a este ponto pivô de cernir o horror a saber é justamente se deparar com o fato de que esse objeto que sustentou sua travessia é um vazio, um vazio que opera, diante do qual se decide a saída, já que é um impossível de acesso ao Outro ao qual o sujeito consente. A aposta de Lacan então é de uma outra relação com o saber inconsciente, saber sem sujeito, um saber sobre o impossível. Não será então o ato predicável, mas sim seus efeitos; “um saber que só se revela como legível”²⁷, um saber no Real. O que nos leva a pensar que uma das consequências do ato de passe a analista é justamente um outro saber, não mais suposto no Outro, mas “que deve levar em conta o saber no Real”²⁸. Lacan diz que esse saber, é preciso inventá-lo. Se “é do não-todo que depende o analisante”²⁹, portanto, esse saber deverá ser inventado e extraído desse campo aberto, em que aquilo que não cessa de não se escrever, contingencialmente se escreve e se torna legível. Ora como extrair esse saber no Real? Seria do conjunto aberto de lalíngua? Em 73, Lacan dirá:

“O inconsciente é o testemunho de um saber, no que em grande parte ele escapa ao ser falante. (...) A linguagem, sem dúvida, é feita de alíngua. É uma elucubração de saber sobre alíngua. Mas o inconsciente é um saber, um saber-fazer com alíngua. E o que se sabe fazer com alíngua ultrapassa de muito o de que podemos dar conta a título de linguagem”³⁰.

Se o inconsciente é um saber – fazer com *lalíngua* — podemos supor que esse desejo inédito, desejo de saber consequência do ato que permite o passe a analista, implica esse saber-fazer com lalíngua. A questão é como reconhecê-lo nos testemunhos do passe? C. Soler desenvolve essa questão em seu texto *Passe à lalíngua – Wunsch 22* e ao final dirá que “A *histeristorização* é o desvio pelo relato - e o relato é sempre solidário ao sentido - diante da falta de poder dar testemunho do inconsciente fora sentido. (...) Confiamos, então, que o dizer da verdade mentirosa deixará ouvir aquilo que ela não diz, ou deixará induzir isso sobre o que ela mente.” O que quero enfatizar aqui é que, para que esse dizer da verdade mentirosa possa ser ouvido, há que não se estar surdo para poder escutá-lo.

Se esse desejo inédito implica um saber no Real, em que medida nossa relação com lalíngua, a língua singular que nos habita, nossas cifras e vestígios seria uma condição de possibilidade para escutar o que se testemunha e transmite desse saber no passe? Me refiro aqui àqueles que participam do dispositivo do passe, tanto passadores quanto os membros do Cartel do Passe, partindo do pressuposto que o passante estaria testemunhando sobre esta passagem. Lacan dirá que as palavras nos fazem deslizar e se pergunta se o efeito de sentido no seu Real se aguenta bem com o uso das palavras...³¹ Se não é pelo sentido dos ditos recolhidos pelo passante que teremos a prova do ato uma vez que este não é predicável, como escutar o efeito deste ato, qual seja, esse desejo inédito? Seriam os efeitos de lalíngua, ou um saber-fazer com lalíngua que poderíamos recolher nos testemunhos?

Para concluir. Se esse saber no Real, fora do sentido, efeito de lalíngua que demonstra o impossível de fazer relação só poderia ser transmitido de forma contingente, há que se estar

²⁷ Lacan, J. (1969) O Ato Psicanalítico. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 372.

²⁸ Lacan, J. – (1973) Nota Italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 312.

²⁹ Idem.

³⁰ Lacan, J. *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985, pp. 188-190.

³¹ Lacan, J. *O Seminário, livro 22: RSI*. Lição de 11/02/1975.

com a escuta aberta para ler aquilo que sustenta os enunciados do passante, há que saber ler de maneira menos *albestificada*³². Lacan colocou os passadores no lugar daqueles que, por estarem neste momento do passe em suas análises, poderiam fazer passar algo do saber inconsciente real, fruto da passagem de analisante a analista. Mas e o Cartel do passe? Estariam seus integrantes abertos o suficiente para que a sombra espessa que encobre esse Real não venha tampar seus ouvidos? Daí minha proposta de que nossa relação menos “alfa-besta” com o saber inconsciente que advém com a solidão do fim desse passe a analista nos faça menos surdos ao dizer do passante que passa através dos ditos.

Isso não está dado a priori. A cada cartel, a cada passador, a cada experiência, algo se recolhe. É para isso que Lacan fez o passe. Para que, apesar do impossível em jogo na transmissão da psicanálise, algo do saber inconsciente contingencialmente se escreva. De onde se reconhece então que houve passe a analista.

³² No *Posfácio ao Seminário 11*, Lacan dirá que na escola maternal, se aprende a ler “*alfabestificando-se*”.

FLASHS

PRIMEIRO PASSO DE ENTRADA NA FUNÇÃO DE ANALISTA

O ANALISTA ESTÁ POR VER-SE

Adriana Alvarez
Medelin, Colômbia

As perguntas sobre os primeiros passos na função de analista têm estado presentes na história da psicanálise. Os questionamentos sobre os requisitos necessários para o exercício da análise surgiram com Freud. Vemos isso nos textos que dirigia aos jovens estudantes, nos quais expõe seu ceticismo em relação ao valor que poderia ter a difusão dos detalhes da técnica analítica e também propõe a exigência de fazer análise com um analista experiente antes de iniciar a prática clínica. Ele não esperava um homem perfeito para se empenhar na análise, pois o analista novato somente pode adquirir aquela aptidão ideal na própria análise, breve e incompleta em função da urgência da época (Freud, 1912). A análise foi a condição fundamental para o exercício do analista, a aposta ética e técnica desde o início. Contudo, até os dias de hoje, nos perguntamos se isso basta, se é suficiente e qual seria a transformação necessária em um sujeito analisado.

Com Lacan, damos um giro. Ele borra toda a imagem de preparação e questiona o funcionamento entre um analista experiente e um analisante como aprendiz. O esperado em uma análise é, no entanto, aquele movimento em que o sujeito tenha sobrepassado o horror de saber que o habita, o encontro com a esperança decepcionada de que se poderá saber na medida em que o Outro sabe, e o aparecimento desse desejo novo que conhecemos como o desejo do analista. Tampouco haverá a possibilidade de um saber, como o do artesão, que se ensine, que se transmita em um ofício, pois, para Lacan, o analista está colocado no lugar ilusório de todo saber. “O analista é fogo fátuo”, não ilumina nada, sai comumente mesmo de certa pestilência e ali reside sua força (Lacan, 1974).

Convoca-nos aqui a pensar sobre os primeiros passos na função de analista. Mais além das múltiplas maneiras em que possam se dar esses primeiros passos ou os tropeços que os acompanham, geralmente, o início costuma acontecer como uma emenda, forçamento ou precipitação. Iniciar na função de analista poderá ser um passo bastante fecundo. As contingências que surgem na clínica relançam o trabalho analítico, constatar que o dispositivo funciona é fonte de entusiasmo, assim também os movimentos no próprio processo analítico manifestado por “poder escutar outra coisa” e a constatação dos efeitos didáticos da análise.

A maioria dos analistas começamos nossa prática com a análise em curso, sem que se tenha produzido ainda o passe a analista e, muito menos, um final de análise. É um momento incômodo, acompanhado de questionamentos como “que espécie de clínica estou fazendo?”, “para onde isso vai?”, “estou fazendo obstáculo?”, perguntas que podem eventualmente causar movimentos subjetivos e, às vezes, movimentos que conduzem a um final esperado. Também é um momento fértil para o obstáculo superegóico, “você não está suficientemente analisado”, “falta um pouquinho mais de análise”, a idealização do discurso psicanalítico ou a tendência a fazer consistir o Outro da teoria sempre inalcançável.

Nesses primeiros passos, o analista está para se ver, ainda que se confirme que funciona para colocar em andamento a associação livre ou para acolher uma demanda, está no porvir (por – vir), logo poderá perceber: não de que funciona, mas de que o é (Soler, 2018), pode fazê-lo se quiser, mas sempre *a posteriori*.

Tradução: Maria Claudia Formigoni

GIRO SINGULAR

Ida Freitas
Salvador, Brasil

Quando os efeitos de determinada conjuntura afetam a vida pessoal de um analista, acarretando o risco de contaminar sua prática, é preciso “repassar o passe”, lançar mão de sua ética, se perguntar sobre seu desejo, sobre a função desejo do analista, e, quem sabe, descobrir que é possível seguir mais além de onde se deteve em sua análise considerada concluída, dar outra volta em torno da história, rever sua relação com o Outro e com o objeto e se ressituar perante seu desejo, assumindo renovada posição diante do impossível.

“Repassar o passe” em uma nova análise produz, efeitos no “sujeito analista”, que se coloca, uma vez mais, na posição analisante. E, dentre esses efeitos, destaco a pergunta sobre o “autorizar-se de si mesmo”: aquele que se autorizou tem também o arbítrio e com sua ética questionar essa autorização, diante de verificações próprias do seu saber fazer na clínica? Suspende-se da função analista até que o tratamento dado ao gozo sintomático e as consequências de uma nova experiência de fim despertem o desejo de analista que se havia ofuscado na trama da vida, para que possa se colocar em função outra vez?

Um passo atrás para tratar do passo em falso e seguir os primeiros passos de um desejo renovado pela recente experiência, que deixa como saldo a separação do Outro, a queda do objeto, a destituição subjetiva, o reencontro com o desejo do analista, uma reafirmação do autorizar-se de si mesmo e, mais ainda não sem alguns outros, uma nova aposta na Escola, na psicanálise, em seu poder trans – formador.

Os primeiros passos de entrada na função de analista, portanto, foram marcados pela satisfação em perceber os efeitos clínicos do giro singular que possibilitaram novamente a sustentação do discurso do analista, ocupando o lugar de semblante de *a*, orientando as análises em direção ao sentido real, quando antes, em alguns momentos, as percebia à deriva, sem comando, “pois que a linguagem é isso mesmo, essa deriva”¹, sendo preciso, no entanto, orientá-la, reduzi-la em direção ao real de *alíngua*.

Entre os primeiros passos, destaco a perda do horror ao ato, que antes estava encoberto por equivocados gestos de bondade e até caridade, que são, pouco a pouco, sobrepostos pela “descaridade”², o que não implica fazer o mal, porém “prestar-se a bancar o dejetivo”, sem a angústia de ser descartado, “permitindo ao sujeito do inconsciente colocar o analista como causa de seu desejo”³.

¹ Lacan, J. (1972) O Aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 491.

² Lacan, J. (1973) Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 518.

³ *Ibid*, p. 518.

Mudança significativa, que atingiu frontalmente a resposta interpretativa, que sofreu um golpe de real no sentido ou de sentido real, tornando-se factível operar algumas vezes na báscula entre o mínimo sugerido por Lacan – “é você que o diz”, “eu não te faço dizer” – e o silêncio, que faculta ao analisante a liberdade de eleger seus próprios significantes⁴.

Uma surpresa, perceber algo inédito em algumas respostas aos ditos analisantes, um toque incomum, sutil de humor, um rir junto, certa leveza diante da densidade da tragédia. Diferente de uma negligência ou descaso, o humor, a leveza, o riso operam a função do “dizer que não” na direção do dizer da demanda.

MEUS PRIMEIROS PASSOS NA FUNÇÃO DE ANALISTA

María Jesús Díaz González
Sariego, Espanha

Em primeiro lugar quero agradecer ao CIG pelo convite para participar neste espaço, que me encorajou a vir a Buenos Aires e também me fez refletir sobre meu início como analista.

Começarei por manifestar-lhes que não venho do mundo Psi. Sou médica, Especialista em Cirurgia Ortopédica e Traumatologia, profissão à qual me dediquei durante 39 anos.

Assinalo isso porque, como se verá na exposição, isso teve sua importância nos avatares de minha experiência na função de analista.

Para mim, a Psicanálise era desconhecida. Eu trabalhava no atendimento especializado de um hospital, como traumatologista, quando em 1989, em razão de meu mal-estar, de meu sofrimento, me vi forçada a iniciar minha análise.

Sete anos após o início, senti a necessidade (isso se me impôs) de comprovar que havia um corpus teórico, um conjunto de conhecimentos que endossava e acolhia o que eu ia encontrando na terapia. Isso me leva ao encontro com a teoria, em 1996.

Destaco que, desde o início, vou da experiência de minha própria cura à teoria.

Quatro anos depois, em janeiro de 2000, com 11 anos de análise, decido atender como psicanalista e recebo meu primeiro paciente.

Esta decisão é acompanhada de uma certa desvinculação da que era minha profissão até esse momento. Dado que tinha a possibilidade de retornar a meu lugar inicial, de atenção extra-hospitalar, que requeria menos dedicação, renuncio ao meu lugar no hospital, para poder compatibilizar meu trabalho e o atendimento como psicanalista.

Essa iniciativa, vista *après-coup*, não respondia a uma vocação e nem sequer a um desejo de ser analista. Foi muito mais uma resposta ao que interpretei como uma demanda/desejo de um Outro. Atuei conforme o que interpretei do desejo do analista.

Com essa premissa, atuava como analista como podia, e apesar de estar bastante habituada a me despojar de minha subjetividade por minha profissão – recordo-lhes o que disse Freud em 1912, que o analista deve ser neutro e deve “tomar como modelo o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, e concentra suas forças mentais no objetivo único de realizar a operação tão competentemente quanto possível”⁵ – como dizia, apesar disso, como eu tinha escassos conhecimentos teóricos que funcionaram como

⁴ Soler, C. *Stylus* 26, 2013, p. 24.

⁵ Freud, S. “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, in: Edição Standard brasileira das *Obras psicológicas completas* de Sigmund Freud, Rio de Janeiro, Imago editora, 1969. Volume XII, p. 153.

parapeito e me ajudaram a tratar a angústia de me colocar na falta em saber e em um intento de defesa frente ao real, neste primeiro momento funcionei com uma identificação ao analista. A identificação, como seu nome indica, cria o mesmo, busca o idêntico, e eu pretendia reproduzir, imitar, copiar... a maneira de fazer de meu analista, mas essa saída identificatória para tratar a angústia, na clínica, não funcionava, e me ficou muito evidente aquilo que diz Lacan na Direção do tratamento, que não é pela via da identificação que se torna analista⁶.

Essa dificuldade me levou a repensar minha decisão em diversas ocasiões.

Quatro anos depois, em 2004, com a vinda ao Encontro Internacional, que aconteceu precisamente aqui em Buenos Aires, juntamente com outras circunstâncias que se deram ao mesmo tempo, produz-se a separação desse primeiro analista, com o qual estive em análise durante 15 anos, e produzem-se mudanças na posição subjetiva e na função de analista, no sentido de autorizar-me, o que trouxe satisfação, ao comprovar que os tratamentos começavam a avançar.

Depois de um tempo, retomo a análise com uma nova analista e realizo uma segunda volta, que precisou de uns outros tantos anos, e me permitiu ir mais além. Vislumbrar e captar melhor a estrutura enganosa e a montagem de minha fantasia.

Posteriormente (em 2010) intervenho no dispositivo do passe como passadora, experiência que também tem efeitos.

Com o tempo, pude captar as impossibilidades que a estrutura impõe, o que me permitiu mudanças na maneira de localizar-me na transferência e no modo de orientar minha intervenção.

Já não se tratava de uma identificação, mas sim que pude despojar-me dela, consentir com a falta em ser e saber, com apresentar-me ao analisante deixando de rechaçar ocupar o lugar de semblante.

Contudo, essa viragem subjetiva efetiva, que indicaria o final de minha análise, não resolve o problema do desejo do analista e o que pode fazer obstáculo a essa função. Desejo do analista, noção complexa que me interrogou e me interroga ainda.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

PRIMEIROS PASSOS COMO ANALISTA

Marta Pilar Casero Alvarez
Gijón, Espanha

Iniciei uma análise por minhas dificuldades pessoais, mas em minha prática profissional – eu trabalhava em um Centro de Saúde Mental como trabalhadora social – logo me dei conta do grande benefício que a análise trazia também para minha tarefa assistencial no campo do Trabalho Social Clínico.

A intervenção social no campo da psiquiatria exige estabelecer uma transferência prévia com os pacientes, uma relação de confiança, de apoio e quando finalmente isso se constrói ao longo do tempo, então já é possível sugerir, orientar e intervir, facilitando apoios econômicos

⁶ Lacan, J. “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 596, 601-602 e 621.

e sociais para melhorar sua qualidade de vida e possam guiar, na medida do possível, seus destinos, exercendo seus direitos ou gerindo prestações. Se não há transferência não é possível avançar.

Através de minha análise aprendi a estabelecer laços firmes continentais e sobretudo aprendi a escutar e a entender a loucura. Minha busca na vida – eu não me havia dado conta de que era uma buscadora com muitas perguntas – minhas interrogações – vamos chamá-las existenciais – giravam em torno da loucura que me rodeava e do efeito que isso havia tido em minha história vital.

Fui tomando consciência de que esta orientação me dirigia. O saber que ia extraindo da análise, o dar-me conta das habilidades que ia desenvolvendo por necessidade, para lidar com a loucura e o que continuava aprendendo; verificar que por trás das elaborações apareciam respostas às minhas perguntas; isso fez que em algum momento me desse conta de que queria me aproximar dessa loucura e construir algo mais vivo com ela, queria contribuir, vivificar, porque me considerava privilegiada de não haver sofrido em minha própria carne o terrível mal.

Sofria de uma grande raiva, ira e recusa diante do sem sentido que havia ao meu redor, mas a análise me foi apaziguando e convertendo aquele empuxo em um compromisso, na necessidade de devolver algo do que havia recebido, do que havia aprendido. A análise havia permitido desenvolver-me e situar-me melhor diante daquele sofrimento e daí surgiu então um anseio de me colocar diante de outros igualmente loucos para ajudar a construir vidas mais vivíveis.

Minha cabeça deu muitas voltas pensando se seria ou não capaz de fazer um trabalho digno, de estar à altura, sentia-me uma impostora e, no entanto, o retorno que me chegava dos pacientes com quem trabalhava no serviço público desmentia meus temores, o que me dava forças para continuar.

Após uns dez anos análise despertou em mim a pergunta sobre instalar-me ou não como analista, digo “instalar-me”, não digo desejo de analista porque isso, *après coup*, posso ver que apareceu muito mais tarde.

Dar o primeiro passo em direção a uma posição de analista – posso me dar conta hoje, não sem certa surpresa – surgiu como uma espécie de identificação a outros. Animava-me um imperativo superegótico e um anseio de trabalhar com o sofrimento e com a subjetividade de uma forma diferente daquela que conseguia conduzir no serviço público. Assim se foi forjando uma “analista em potência”, como dizia Colette Soler em nossa VII Jornada de Escola de Buenos Aires.

Além da análise, eu havia começado minha formação em seminários, a participar de cartéis e assistir Jornadas, era muito estudiosa de algumas teorias lacanianas que apenas entendia. Lembro-me dos meus preconceitos que pesavam e dificultavam aceitar as diferenças de gozo em meus primeiros analisantes, mas agora posso dizer que naqueles primeiros passos ainda não havia nada daquilo que mais tarde pude encontrar e situar como posição de analista.

Agora percebo que o que então havia era um anseio por autorizar-me como analista, um anseio acompanhado de uma “estupenda” histeria analisante e, tempos depois, à medida que continuava minha formação e ganhava experiência com minha própria prática, pude ir captando em toda sua magnitude o que realmente significava o desejo de analista, o ato e seu horror e os malabarismos da estratégia e a tática necessárias para sustentá-los. Além disso, foram necessários vinte anos de análise para limitar o “furor sanandi”, para encaixar o impossível, para ir acolhendo essas pequenas diferenças do gozo particular, algo necessário para a ética psicanalítica, um longo caminho...

São agora somente 17 anos de prática como psicanalista e considero que ainda resta pendente muita aprendizagem; mas no início lembro que sentia uma tremenda insegurança, temia não seguir bem as regras, equivocar-me, não saber interpretar, a cada caso que assumia, ia

correndo supervisionar as sessões. Temia desorientar-me com a estrutura do paciente e extraviar-me na direção da cura. Temia não saber fazer e que os pacientes fossem embora. Duvidava se estava seguindo o ritmo do paciente, se o conduzia muito depressa ou não, se captava bem o sujeito e suas posições frente ao desejo, diante do Outro...

Temia então que, ao expor os casos diante de meus colegas, minha ignorância ficasse em evidência. Temia que os pacientes se dessem conta de que tinha pouca experiência como analista e não ser capaz de vincular-me a eles. A cada sessão, repassava a anterior para que nenhuma informação me escapasse. Por sorte estava há 30 anos atendendo pacientes e ainda que naquele momento fosse apenas aprendiz de analista, nunca ocorreu nenhuma das temidas catástrofes e todos os temores se foram resolvendo quando comecei a dar-me conta de que era necessário aceitar o não saber e que uma parte importante do trabalho também ficava a cargo do paciente, que era necessário o tempo para fazer-se ao ser.⁷

A Escola e o vínculo com os colegas foram um suporte naquele momento e são agora mais necessários que nunca quando já se evaporaram os ideais e resta um caminho de trabalho tanto na clínica quanto a nível associativo. É nesta hora que se tem consciência de que se decidiu escolher esse silêncio essa solidão em nome da escuta dessa diferença absoluta que cada paciente porta. Os vínculos com os colegas da Escola são o apoio sobre o qual repousamos para sustentarmo-nos nesta impossível profissão, o que atua como um motor para sustentar o compromisso.

Primeiros passos hesitantes e ainda muito caminho pela frente...

Tradução: Luis Guilherme C. Mola

QUEM CAUSA?

Claire Parada
Paris, França

Esta proposição de intervenção me deu a oportunidade de mergulhar novamente nas dificuldades do início. Leva-se tempo para entrar verdadeiramente na função e percebo que os dois pontos que eu gostaria de abordar mantêm uma certa atualidade, permanecem como questões que remetem sem cessar ao ofício, como espetadas para não deixar adormecer na função.

O primeiro ponto era a questão da posição do analista: como ocupá-la? Qual legitimidade? Com efeito, «o analista só se autoriza de si mesmo», longe de facilitar as coisas: «então qualquer um pode se instalar quando quiser», ao contrário, introduz uma dificuldade ainda maior. Nenhuma legitimidade se assenta em um diploma, ou em um grande Outro que nomeie ou valide. Então, de onde viria a legitimidade? Essa é uma pergunta que não podemos deixar de nos fazer no início. Em todo caso, ela não vem de um saber universitário, nem do eu que toma essa decisão. A tendência é então de recobrir essa falta com uma vestimenta imaginária e « bancar o analista », encarnar uma « razão social » que termina por atrapalhar a prática.

Então, como ocupar esse lugar, como ser a causa, a causa que cause o outro a dizer um pouco mais sobre o que o causa? Com o que operamos, pois muito rapidamente percebemos que não é um saber fazer aprendido na universidade e eu diria que isso, isso vem com o trabalho da

⁷ Lacan, J. Radiofonia. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 425.

própria análise e a queda das identificações, é bastante sutil, mas muito sensível a captar. Não é mais estar representando a figura do analista imaginário, há algo que cai e que deixa a descoberto a função da causa, da causa do desejo.

O outro ponto, trata-se do que se visa na fala do analisante. Como não se deixar levar pela historietta que ele nos conta e da qual ele gostaria de nos fazer partícipes enquanto espera por respostas concretas? Se sustentar na linha dura de que a única chance de responder à demanda propriamente analítica é não responder à historietta. O que também não quer dizer nada, aliás. Então, no que prestar atenção? Atenção flutuante, nos diz Freud, não se prendendo a nada em particular para escutar aquilo que se repete, o que insiste nos ditos. Isso pressupõe não se deixar fascinar pelas significações para deixar aparecer aquilo que causa os ditos, mais do que o que eles significam. Tarefa árdua se não a experimentamos nós mesmos no tratamento analítico. Deve-se ser capaz de partir do seu desejo de saber do início ou, talvez, de seu desejo de saber de analisante. Sempre visar, para além dos ditos, onde se aloja o desejo e onde se abriga o gozo.

Notamos como esses dois pontos são necessária e intimamente intrincados: a posição do analista e o que é visado no tratamento. O que é visado orienta, de certa maneira, o modo como o analista vai ocupar o seu lugar o que, por sua vez, induz uma certa orientação no discurso do analisante em direção ao que o causa.

Tradução: Zilda Machado

PRIMEIROS PASSOS DE ENTRADA NA FUNÇÃO DE ANALISTA

Lina Velez
Paris, França

A pergunta “Como alguém se torna um analista?” se declina em torno daquela do “Desejo do analista”, quer dizer: “Que função ele cumpre como analista? O que o sustenta neste lugar?” O desejo de se tornar analista é uma das possíveis consequências do tratamento, o que pode levar um analisando a esse consentimento quando, no tratamento, o sujeito atravessa a ficção que o habitava. É um encontro no tratamento que faz emergir “o desejo do analista”. Esse encontro implica uma resposta: consentimento ou recusa.

Esse desejo é o resultado de um encontro contingente com o que está na própria origem do desejo, uma falta onde o sujeito havia alojado algo de seu ser. A emergência desse desejo só pode ser feita a partir desse vazio de um modo particular para cada um. O que fazer com esse vazio? No “Seminário XI”, Lacan especifica: “É nesse ponto de falta que o sujeito tem que se reconhecer. [...] Onde o sujeito se vê causado como falta por *a* e onde *a* preenche a lacuna que constitui a divisão inaugural do sujeito¹”.

O que leva um analisando a passar ao lugar do analista? No meu caso, foi nesse momento do tratamento que o encontro com esse vazio me levou, me parece, a me reconhecer nesse ponto de falta, e essa experiência me confrontou com a castração em outra modalidade que não a da impotência imaginária. Esse vazio surge do encontro com um ponto do absoluto. Acho que

¹ Lacan, J. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964). 2ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998. p. 255.

apreendo as coordenadas do desejo do analista com a mutação do desejo de saber, particularmente a renúncia ao saber absoluto sobre o significante do gozo. O amor de saber, tomado como objeto, leva ao fracasso. Essa falta de saber toca em um impossível de dizer. O vazio é um real, não articulável a um significante. Eu poderia ter confundido a desilusão da vida amorosa com o fim da análise, ou seja, a “des-suposição” do parceiro. O amor do qual ele era objeto e sua força agalmática desmoronou após atravessar as coordenadas neuróticas dessa paixão. Descobri um certo masoquismo do gozo, e o amor pela decifração passou da luz para a escuridão. Amor ao homem e amor à verdade eram equivalentes. Um desmorona com o outro. Naquele momento, fui designada como passadora e atravessei uma zona de tumulto do qual surgiram afetos como angústia, luto e o gozo de uma fase final do tratamento que não estava completamente terminado, além de uma mudança na relação de transferencial.

Como concordar em ocupar o lugar de analista? Seria uma impostura ousar dar ²esse passo? A oscilação não me permitia decidir, mesmo que eu tivesse, por muitos anos, uma prática clínica com adolescentes psicóticos em instituições. Recebi um telefonema do qual não pude escapar: ela queria começar uma análise, tinha um cargo de psicóloga em um centro de detenção porque precisava de paredes para encontrar um enquadre. Eu consenti, não sem hesitação. Assentir ao desejo de analista implica dizer “sim”, uma escolha, uma decisão. O momento não era para procrastinação, e eu só poderia ocupar esse lugar. É a partir daí que procede a passagem à analista, na medida em que consente se fazer causa do desejo de um outro. O desejo do analista é o que mantém o analisando em sua tarefa até que o objeto *a* caia "com o mesmo movimento que o psicanalista escolhe para o que tem nesse objeto, verificada a causa de seu desejo". O desejo do psicanalista só pode ser identificado em seu ato, conseqüentemente, somente depois. Como fazer para que a análise continue para além de todo efeito terapêutico, e garantir que as condições da transferência sejam mantidas e que opere no campo da análise.

Tradução: Gláucia Nagem

²NT: Em português usamos “dar esse passo” para a frase “*franchir ce pas*”. No entanto em francês o verbo *franchir* traz uma ideia de cruzar, passar por cima, saltar.

POLÍTICA
A UTILIDADE SOCIAL DO PSICANALISTA

FAZER PRESENTE A HIPÓTESE DO INCONSCIENTE

Manel Rebollo
Tarragona, Espanha

Abordar a função social do psicanalista nos leva a sua localização nos distintos discursos, dado que estes são distintas modalidades de vínculo social.

Tomamos como ponto de partida o discurso do analista, aquele onde o psicanalista ocupa seu lugar originário, semblante de objeto *a*, causando assim o dizer do analisante nesse singular laço a dois para produzir os S1 que governavam o sujeito sem que ele o soubesse: seu inconsciente.

Tratar da função social do psicanalista, só o posso pensar como sua função na particularidade da cura extrapolada aos âmbitos coletivos das relações mais ou menos humanas.

“Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”¹, escreve Lacan em “Função e campo...” em 1953. Mais adiante segue: “Que ele conheça bem a espiral a que o arrasta sua época na obra contínua de Babel, e que conheça sua função de intérprete na discórdia das línguas.”²

Cinco anos mais tarde em “A direção do tratamento”, coloca esta pergunta: “A que silêncio deve agora obrigar-se o analista para evidenciar, acima deste pântano, o dedo erguido do *São João* de Leonardo, para que a interpretação reencontre o horizonte desabitado do ser em que deve se desdobrar sua virtude alusiva?”³ A citação faz referência à literatura psicanalítica da época, considerada por ele uma pocilga (as cavalariças de Augias) da qual deveria poder emergir a sinalização do psicanalista: o dedo interpretador.

A partir destas duas citações pode-se esboçar minha ideia do que pode ser a função social do psicanalista: intérprete na discórdia dos discursos.

Freud apresentou três posições impossíveis: governar, educar e analisar, que Lacan extrapolará em seus discursos acrescentando uma outra impossibilidade: “fazer desejar”, com a qual se estrutura o discurso histérico, o único onde o inconsciente se valora como saber que não pensa, nem calcula, nem julga, tal como comenta em “O triunfo da religião”.

Governar e educar são duas funções muito valorizadas a nível social e de vasta tradição, diante das quais o psicanalista está em posição de recém-chegado.

“Como estavam no estágio de seu despertar – refere-se aqui aos psicanalistas -, isso lhes permitiu perceber que as pessoas que governam, assim como as que educam, não fazem no final das contas a mínima ideia acerca do que fazem. Isso não as impede de fazê-lo, e inclusive

¹ Lacan, J. Função e campo da palavra e da linguagem. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998, p. 322.

² *Ibidem*.

³ Lacan, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998, p. 648.

de fazê-lo muito mal... A chegada do analista à sua função própria permitiu uma iluminação lateral do que sejam as outras funções.”⁴

Freud não falou da posição do cientista, uma vez que para ele era tabu, segundo Lacan. Trata-se também de uma posição impossível, só que a ciência não tem a mínima ideia disso e esta é a sua sorte.

Mesmo sem ter ideia do que fazem, em algumas situações os cientistas têm acessos de angústia em seus encontros inesperados com a possibilidade de destruição da vida que sempre se desprende de seus experimentos. Desse modo: “A análise é uma função ainda mais impossível que as outras.”⁵ Se o mundo é o que funciona (avança, gira nos eixos, é sua função de mundo), o analista se ocupa do que não anda: o real. Neste ponto, confrontam-se muito mais com o real do que os cientistas. Confronta-se com o imundo do mundo.

Nos anos setenta Lacan contrapunha o discurso do analista a outros dois: a ciência, que foraclui o sujeito e a religião, mestra no campo da atribuição de sentido. Não se trata de competir com tais estruturas discursivas, mas de diferenciar diante delas a função social do analista: fazer presente a hipótese do inconsciente mais além do contexto reduzido do par analista-analisante.

No Encontro de Paris em 2014, Antônio Quinet falou do analista como “estrangeiro em sua própria língua”, imagem que considerei muito sugestiva, não só em sua função no tratamento, mas também em sua função social: estrangeiro em relação ao discurso imperante, aquele que coloca perguntas incômodas, perguntas que os oriundos do lugar já não se colocam por estarem desaparecidos, imersos nesse discurso desde o começo. Esta ideia de estrangeiro foi tomada de empréstimo de Luis Izcovich, que por sua vez a extraiu de Franz Kafka que a expõe nesses termos em “O Castelo”.

Somente do lugar de estrangeiro, inclusive do exílio, pode emergir o dedo interpretador do analista apontando o que fura a estrutura e questiona o saber constituído em qualquer discurso. Recordemos que “...a história nada mais é que uma fuga da qual só se narram os êxodos. Através de seu exílio (refere-se a Joyce), ele sanciona a seriedade de seu julgamento. Somente deportados participam da história...”⁶

A partícula “ex” está muito presente na terminologia lacaniana. Encontramos um de seus usos mais originais no Seminário VII, *A ética*, quando cunha o termo “extimidade”, “essa exterioridade íntima”, que atribui então à “coisa”, com a qual podemos referir-nos ao objeto *a*. Se a posição do analista é de “semblante do objeto *a*”, causa de desejo, objeto que sendo exterior se situa no coração dos ditos do analisante, causando seu dizer, também em sua função social o psicanalista ocupa uma posição de exilado do discurso de sua época, exílio desde o qual pode expor seu “não entender” que questiona e ao mesmo tempo assinala o gozo que o discurso encobre.

Entre os termos lacanianos há um verbo que se fez presente já no Seminário VI, “O desejo e sua interpretação”, e que proliferou em vários dos *Outros escritos*, particularmente em “O aturdido” e “Radiofonia”. Trata-se do verbo *ex-sistir*, com hífen ente “ex” e “sistir”. Esta grafia permite observar separadamente “ex”, partícula que denota exterioridade e “sisto”, verbo latino que se pode traduzir por estabelecer, situar, fixar, estar e que remete ao “estado”, ao “estatuto” de algo. Antepondo o “ex” ao “sisto” se produz a significação de um estar desde fora, e Lacan se refere a esta ex-sistência aos analistas. “*Isso existe...mas é porque eles funcionam. Essa função torna apenas provável a ex-sistência do analista.*”⁷, assevera na “Nota italiana” em sua referência aos analistas de Escola (AE).

⁴ Lacan, J. *O triunfo da religião, precedido de Discurso aos Católicos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005, p. 60.

⁵ Idem, p.63.

⁶ Lacan, J. Joyce e o sintoma. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 564.

⁷ Lacan, J. Nota italiana. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 312.

No mesmo texto fala do objeto *a*, que ex-siste, segundo diz, porque ele o construiu. E mais adiante, em consonância com isso, afirma a inex-sistência da relação sexual, inex-sistência que haveria de demonstrar que é impossível de escrever para que a psicanálise se igualasse à ciência.

Também “o dizer ex-siste ao dito”⁸, e o sujeito “não é mais que ex-sistência ao corte de fecho duplo do qual resulta (banda de Moebius).”⁹

Finalmente o inconsciente “ex-siste ao discurso da histérica.”¹⁰

“O inconsciente ex-siste, é motivado pela estrutura, ou seja, pela linguagem.”¹¹ Então, fazer presente a hipótese do inconsciente precisa também uma posição de ex-sistência que a torne difícil de evitar.

Para terminar gostaria de assinalar que meu recente trabalho na CAI me possibilitou pensar sobre a função dos AME não só em nossa Escola, mas também dentro e diante do mundo em geral, tanto no que diz respeito a sua humanidade quanto ao que diz respeito a sua imundície. Quando Lacan propõe que a Escola pode nomear AME aqueles analistas que tenham dado suas provas, com todo o enigmático que possa haver no uso do termo “provas”, entendo que o social, o coletivo, é um elemento a se utilizar como critério, dado que é esta, a Escola, quem tem a autoridade de “garantir” a idoneidade de tais candidatos para sua nomeação. Dedicar-se a isso mediante um procedimento manifestamente coletivo, no qual se valoriza não só o seu fazer clínico – dado fundamental – mas também seu compromisso quanto à “possível” inserção social da hipótese do inconsciente, hipótese que a princípio não é “socializadora”, mas que, de outra forma, cria obstáculos ao vínculo social em prol da singularidade do desejo do sujeito.

Tradução: Luis Guilherme Coelho Mola

FAZER PRESENTE A HIPÓTESE DO INCONSCIENTE (RESSONÂNCIA)

Mikel Plazaola
San Sebastian, Espanha

Mais fácil dizê-lo do que fazê-lo, sobretudo quando o próprio Freud, depois de toda a sua construção teórica, clínica e prática, qualificou sua obra, a psicanálise, como tarefa impossível. Apesar de seu desejo decidido em defendê-la e transmiti-la, sabia que a difusão da psicanálise não apontava ao conforto social, portanto, de difícil aceitação. Ao contrário, tratava-se de algo perigoso e contagioso.

Lacan, após anos de trabalho em seu retorno, na elaboração e extensão da psicanálise, declara em 1978: "Segundo a maneira como penso agora, a psicanálise é intransmissível"¹².

⁸ Lacan, J. O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 483.

⁹ Idem. p. 487.

¹⁰ Lacan, J. Televisão. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003, p. 517.

¹¹ Idem. p. 529.

¹² Lacan, J. (1978). 9º Congrès de l'École Freudienne de Paris sur "La transmission. 6-9 juillet 1978. *Lettres de l'École*, 1979, 25(II), 219-220. (Tradução livre, diretamente do original em francês – N. T.).

Ainda que, a intransmissibilidade, ele a refira à condição fastidiosa de que, a cada vez, a análise é algo a reinventar. Ou seja, é intransmissível na medida em que não há um protocolo padronizado que possa facilitar nem seu ensino nem sua transmissão.

Não obstante, em 1974, ele tem uma opinião um pouco diferente, com outra perspectiva que se ajusta melhor à questão que nos reúne:

“A análise é o pulmão artificial graças ao qual se tenta assegurar o que é preciso encontrar de gozo no falar para que a história continue. Ainda não nos demos conta disso, e felizmente, porque no estado de insuficiência e confusão em que os analistas se encontram, o poder político já teria acabado com eles. Pobres analistas, isso teria tirado deles qualquer chance de serem o que deveriam ser: compensatórios; de fato, é uma aposta, é também um desafio que tenho sustentado, deixo-o à mercê dos riscos mais extremos. Mas, de tudo o que pude dizer, algumas fórmulas felizes talvez sobreviverão, tudo é, no ser humano, deixado à sorte.”¹³

Aposta e risco, pois, com a sorte ao fundo, aplicável a essa possível função social do analista. Entre sequelas de pandemias, em que nos habituamos à terminologia médica, e tantas escolhas forçadas, podemos ter facilidade em escolher entre a peste, ou nos livrarmos da asfixia, fazendo presente a hipótese do inconsciente, como um sopro de ar, em um impressionante meio de evidências científicas, discursos fechados, superficialidades efêmeras e banalidades.

A primeira questão é: de que estamos falando quando pensamos na “função social de fazer presente a hipótese do inconsciente”?

Partimos do princípio de que, no procedimento de uma cura analítica, tanto a função do analista (singular, e não social, neste caso) quanto a presença do inconsciente são plausíveis e verificáveis.

Naturalmente que de outro modo, mas isso também se produz em outras atividades (seminários, cartéis, congressos, publicações), porque frequentemente quando escutamos ou lemos, ressoam-nos ecos e perguntas relacionadas com o próprio inconsciente.

De um modo geral, podemos pensar em um efeito, fora das condições do dispositivo da cura e de nossas estruturas de formação. Aí, a “função social” seria como uma causação, um efeito de extensão da psicanálise, em um contexto fora do dispositivo e das atividades docentes.

Talvez seja também um pequeno “pulmão artificial”.

Então, o que pode fazer, ou melhor, o que faz com que a hipótese do inconsciente se faça presente como uma função social do analista?

Há ajudas inestimáveis nessa tarefa, como o lapso recente do ex-presidente Bush, em um discurso, condenando veementemente a guerra da Ucrânia e Putin, mas confundindo-se e dizendo a cada vez “guerra do Iraque”, ao invés de guerra da Ucrânia, sem saber como sair do imbróglio quando se deu conta.

A anedota é uma jóia que não tem desperdício, mas não creio que tenha mais alcance do que um chiste viral, e o ridículo do personagem.

Em contraponto ao que apresenta Manel, é conhecido o rechaço gerado, creio que justificadamente, por qualquer interpretação supostamente analítica a alguém, diante de seus modos de fazer ou dizer (fora do contexto analítico): *ansia interpretandi*. Mais frequente, mas não somente, quando alguém se inicia no mundo da análise e trata de fazer ver as maravilhas da psicanálise e as manifestações do inconsciente... dos outros, claro.

¹³ Lacan, J. (1974). Déclaration à France Culture en 1973. *Le Coq-Héron*, 46-47, 3-8, p.:5 (Tradução livre, diretamente do original em francês – N. T.).

Aqui intervém a “estrangeiridade”, mas também o fato de que o inconsciente, que é inconsciente por um motivo, e o trabalho com ele, requerem condições específicas.

Este rechaço é devido a uma nuance: a presunção que esse tipo de intervenção transmite, como se quem a faz detivesse a verdade do outro.

Como rezava o conhecido estribilho: “a interpretação fora da sessão é uma agressão”.

Talvez seja essa mesma razão a que com frequência gera, no social, o rechaço ante qualquer referência ao inconsciente e, em geral, a noções psicanalíticas.

Via morta, portanto, como forma de fazer presente a hipótese do inconsciente...

Isso põe em evidência que, também no social, fora da análise, mais importante do que *o que se diz é como se diz*, a melodia da canção, mais além da letra: como, em que momento, a partir de qual posição. O saber calar em seu momento, o silêncio é também parte da melodia.

Nessa função de presentificar, da qual falamos, naquilo que tem de transmissão, há uma dificuldade inerente: transmitir o mais íntimo e singular de uma experiência verificada de um, ao universal, aos outros.

O caso mais evidente, nós o temos no passe.

Mas essa dificuldade se estende também a todo âmbito do discurso social.

Também falta um pulmão, no discurso social atual, onde, para dizê-lo rapidamente, o uso da ciência pelo capitalismo asfixia os sujeitos. Sujeito, afogado, foracluído por classificações, evidências, categorias, protocolos em todos os âmbitos da atenção sanitária: consultas dos profissionais de saúde, obrigados a atender por protocolo e contra o tempo.

Exclusividade do positivismo e da “evidência científica” nos meios oficiais do “conhecimento”, como a universidade.

E, com isso, algo que agora soa como nova “ameaça”: o desenvolvimento e a confiança quase cega nos avanços das neurociências que, ao que parece, vão desvelar os mecanismos neuronais da alma humana e, previsivelmente, também de seus pecados.

Não obstante, em outro tempo, no meio universitário, surgiu uma fascinação similar com o mapa do genoma humano: explicaria tudo que se refere ao psiquismo e à clínica. Suporia um avanço gigantesco no diagnóstico e no tratamento científico das doenças mentais.

Já se completou o mapa do genoma humano, foi investida uma quantidade enorme de dinheiro e, ao menos no que diz respeito ao psiquismo, parece que teve como destino ser pago com a mesma moeda das leis do mercado: foi engolido por novas fascinantes expectativas a respeito das neurociências.

No entanto, nem o genoma humano nem previsivelmente as neurociências evitam o mal-estar que sua própria eficácia gera nos sujeitos. Como exemplo, o mal-estar subjetivo cada vez mais difuso, mais difícil de cernir pelos sujeitos, apesar dos avanços da medicina, os fármacos, a tecnologia etc...

Mas, se escutamos Freud, por acaso não há similaridade entre o irrespirável “ecossistema” do sujeito e as objeções com as quais a função de presentificar o inconsciente se encontra...? Não são feitos da mesma matéria?

Por isso, com frequência se alude a essas objeções como resistências no discurso social. Então, pensemos o que se pode extrair da afirmação de Lacan: “Existe apenas uma resistência, é a resistência do analista”¹⁴.

Uma opção é o que diz o provérbio chinês: “Senta-te à porta de tua casa e verás passar...”

¹⁴ Lacan, J. (1954-55). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1985, p.287.

Apesar desse chamado à virtude da paciência, para os analistas, não creio que se trate de esperar sentados.

Uma via, já o disse Lacan: “O ensino da psicanálise só pode transmitir-se de um sujeito para outro pelas vias de uma transferência de trabalho”¹⁵.

E algo de transferência de trabalho há, uma vez que, apesar de tudo, 120 anos de prática em terra hostil, o discurso persiste. Bastante mais tempo do que outras soluções e práticas mais ou menos fascinantes.

Então: (e aqui modifico o título) O que é que realmente causa que se transmita, que se faça presente a *evidência* do inconsciente?

Porque o certo é que, da mesma forma que na transmissão, e apesar de todos os pesares enumerados e outros, o inconsciente é, não uma hipótese, mas uma evidência que se experimenta e se verifica, reconhecendo-a ou não.

Mais além do anedótico dos lapsos, das angústias (com diversos nomes, na atualidade), que dão conta da divisão subjetiva, comprova-se com frequência que algo que se escutou, fora dos dispositivos da cura, algo que se disse ou que foi lido em algum momento, teve um efeito determinante para alguém; que às vezes algo abre a via para articular ou querer elucidar esses mal-estares, e esses estímulos são empurrados por algum desejo.

É um postulado, que o que se transmite é o desejo.

Então, talvez o desejo de alguém, que se suponha vinculado à psicanálise, pode ser uma forma de evidenciar a hipótese do inconsciente em seu contexto social, por seu modo de atuar, escutar, referir, considerar, opinar, perguntar ou calar... ou seja, “por seu estilo”.

Estilo de fazer, diante do que divide seus contemporâneos pelo que padecem.

Uma vez que o desejo não se pode dizer, tratar-se-ia de um desejo evidenciado e percebido, mais que um desejo manifestado por sua intenção.

Podemos supor então que o que se revela é o modo de viver o desejo, o que vem acompanhado por uma ética, e que pode fazer signo.

Por ressoar com a outra apresentação: signo do estrangeiro.

A partir daí, é contingência ou sorte que essa ética tenha efeito em outros.

Lacan, na Nota italiana, especifica algo que pode ser aplicado aqui: “essa é a condição da qual, por alguma faceta de suas aventuras, o analista deve trazer a marca. Cabe a seus congêneres “saber” encontrá-la”¹⁶. É uma marca produzida pela análise, mas que se concretiza em um saber que leva em conta o real, começando pelo próprio e seu horror de saber para poder saber “ser um rebotalho”¹⁷, bem apartado de suas enfatuações e suposições de saber.

Isso evidentemente requer assegurar-se primeiro de que haja analista. Em seus afazeres fora da cura não estará como analista, mas talvez suas marcas indiquem um estilo singular que faça causa para outros.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

¹⁵ Lacan, J. Ato de fundação. In: *Outros escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 242.

¹⁶ Lacan, J. Nota italiana In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 313.

¹⁷ *Ibid*, p. 313.

PARA CONCLUIR

Ana Alonso
Madrid, Espanha

Na “Proposição...”, Lacan colocou como tarefa para a Escola que se esforçasse em dissipar a sombra espessa que recobre a junção na qual o analisante passa a analista. A isto se dedicou este VII Encontro Internacional de Escola que vamos concluir.

O passe foi designado para colocar à prova a hystorização do analista, quer dizer, fazer o relato de como e por que este se tornou analista. Hystorização que é sempre um a um, como colocaram na primeira mesa os AE da Escola.

Esse mesmo texto afirma que o “término da psicanálise chamada didática é, de fato, o passo do psicanalisante a psicanalista”. Mas, esse passe a analista requer necessariamente que a análise tenha terminado? Ou se trata de diferenciar entre o final de análise e o surgimento do desejo de analista, como momento do passe de analisante a analista?

Como ler o passe a analista? Como reconhecer a marca de analista? Se em 67 Lacan afirmava que a queda do sujeito suposto saber assegurava este passe, em 73 afirma que isso é condição necessária, mas não suficiente. É neste ponto do surgimento de um desejo inédito, de um novo saber, saber a inventar, onde se pode seguir a pista. Estes foram os pontos abordados nas duas sequências da segunda mesa desta manhã.

Então, o ponto a partir do qual alguém entra na prática analítica é o mesmo do passe a analista? Lacan assinala certa ingenuidade nesse passe a analista, ao não ser capaz de medir as consequências, como apresentaram os testemunhos da primeira mesa desta tarde.

No Prefácio à edição inglesa do Seminário XI, Lacan deixa aberta a pergunta: o que motiva alguém que liquidou sua transferência a tomar o relevo desta função? Que outra razão teria que não seja para ganhar dinheiro? Talvez o benefício que obteve em sua análise?

Para terminar, a última mesa sobre a utilidade social da psicanálise, mais além do contexto do par psicanalista-psicanalisante. Utilidade social para a qual o analista contribuirá tornando presente a hipótese do inconsciente, ocupando uma posição de exilado do discurso de sua época. Seguramente será com seu estilo no qual transparece o modo de viver o desejo, o que talvez possa fazer signo de algo estrangeiro, singular, que seja causa para outros.

Ao longo deste dia, restaram questões abertas as quais esperamos que cada um siga trabalhando e que possam servir para continuar construindo uma comunidade de trabalho, nesse saber a inventar que a psicanálise nos propõe.

Agradecemos em primeiro lugar aos apresentadores por seus trabalhos, também a todos os participantes presenciais e on-line os quais, apesar da diferença de horário, assistiram e intervieram nos debates. Como não poderia deixar de ser, agradecemos à comissão de organização, aos tradutores e técnicos de informática, especialmente aos colegas argentinos que nos acolheram tão bem e a todos que possibilitaram este encontro.

Damos por concluída a VII Jornada de Escola.

Muito obrigado.

Tradução: Beatriz Oliveira

PRÓXIMOS EVENTOS

**V jornada Interamericana de Escola
23 de junho de 2023**

**V Simpósio Interamericano
dos Fóruns do Campo lacaniano
24 – 25 de junho de 2023. São João, Porto Rico**

«Segregação e singularidade»



III Convenção europeia
14 – 16 de julho de 2023. Madrid, Espanha
Jornada de Escola
«O imperativo do laço social»

Jornadas da IF
«A ética da singularidade»

III Convenção Europeia da IF-EPFCL
Internacional dos Fóruns
Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

Madrid 14, 15 e 16 de julho 2023
Ateneo de Madrid - c/ Prado 21, 28014 - Madrid (Espanha)

JORNADA DA ESCOLA EPFCL 14 JULHO O IMPERATIVO DO LAÇO SOCIAL	JORNADA DA IF 15 E 16 JULHO A ÉTICA DA SINGULARIDADE
---	---



Wunsch 23 foi editada pelo CAOE 2021-2022, composto por: Colette SOLER, Sandra BERTA, Julieta DE BATTISTA, Mikel PLAZAOLA, Maria de los A. GÓMEZ, María Teresa MAIOCCHI. Com a colaboração de Diego MAUTINO, Beatriz OLIVEIRA, Manel REBOLLO e Susan SCHWARTZ, responsáveis das equipes de tradução.

AGRADECIMENTOS

O CIG 2020-2022 agradece afetuosamente a todos os colegas de todas as línguas que contribuíram com o trabalho de tradução. Sem esse importante esforço coletivo, seria impossível publicar periodicamente nossos debates de Escola e, assim, vivificar sua dimensão internacional.

TRADUTORES EM LÍNGUA FRANCESA

KELLY VARGAS GARCIA, NOELIA LUZAR

TRADUTORES EM LÍNGUA ESPANHOLA

XABIER OÑATIVIA, BITTORI BRAVO, FRANCISCO JOSÉ SANTOS GARRIDO, ANA ALONSO, MANEL REBOLLO, KELLY VARGAS

TRADUTORES EM LÍNGUA PORTUGUESA

BEATRIZ CHNAIDERMAN, ELYNES BARROS LIMA, GLAUCIA NAGEM, LEONARDO PIMENTEL, LUCIANA GUARRESCHI, LUIS GUILHERME COELHO MOLA, MARIA CLAUDIA FORMIGONI, MARIA LAURA CURY SILVESTRE, MARIA LUISA RODRIGUEZ, MIRIAM PINHO, TATIANA ASSADI, ZILDA MACHADO

TRADUTORES EM LÍNGUA ITALIANA

SUSANNA ASCARELLI, MARIA LUISA CARFORA, CHIARA DE GIACOMI, ROBERTA GIACCHÈ, ISABELLA GRANDE, LYNETTE LOBO, DIEGO MAUTINO, MARIA ROSARIA OSPITE, MARIA DOMENICA PADULA, LUCREZIA RICCONI, CRISTINA TAMBURINI, GAETANO TANCREDI, FRANCESCA VELLUZZI

TRADUTORES EM LÍNGUA INGLESA

DANIELA AVALOS, ELISA QUEREJETA CASARES, DIANA CORREA, KARLA ROMAN, GABRIELA COSTARDI, CHANTAL DEGRIL, ESTHER FAYE, CARNEY LEE, DEBORAH MCINTYRE, LEONARDO RODRÍGUEZ, SUSAN SCHWARTZ, DEVRA SIMIU, NICOL THOMAS

SUMÁRIO

Colette Soler (França), *Editorial* 3

CONTRIBUIÇÕES DOS CARTÉIS EFÊMEROS DO CIG 2021-2022

Cartel 1 – Passe e lalíngua

Nicolas Bendrihen (França), *Um flash* 7
Ana Alonso (Espanha), *A travessia* 9
Beatriz Oliveira (Brasil), *O que se lê no cartel do passe?* 10
Bernard Toboul (França), *O flash, o real, o não todo* 13

Cartel 2 – Demanda, surpresa, laço

Cathy Barnier (França), *A surpresa: sempre outra* 15
Christophe Charles (França), *Da surpresa ao laço* 16
Mikel Plazaola (Espanha), *Minhas reflexões para o cartel* 19
Trinidad Sanchez-Biezma (Espanha), *O cartel do passe encontra-encontro* 21

Cartel 3 – A interpretação do cartel

Introdução 23
Marie-José Latour (França), *A interpretação do cartel e a contingência* 24
Manel Rebollo (Espanha), *A interpretação do cartel: seus intérpretes* 26
Fernando Martínez (Argentina), *O passe-que-se-escuta: um limite à interpretação do cartel* 28
Julieta De Battista (Argentina), *Elogio à sombra* 30

Cartel 4 – Des-fossilizar lalíngua do passe?

Colette Soler (França), *Des-fossilizar lalíngua do passe?* 34
Sidi Askofaré (França), *Réplica a “Des-fossilizar lalíngua do passe?”* 37
Maria de Los Angeles Gómez (Porto Rico), *Réplica a “Des-fossilizar lalíngua do passe?”* 38
Sophie Rolland-Manas (França), *Réplica a “Des-fossilizar lalíngua do passe?”* 40
Sandra Berta (Brasil), *Resposta ao texto de Colette Soler, “Des-fossilizar lalíngua do passe?”* 42

O PASSE À ANALISTA

VII ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESCOLA
30 DE JUNHO DE 2022 – BUENOS AIRES

Fernando Martínez (Argentina), *Abertura* 46

Os AE nos falam do passe a analista

Anastasia Tzavidopoulou (França), *Promoção de uma queda [déchéance]* 48
Alejandro Rostagnotto (Argentina), *O passe ao desejo de analista* 52

Contribuições do CIG

Colette Soler (França), *Do psicanalista* 57
Sidi Askofaré (França), *Observações sobre a «passagem a analista»* 60
Julieta De Battista (Argentina), *Mind the gap: o não reconhecido do passe* 62
Beatriz Oliveira (Brasil), *Por uma escuta menos “alfabesta”* 65

Flashes. Primeiros passos da entrada na função de analista

Adriana Alvarez (Colômbia), <i>O analista está por ver-se</i>	69
Ida Freitas (Brasil), <i>Giro singular</i>	70
María Jesús Díaz González (Espanha), <i>Meus primeiros passos na função de analista</i>	71
Marta Pilar Casero Alvarez (Espanha), <i>Primeiros passos como analista</i>	72
Claire Parada (França), <i>Quem causa?</i>	74
Lina Velez (França), <i>Primeiros passos de entrada na função de analista</i>	75

Política. A utilidade social do psicanalista

Manel Rebollo (Espanha), <i>Fazer presente a hipótese do inconsciente</i>	77
Mikel Plazaola (Espanha), <i>Fazer presente a hipótese do inconsciente (ressonância)</i>	79
Ana Alonso (Espanha), <i>Para concluir</i>	83

PROXIMOS EVENTOS	84
-------------------------	----

